

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**O protagonismo feminino na construção e na transmissão das memórias da festa de Nossa Senhora do Rosário no quilombo Córrego do Meio (MG)**

Rosimari Cristina da Silva  
*Magister Scientiae*

**VIÇOSA - MINAS GERAIS**  
**2024**

**ROSIMARI CRISTINA DA SILVA**

**O protagonismo feminino na construção e na transmissão das memórias da festa de Nossa Senhora do Rosário no quilombo Córrego do Meio (MG)**

Dissertação Mestrado Profissional apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Raquel dos S. Sousa Lima

Coorientador: Thiago Henrique Mota Silva

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da  
Universidade Federal de Viçosa - Campus**

T

Silva, Rosimari Cristina da, 1987-

S586p O protagonismo feminino na construção e na transmissão das memórias da  
2024 festa de Nossa Senhora do Rosário no Quilombo Córrego do Meio (MG) / Rosimari  
Cristina da Silva. - Viçosa, MG, 2024.

1 dissertação eletrônica (124 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndice.

Orientador: Raquel dos Santos Sousa Lima

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de  
História, 2024.

Referências bibliográficas: .

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2024.690>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Memória coletiva; 2. Mulheres e religião; 3. Quilombolas; 4. Rosário, Nossa  
Senhora do, Festa de - Córrego do Meio (Paula Cândido, MG) ; I. II. Universidade  
Federal de Viçosa.. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em  
Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania III. Título

CDD 22. ed. 302.12

Bibliotecário(a) responsável: Alice Regina Pinto Pires CRB-6/2523

**ROSIMARI CRISTINA DA SILVA**

**O protagonismo feminino na construção e na transmissão das memórias da festa de Nossa Senhora do Rosário no quilombo Córrego do Meio (MG)**

Dissertação Mestrado Profissional apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 9 de abril de 2024.

Assentimento:

---

Rosimari Cristina da Silva  
Autora

---

Raquel dos Santos Sousa Lima  
Orientadora

Essa dissertação mestrado profissional foi assinada digitalmente pela autora em 17/03/2025 às 08:40:08 e pela orientadora em 19/03/2025 às 15:16:14. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **38YX.3PUA.MZ5U** e clique no botão 'Validar documento'.

Em memória eterna de minha querida mãe, Denise, que foi a luz que guiou minha trajetória educacional. Seu exemplo de garra e fé permanece vivo em cada página desta dissertação. Sua presença é sentida em cada conquista e desafio superado. Em homenagem à mulher incrível que moldou minha jornada, a quem dedico este trabalho, reverenciando sua memória com gratidão e amor.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, cujas mãos santas e veneráveis me sustentaram ao longo de toda a jornada no mestrado. Em momentos de esgotamento, quando a energia parecia escassa, a fé em Deus provou ser a base fundamental da vida. A intercessão da Virgem Santíssima permeou desde a inscrição no programa até as apresentações de seminários, muitas vezes após longos e exaustivos dias de trabalho.

Os milagres narrados durante as entrevistas no trabalho de campo pelas palavras dessas mulheres mencionadas na dissertação, entrelaçam-se com os milagres alcançados durante o processo de redação. Minha dedicação ao longo dessa trajetória foi marcada por suor e momentos de profunda reflexão, expressos em joelhos prostrados no chão. Assim, minha gratidão a Deus pela conquista nesta existência terrena.

À minha orientadora, Professora Raquel Lima, expressei minha sincera gratidão por sua crença nesta pesquisa, pelas orientações e críticas que nortearam e solidificaram o desenvolvimento do estudo. Agradeço também às Professoras Patrícia Araújo e Ivonete Lopes por suas contribuições importantes e necessárias, compartilhadas generosamente.

Ao Laboratório Ludens UFRJ (Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado), expressei meu agradecimento pelas enriquecedoras rodas de conversa, mesmo que virtualmente, as quais indubitavelmente agregaram conhecimento sobre o sagrado e as devoções aos santos católicos.

Ao Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa e ao Departamento de História, manifesto minha gratidão pela oportunidade concedida e pelo respeito mantido ao longo de todo o meu percurso acadêmico.

Às companheiras de mestrado, Danusi, Duda e Wanessa, agradeço pelas trocas de conhecimentos e apoio mútuo durante essa jornada.

À minha amada e eterna mãe, Denise, meu apoio educacional e incentivo diário na luta, dedico profundos agradecimentos. Sua presença no meu primeiro ano de mestrado foi vital, sempre sendo minha amiga e apoio espiritual. Mesmo ausente fisicamente para testemunhar o resultado da pesquisa, sua partida para a eternidade deixou não apenas uma dor profunda, mas também uma força renovada em mim. Sigo adiante, pois sei que ela está feliz por ter cumprido seu papel como a melhor mãe do universo. Deus, independentemente das circunstâncias, é verdadeiramente maravilhoso.

Por fim, agradeço imensamente ao meu pai, Arlindo, pelas palavras de apoio e amor ao longo dessa trajetória acadêmica. Aos meus irmãos, Rosemiro, Rônalth, Romario e Délis,

que mesmo enfrentando a dor da perda de nossa mãe, estiveram sempre ao meu lado, contribuindo de maneira significativa com palavras sábias de fé e santidade, fortalecendo assim ainda mais os laços de irmandade. Não poderia deixar em agradecer minha irmã Rosiane pelas palavras de sabedoria divina durante todo meu percurso em que estive vinculada ao programa, sempre me apoiando psicologicamente diante das tribulações da vida, fazendo de fato um papel de mãe, principalmente após a partida para a eternidade da minha mãe Denise. Ao meu namorado, Sebastião, pelo apoio e afeto durante essa trajetória, demonstrando o real significado da palavra companheirismo e amizade. Acredito que títulos vem e vão, mas o que nos sustenta verdadeiramente são os vínculos íntimos com Deus e a família, por isso me sinto realizada como ser humano.

Às mulheres citadas neste trabalho, Dona Maria, Patrícia, Dona Onília e Dona Lúcia, expresso minha profunda gratidão. Elas não são apenas figuras mencionadas na dissertação, mas parte integrante da minha vivência. O apoio espiritual que ofereceram somente a Virgem Santíssima, Rainha do Santo Rosário, poderá retribuir. Gratidão!

Certamente, esta dissertação foi escrita por várias mãos, mas uma única essência norteou esse trabalho: a devoção em Nossa Senhora do Rosário!

A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.

Conceição Evaristo

## RESUMO

SILVA, Rosimari Cristina da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2024. **O protagonismo feminino na construção e na transmissão das memórias da festa de Nossa Senhora do Rosário no quilombo Córrego do Meio (MG).** Orientadora: Raquel dos Santos Sousa Lima. Coorientador: Thiago Henrique Mota Silva.

Esta dissertação explora o protagonismo feminino na preservação das memórias da tradicional festa de Nossa Senhora do Rosário no Quilombo Córrego do Meio, em Paula Cândido, Minas Gerais, entre 1970 e 2023. Ancorada em História Oral e fundamentos teóricos multidisciplinares, a pesquisa destaca a contribuição essencial das mulheres na construção identitária e na transmissão intergeracional das tradições quilombolas. A investigação inicia com uma contextualização histórica, explorando as origens da festa e os desafios enfrentados pela comunidade. A análise teórica abrange memória, eixo central da dissertação, além de resistência cultural, identidade quilombola e o papel das mulheres nas práticas festivas. A pesquisa de campo inclui entrevistas com mulheres representativas da comunidade. Os resultados revelam a complexidade e a riqueza das experiências compartilhadas, destacando a festa como um palco onde fé, cultura, memória e resistência se entrelaçam. As narrativas evidenciam a importância da festa não apenas como celebração religiosa, mas como evento que molda a identidade quilombola e preserva tradições ancestrais. O produto final, um livro intitulado "Raízes Vivas: Memórias de Nossa Senhora do Rosário", visa documentar e celebrar a contribuição das matriarcas na afirmação da identidade do Quilombo Córrego do Meio. A proposta inclui a integração do livro no contexto educacional da Escola Estadual José Maurílio Valente, como ferramenta de transmissão de conhecimento e fortalecimento da identidade quilombola. Em síntese, a dissertação destaca o protagonismo feminino como elemento central na preservação das memórias da festa, enriquecendo a compreensão das dinâmicas culturais e de gênero na comunidade quilombola. O estudo contribui para a valorização e visibilidade das mulheres como agentes ativos na construção e transmissão das tradições, ressaltando a importância de abordagens interdisciplinares e inclusivas na pesquisa acadêmica.

Palavras-chave: Protagonismo Feminino. Memórias Culturais. Identidade Quilombola. Festa de Nossa Senhora do Rosário. Preservação Tradicional

## ABSTRACT

SILVA, Rosimari Cristina da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, April, 2024. **Female protagonism in the construction and transmission of memories of the festival of Our Lady of the Rosário in quilombo Córrego do Meio (MG)**. Adviser: Raquel dos Santos Sousa Lima. Co-adviser: Thiago Henrique Mota Silva.

This dissertation explores the protagonism of women in preserving the memories of the traditional festival of Nossa Senhora do Rosário in the Quilombo Córrego do Meio, in Paula Cândido, Minas Gerais, between 1970 and 2023. Grounded in Oral History and multidisciplinary theoretical frameworks, the research highlights the essential contribution of women in identity construction and the intergenerational transmission of quilombola traditions. The investigation begins with a historical contextualization, exploring the origins of the festival and the challenges faced by the community over time. The theoretical analysis encompasses memory, the central axis of the dissertation, as well as cultural resistance, quilombola identity, and the role of women in festive practices. Field research includes interviews with representative women from the community. The results reveal the complexity and richness of the shared experiences, highlighting the festival as a stage where faith, culture, memory, and resistance intertwine. The narratives underscore the importance of the festival not only as a religious celebration but also as an event that shapes quilombola identity and preserves ancestral traditions. The final product, a book titled "Raízes Vivas: Memórias de Nossa Senhora do Rosário," aims to document and celebrate the contribution of matriarchs in affirming the identity of Quilombo Córrego do Meio. The proposal includes integrating the book into the educational context of the José Maurílio Valente State School, serving as a tool for knowledge transmission and strengthening quilombola identity among students. In summary, the dissertation emphasizes the protagonism of women as a central element in preserving the memories of the festival, enriching the understanding of cultural and gender dynamics in the quilombola community. The study contributes to the valorization and visibility of women as active agents in the construction and transmission of traditions, highlighting the importance of interdisciplinary and inclusive approaches in academic research.

Keywords: : Feminine Protagonism. Cultural Memories. Quilombola Identity. Our Lady of; theRosaryFestival. Traditional Preservation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Panfleto com a oração a Nossa Senhora do Rosário; reinados em suas diferentes épocas .....	29
Figura 2 – Congado de airões .....	32
Figura 3 – Comunidade quilombola do córrego do meio - dimensão familiar-parental .....	34
Figura 4 – Visita a FCP em 2015 afim de levar documentos necessários para certificação.....	37
Figura 5 – Certidão emitido no dia 18 de novembro de 2015 pela Fundação Cultural Palmares (FCP), reconhecendo córrego do meio como uma comunidade remanescente de quilombo. ....	38
Figura 6 – Carta elaborada pelo ex-secretário de cultura de Paula Cândido, Thaynã Paes.....	53
Figura 7 – Casebre cultura, situado no quilombo do córrego do meio.....	55
Figura 8 – Modificações na festa de nossa senhora do rosário antes e depois da certificação.	56
Figura 9 – Composição do congado no dia da festa.....	56
Figura 10 – Participação do grupo de maracatu o bloco no dia do festejo.....	57
Figura 11 – Igreja de Nossa Senhora das Dores (Airões) e o grupo de congado no dia do festejo .....	60
Figura 12 – Capelinha de Nossa Senhora do Rosário do quilombo Córrego do Meio.....	62
Figura 13 – Dona Odília apresentando as indumentárias do congado .....	69
Figura 14 – Dona Maria, à direita .....	70
Figura 15 – Patrícia como rainha no ano de 2022, juntamente com seu companheiro de reinado, Antônio Júlio.....	72
Figura 16 – Membros do congado carregando o andor com imagem de Nossa Senhora do Rosário .....	73
Figura 17 – Imagens do dia do festejo em que Patrícia foi rainha .....	74
Figura 18 – Dona Lúcia em diferentes anos da festa do Rosário .....	76
Figura 19 – Procissão do dia do festejo após a missa .....	77
Figura 20 – Imagem de Nossa Senhora do Rosário .....	80
Figura 21 – Dona Onília confeccionando as roupas .....	82
Figura 22 – Diálogos na cozinha.....	87

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Entrevistas.....	26
-----------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. CAMINHOS PELA PESQUISA: MEMÓRIAS E QUILOMBISMO.....</b>	<b>17</b>
2.1. <i>Ponto de partida na encruzilhada da pesquisa.....</i>	<i>17</i>
2.2. <i>O quilombo Córrego do Meio: Povo em busca de reconhecimento.....</i>	<i>31</i>
<b>3. ALUMIÔ, ALUMIÔ A COROA DA RAINHA ALUMIÔ: NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, UMA RELAÇÃO COM AS MULHERES .....</b>	<b>42</b>
3.1. <i>Festa do Rosário de Airões ou Festa do Rosário do Córrego do Meio.....</i>	<i>46</i>
3.2. <i>O festejo centenário: salve Maria! Viva Nossa Senhora do Rosário!.....</i>	<i>49</i>
3.3. <i>“Tão mudanu” a festa: festança pela cultura e pela fé .....</i>	<i>53</i>
<b>4. MEMÓRIAS E O PROTAGONISMO DE MULHERES NO QUILOMBO .....</b>	<b>62</b>
4.1. <i>Dona Onília Maria Calazans e Dona Maria.....</i>	<i>65</i>
4.2. <i>Patrícia e Dona Lúcia Celestino.....</i>	<i>70</i>
4.3. <i>Diálogos na cozinha: um encontro de saberes e tradições .....</i>	<i>82</i>
<b>5. PROPOSTA DO PRODUTO FINAL.....</b>	<b>88</b>
<b>6. O LIVRETO.....</b>	<b>92</b>
<i>“MARIAS PELA FÉ, PELA INCLUSÃO SOCIAL E PELA CULTURA”: biografias e.....</i>	<i>97</i>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>116</b>
<i>APÊNDICE A – Perguntas das entrevistas.....</i>	<i>124</i>
<i>Perguntas para as mulheres dos movimentos sociais .....</i>	<i>124</i>
<i>Perguntas para as mulheres que não fazem parte do movimento social.....</i>	<i>124</i>

## 1. INTRODUÇÃO

Venho de uma família de seis irmãos, da união matrimonial de Arlindo Norberto da Silva, hoje aposentado, e Denise Aparecida Rocha Silva, falecida em 2022 em decorrência da Covid-19. Nossa família subsistia da lavoura de café e milho, assim como da árdua tarefa de capinar a roça, embora muitas vezes a remuneração não proporcionasse uma qualidade de vida confortável. No entanto, meus pais, incansáveis, persistiam na busca por melhores condições para seus filhos. Minha mãe, dotada de grande devoção, sempre nos orientou a reverenciar os santos e temer a Deus, tendo desempenhado o papel de dama de compromisso nas festas do Rosário, em virtude de milagres alcançados.

O anseio final de minha mãe pela conclusão de meu mestrado, desde meu ingresso no programa, conferiu um significado singular a este momento derradeiro. A força e a fé que ela sempre nos instigou a cultivar constituíram os pilares impulsionadores desta dissertação.

Iniciei minha trajetória educacional aos cinco anos, frequentando todo o ensino fundamental na Escola Estadual José Maurílio Valente, localizada no distrito de Airões. Diante da ausência de ensino médio nesta instituição, transferi-me para a Escola Estadual Samuel João de Deus, situada no município de Paula Cândido. Este processo de transição entre instituições reforçou a certeza de que, por meio da educação, poderia converter o sonho de ser educadora em realidade. Os desafios frequentemente eram superados com astúcia, em momentos nos quais, por falta de caderno, via-me obrigada a utilizar as contracapas, muitas vezes já preenchidas até a última página.

Após concluir o ensino médio, empreendi diversas tentativas de ingresso no ensino superior, notadamente na Universidade Federal de Viçosa (UFV), por meio de vestibulares. Em 2015, obtive êxito ao ingressar no curso de Licenciatura em Educação do Campo, impulsionada pelo incentivo familiar e por uma amiga que já cursava tal disciplina. Destaco que, no ano de 2014, em conjunto com um grupo de moradores do Córrego do Meio, majoritariamente mulheres, articulamos a fundação de uma associação com o propósito de obter o reconhecimento federal da comunidade como remanescente de quilombo, a fim de comprovar que, sim, o Córrego do Meio tem raízes afro e que somos descendentes de Zumbi dos Palmares. Para isso, uma organização coletiva entre os moradores foi de extrema necessidade para que esse reconhecimento acontecesse. As parcerias entre órgãos, como a Prefeitura Municipal de Paula Cândido, por meio da Secretaria de Cultura, Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de Juiz de Fora, foram importantíssimas para que a comunidade compreendesse o que era quilombo e a dimensão que seu reconhecimento traria para todos. Mas

é claro que, infelizmente, para alguns, naquele momento, foi difícil o entendimento, historicamente compreendido, visto que as lembranças do que já se ouvira sobre quilombo e a população que foi escravizada é sempre de subalternização, vassalagem e condições sub-humana, e o receio de uma possível volta a tudo isso era questionada. O papel da associação foi justamente explicar para os moradores do que se tratava essa luta por reconhecimento e reparação histórica do povo negro quilombola. O “porta em porta” e as conversas longas resultaram no cadastramento de 53 famílias oriundas da comunidade, contudo, ressalto que houve questões significativas em que alguns membros da mesma família não se autorreconheceram naquele momento, e assim o cadastro não foi efetivado.

Ao longo do levantamento sobre a ancestralidade do território, os moradores mais experientes desempenharam um papel fundamental na transcrição da memória para o papel. Eu, minha mãe, Dona Denise, Dona Onília, Patrícia, Dona Lúcia Celestino, Dona Maria, Tia Joaquina, juntamente com toda a comunidade, estávamos imbuídas nesse processo. O trabalho coletivo culminou na certificação do Córrego do Meio como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 2015.

Naquele ano, minhas irmãs, Délis Regina e Rosiane Faustina, também eram graduandas na mesma instituição, no curso de Educação Infantil. A certificação nos proporcionou acesso à política do Bolsa Permanência, conquista do povo quilombola destinada a assegurar a permanência de seus remanescentes no ensino superior. Todavia, foi nesse período que surgiram conflitos na associação. Sem aprofundar nos detalhes desse episódio, marcado pela perda do certificado original, contamos apenas com a palavra do então presidente de que ele havia desaparecido ou, quiçá, sido destruído. A participação de Vandeli Paulo Santos, ex-funcionário da extinta SEDA e amigo de luta, foi crucial para superar tais obstáculos e garantir o acesso ao programa nos anos seguintes. Em 2015, motivada pela experiência de vida, candidatei-me à presidência da associação e fui eleita em 25 de novembro de 2018. Essa política de inclusão social, política e educacional manteve-me como membro desde a fundação até 25 de janeiro de 2021. Assumi o cargo em contato com Jesus, presidente da Federação N’Golo, que me orientou a falar com Leonardo, representante da Fundação Palmares na época. Após minha identificação como representante da comunidade, foi gerada uma cópia do certificado reconhecendo Córrego do Meio como uma comunidade remanescente de quilombo.

Graduei-me em Educação do Campo pela UFV em janeiro de 2020 e, em seguida, iniciei minha especialização em Gestão Social pela Universidade Norte do Paraná, concluindo em fevereiro de 2021. Após todo esse processo educacional, ingressei no programa de pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagem e Cidadania em março de 2021 pelo

Departamento de História da UFV, visto que desde a minha infância sempre me interessei em conteúdos relacionados a cultura de modo geral. Com isso, precisei me ausentar da associação para dar continuidade aos meus estudos, mas continuo nos bastidores, pois a militância não deve dar pausa. Infelizmente com a chegada do certificado, iniciou-se um conflito interno entre alguns moradores, principalmente por parte de alguns membros da associação. Esse conflito, muitas vezes, foi perceptível por pesquisadores que participavam das rotinas culturais da comunidade, os quais ora apaziguavam, ora se mantinham neutros. Em uma passagem durante uma reunião, um membro do sexo masculino se expressou de forma autoritária e agressiva diante a mim, que, na época, concorria à presidência da associação. Nesse sentido, durante esse período, enfrentei desafios, especialmente em termos verbais e psicológicos, que me fizeram me sentir incapaz por muito tempo. No entanto, como uma negra que não foge à luta, não abaixei a guarda, mesmo quando fui chamada de incapaz em reuniões por lutar pela inclusão de todos, especialmente pelos invisíveis. A aprovação no mestrado na UFV, apesar das palavras de ódio, é fruto de muita luta contra a opressão e violência de gênero.

Diante desse relato de parte da minha trajetória acadêmica e familiar, posso afirmar que esta dissertação se baseia em dois pilares importantes: fé e dedicação. É uma dissertação escrita por várias mãos, várias Marias, expressando a essência da memória e da vivência.

Nesta dissertação, embarcamos em uma jornada de descobertas que destaca o papel crucial do protagonismo feminino na preservação das memórias da festa de Nossa Senhora do Rosário, no Quilombo Córrego do Meio, cujo festejo acontece na Igreja Nossa Senhora das Dores, situada no distrito de Airões, em Minas Gerais. Ancorada a uma abordagem metodológica que combina História Oral e fundamentos teóricos multidisciplinares, esta pesquisa propôs-se a explorar as intrincadas conexões entre a identidade quilombola, as tradições ancestrais e o papel central desempenhado pelas mulheres na transmissão intergeracional dessas narrativas.

Para que nesta dissertação haja a conexão entre a abordagem metodológica do eixo da minha linha de pesquisa, que é Patrimônio, Memória e Identidade, e todas as questões sobre as quais me propus pesquisar, efetuei algumas divisões norteadoras.

O primeiro capítulo aborda como se deu o processo da constituição dos caminhos que foram necessários para dar início à pesquisa, com uma abordagem pelas “Escrivências” da escritora Conceição Evaristo, traçando caminhos de como cheguei ao projeto de pesquisa, apresentando as fundamentações teóricas e a estruturação (objetivos, metodologia e hipóteses). Nesse tópico, apresento quais mulheres foram pesquisadas, qual vínculo com a comunidade e com a festa de Nossa Senhora do Rosário e também o meu contato com elas. Este capítulo contextualiza os caminhos que nos levam ao Quilombo Córrego do Meio, uma comunidade de

povo negro em busca de reconhecimento, enfocando o território e as lutas para que fosse reconhecido como Comunidade remanescente de quilombo, e os desafios enfrentados pela comunidade ao longo do tempo. Ao compreender as raízes da comunidade, mergulhamos nas nuances de suas tradições e no papel significativo das mulheres na construção indenitárias quilombola.

No segundo capítulo é feita uma descrição da festa do Rosário, focalizando o momento festivo como um espaço onde o protagonismo feminino se destaca. Analisamos como as mulheres não apenas participam ativamente das celebrações, mas também desempenham um papel crucial na organização e preservação das tradições. Este capítulo mostra as dinâmicas festivas, nas quais fé, cultura e resistência se entrelaçam, criando um cenário rico para a compreensão mais profunda de suas contribuições.

Já no terceiro capítulo são tratadas as histórias e experiências das seguintes mulheres do Quilombo Córrego do Meio: Dona Onília Maria Calazans, Dona Maria, Patrícia e Dona Lúcia Celestino, que compartilharam suas memórias, revelando a complexidade e a riqueza de suas experiências. Diálogos na cozinha foram explorados como encontros de saberes e tradições, oferecendo uma perspectiva única sobre a transmissão intergeracional do conhecimento e o papel vital desempenhado pelas mulheres nesse processo.

Ao longo da pesquisa, fomos conduzidos por um caminho que busca não apenas documentar, mas celebrar as contribuições das matriarcas na afirmação da identidade do Quilombo Córrego do Meio. Como resultado, o trabalho não apenas ressalta o protagonismo feminino na preservação das memórias da festa, mas também enriquece nossa compreensão das dinâmicas culturais e de gênero em comunidades quilombolas, ressaltando a importância de abordagens interdisciplinares e inclusivas na pesquisa acadêmica.

Em relação ao produto final, a proposta é a formulação de um livreto que contenha as vivências e memórias das matriarcas (algumas já falecidas) que contribuíram para a afirmação da identidade do Quilombo Córrego do Meio em torno da festa de Nossa Senhora do Rosário, festividade essa que ocorre anualmente no mês em que se celebra seu dia, outubro. A intenção é que esse livreto possa ser utilizado em espaços culturais de troca dentro da comunidade e, posteriormente, como material de apoio na Escola Estadual José Maurílio Valente, localizada no distrito de Airões, que foi reconhecida em 2017 pelo Governo de Minas Gerais como escola quilombola, devido à inserção de alunos remanescentes do Quilombo Córrego do Meio. A educação quilombola a partir das memórias das mulheres servirá para fortalecer a visibilidade delas, e também no processo de ressignificação da construção da identidade da comunidade

com base na educação quilombola para que os alunos conheçam parte da história do referido quilombo.

Compreender a origem da própria cultura nos leva a traçar estratégias para a valorização da mesma, assim, o campo educacional, na minha concepção, é um viés fundamental, pois a partir daí se pode criar um pensamento crítico, desviando-se de pensamentos igualitários de cultura que não se conhece, mas se critica. A cultura afro-brasileira, por meio das memórias e fazeres dessas mulheres que contribuíram na formação identitária do quilombo, são exemplos a serem conhecidos e seguidos, pois melhor do que falar em cultura por meio da educação é viver a própria cultura através de seus antepassados. A memória é, assim, uma junção de concepções por aquele que talvez não tenha vivenciado o que o outro viveu, mas que tem conhecimento e respeito da grandeza de tudo que foi vivido, transmitindo, assim, a tantas outras gerações.

A interface entre o mestrado e o produto a ser apresentado para o quilombo Córrego do Meio traz um diálogo de comunidades tradicionais com universidades em uma perspectiva de extensão pela indissociabilidade que permitirá vários outros trabalhos futuros na busca pelo bem comum social e valorização de saberes em vários âmbitos. Os ritos e as imagens sacras representadas nas festas católicas abordadas em disciplinas cursadas durante meu percurso no programa me trouxe a dimensão simbólica do quão importante é o papel da memória na salvaguarda desses bens imateriais. Nesse contexto, o livreto possibilitará o contato da comunidade com a memória por meio do tato, do palpável, agregando conhecimentos sobre a própria cultura para as novas gerações.

## 2. CAMINHOS PELA PESQUISA: MEMÓRIAS E QUILOMBISMO

É necessário compreender as questões das lutas dos povos quilombolas de forma a se compreender que, sobretudo, suas representações culturais e seus gritos de luta por igualdade provêm de um passado que os tinham como objeto de barganha e fonte de riqueza em uma época em que a aniquilação da população escravizada muitas vezes se davam no fundo de navios onde eram tratados de forma desumana. E mesmo hoje, no século XXI, infelizmente a luta por equidade racial é um dos desafios dessa população invisibilizada pela sociedade.

Castro Alves (1998), escritor brasileiro da terceira geração romântica no Brasil, em seu poema Navio Negreiro, traz de forma poética (o que não era nada poético por aqueles que estavam naqueles navios), as nuances dolorosas desse período escravocrata:

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras, moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais ...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
E voam mais e mais...

A herança africana está presente no Brasil, especialmente em algumas festas populares religiosas, como as dedicadas à Nossa Senhora do Rosário. Acreditamos, igualmente, que, apesar de toda a diversidade cultural, existe uma experiência comum de apreensão do sagrado (Bastide, 2013).

### 2.1. Ponto de partida na encruzilhada da pesquisa

A presente pesquisa lança um olhar profundo sobre a Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, situada no distrito de Airões, município de Paula Cândido, na região da Zona da Mata de Minas Gerais. Ao direcionar seu foco para a atuação das mulheres dessa comunidade na organização e execução da festa dedicada à Nossa Senhora do Rosário, entre a década de 1970 e o ano 2023, a investigação buscou analisar o papel dessas mulheres na salvaguarda e transmissão das memórias associadas a esse evento religioso. O recorte temporal de 1970

justifica-se por ser a década em que algumas das entrevistadas começaram a participar da festa, e a de 2023, de quando as entrevistas foram realizadas.

Ao delimitar o que seria investigado no campo da pesquisa etnográfica, e com o embasamento no que havia sido apresentado anteriormente na seleção do processo seletivo do programa do mestrado, me veio várias indagações na elaboração da construção da pesquisa, como o aprofundamento das questões do território e das mulheres que outrora eram apenas vizinhas com um vínculo de afetividade e que, agora, passariam a ser também o foco do estudo. A relevância cultural da festa de Nossa Senhora do Rosário no Quilombo Córrego do Meio para a afirmação da identidade étnica traz consigo a questão da auto-organização interna por parte dos remanescentes, com grande participação do coletivo de mulheres, por consequência, vinculando-se à igreja católica. Será que essas mulheres realmente exercem o mesmo papel que os homens dentro da festa? Qual é o lugar de fala delas? Todas participam do movimento pela ressignificação quilombola?

Algumas rupturas culturais ou até mesmo a permanência desses atores coletivos possibilitam uma investigação mais profunda, observando as mazelas deixadas pelo patriarcado. Quem são essas mulheres que foram reprimidas e impossibilitadas de serem as porta-vozes das suas histórias? Suas histórias de fato foram contadas? Ao problematizarmos essas questões e trazermos para o campo acadêmico, abrimos espaço para a possibilidade de novas narrativas dentro do quilombo Córrego do Meio e de perspectivas da história da memória local. Dias e Vieira (2021) afirmam que destacam que o pesquisador sempre está inserido em uma realidade e possui uma visão política que influencia suas escolhas sobre o que pesquisar e as questões que levanta sobre o passado. Assim, não há neutralidade, mas um compromisso com a veracidade, pois a História é uma ciência.

Pesquisar, de fato, é uma encruzilhada, e dúvidas são caminhos que nos levam a ir na direção das incertezas e do ilusório, mas de forma alguma do certo ou errado, porque o conhecimento e o saber não se anulam diante das indagações, mas se juntam em uma possível nova indagação (Laville, 1999). Isso é pesquisar.

O trabalho por meio da pesquisa oral nos possibilita criar vínculo com o território. O cotidiano dos que são pesquisados, de certa forma, passa a ser o nosso, no olhar atento e na escuta profunda dos detalhes, que podem ser reveladores para a pesquisa. A oralidade em comunidades tradicionais é um acervo riquíssimo de sujeitos atuantes e não atuantes, que nos apresentam relações de pertencimento de fato com a sua cultura. O passado existe em nossa memória junto com o passado lembrado de outras pessoas (nosso passado faz parte da vida de outras pessoas). A Memória é um dinamismo que permeia introversão do que pode ser

palpável ou não para que o inevitável seja contestado, por meio de fragmentos (artefatos, provenientes da ação natural ou do homem) ou mesmo pela oralidade do que já foi vivido, legitimando o passado. História e memória são perceptíveis por comportamentos em relação ao conhecimento sobre o passado. A natureza coletiva da história desvia da memória: atentando-se que o passado de que eu me recordo pode ser parcialmente compartilhado com outras pessoas, contudo, dentre essas recordações, pela memória, de fato, é exclusivamente meu, mas o conhecimento histórico é produzido e compartilhado coletivamente e sua percepção implica em compartilhamentos pela coletividade. Conforme Lowenthal (1998), lembrar o passado é fundamental para a nossa identidade, pois entender o que fomos confirma quem somos. A continuidade de nossa identidade está diretamente ligada à memória, que conecta nossas experiências às versões anteriores de nós mesmos, mesmo que tenhamos mudado ao longo do tempo.

Analisando e destacando a multiplicidade de formas de organização das mulheres em movimentos sociais, percebe-se que as líderes culturais, políticas e matriarcais da mulher negra quilombola emergem como agentes dinâmicos em um movimento social distinto e singular, desafiando estigmas históricos. O estudo propôs não apenas explorar, mas também dar a possibilidade de se ouvir as memórias dessas mulheres, desvendando suas experiências e contribuições na tessitura da história da comunidade. A noção de ancestralidade, presente na filosofia Ubuntu (Moraes, 2019), ressalta a repetição e assombração em diáspora, apontando para um futuro que se desenha a partir das heranças do passado. A temporalidade da pesquisa não é apenas uma narrativa histórica; é uma jornada que se projeta no presente, alimentada pelas raízes que se estendem ao longo do tempo. A obra de Gohn (2010) ressurge na discussão sobre a história da mulher negra quilombola como lideranças culturais, políticas e matriarcais. O enfrentamento das lutas de gênero por equidade na sociedade revela um contexto quilombola que proporciona espaços próprios de aglutinação, escapando dos papéis tradicionais e desafiando estereótipos. A pesquisa busca, assim, aprofundar a compreensão das dinâmicas sociais e culturais dessas mulheres, destacando sua resistência e inovação.

A escolha metodológica da pesquisa oral em comunidades tradicionais, abordagem imersa na tradição oral, oferece um terreno fértil para a emergência de narrativas autênticas e profundas, facilitando assim uma melhor compreensão do assunto abordado, tanto do ponto de

vista do pesquisador, quanto das pessoas pesquisadas, traçando um entendimento por meio da cultura social afro-diaspóricas<sup>1</sup>

A compreensão do patrimônio cultural, conforme definido pelo IPHAN<sup>2</sup> (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), oferece uma lente através da qual as tradições quilombolas são consideradas elementos portadores de referência à identidade e à memória dos diferentes grupos sociais. Nesse sentido, a pesquisa não se restringe aos aspectos materiais, estendendo-se às memórias, práticas e vivências transmitidas ao longo das gerações.

Halbwachs (1990), ao conceber a memória como um processo de reconstrução, destaca sua não linearidade e interação complexa entre acontecimentos passados e relações sociais presentes. Respaldados nessa perspectiva, ressalta-se a necessidade de abordar as memórias associadas à festa de Nossa Senhora do Rosário não como registros estáticos, mas como narrativas em constante diálogo com o presente.

Assim, a complexidade da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio se desvela, revelando uma trama intrincada de elementos históricos, sociais e culturais que convergem para a compreensão da importância do protagonismo feminino na preservação e transmissão das tradições. Este estudo transcende a mera investigação acadêmica; é uma incursão pelo passado, presente e futuro da comunidade, com as mulheres desempenhando um papel central na construção dessa narrativa. Ao desvendar essas camadas, a pesquisa busca contribuir para a valorização, preservação e entendimento mais profundo da riqueza cultural inscrita na história dessas comunidades quilombolas.

A história do Quilombo do Córrego do Meio, como explorada em trabalhos anteriores, tem sido predominantemente centrada na memória da identidade da comunidade, narrada majoritariamente pelos homens, como evidenciado pelo Mestre Boi, atual líder da Banda de Congo (Oliveira, 2017). A presente pesquisa pretende ir além dessas narrativas tradicionais que não apresentam os relatos sobre a cultura e devoção da comunidade. Assim, justifica-se a necessidade de dar espaço a essas mulheres que desempenham papéis fundamentais na preservação e transmissão das tradições do quilombo Córrego do Meio. Entretanto, a narrativa até agora tem sido delineada, em sua maioria, por protagonistas masculinas, resultando em uma perspectiva parcial da história do quilombo. A invisibilidade das mulheres na sociedade,

---

<sup>1</sup> A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanos durante o tráfico transatlântico de escravizados. Junto com seres humanos, nesses fluxos embarcavam nos tumbeiros (navios negreiros) modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas.

<sup>2</sup> O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe a ele proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. Acesso em: <http://portal.iphan.gov.br>

embora muitas vezes conformada por elas, está em transformação com a modernização e as lutas feministas. Esta pesquisa, conduzida por uma moradora e pesquisadora interna, visa abordar essas questões, trazendo novas narrativas e perspectivas sobre a história e memória locais.

Esta pesquisa buscou contribuir para a ressignificação da participação das mulheres quilombolas, destacando o papel delas na construção de uma narrativa que vai além dos estereótipos historicamente impostos. Esse empoderamento cultural, de gênero e intelectual ajudou a transformar a postura das mulheres em relação à sua participação na comunidade. Anteriormente, essa participação se limitava, em grande parte, a ajudar os maridos na roça. Agora, ela se expande para uma prática de cultivo e plantação de forma agroecológica, lutando ativamente contra o sistema opressor e hegemônico por meio da promoção da soberania alimentar e da melhoria da qualidade de vida. Isso ocorre por meio de ações coletivas e parcerias com outros grupos de mulheres e instituições voltadas para a alimentação saudável e a participação em outros campos sociais.

Conforme afirma Grada Kilomba,

A reivindicação de feministas negras não é classificar as estruturas de opressão de tal forma que mulheres negras tenham que escolher entre a solidariedade com homens negros ou com mulheres brancas, entre “raça” ou gênero, mas ao contrário, é tornar nossa realidade e expectativa visíveis tanto na teoria quanto na história. O movimento e a teoria de mulheres negras têm tido, nesse sentido, um papel central no desenvolvimento de uma crítica pós-moderna, oferecendo uma nova perspectiva a debates contemporâneos sobre gênero e pós-colonialismo (Kilomba, 2019, p. 108).

Com base nas palavras de Kilomba (2019), justifica-se esta pesquisa, que tem como objetivo geral analisar a atuação das mulheres do Quilombo Córrego do Meio na organização e execução da festa dedicada à Nossa Senhora do Rosário, bem como estudar o papel dessas mulheres na transmissão das memórias associadas a esse evento religioso entre os anos de 1970 e 2023. Em primeiro lugar, a pesquisa visou identificar quais mulheres têm participado ativamente na organização, execução e transmissão das memórias da festa de Nossa Senhora do Rosário. Essa abordagem permitiu mapear o protagonismo feminino ao longo do tempo e compreender as mudanças e continuidades nesse envolvimento.

Além disso, a pesquisa tinha como objetivo investigar de que forma a festa de Nossa Senhora do Rosário contribuiu para a formação da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. Traçar conexões entre a celebração religiosa, o empoderamento feminino e o pertencimento à cultura afro-brasileira foi crucial para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais dessa comunidade.

Outro objetivo específico foi identificar as diferentes formas de pertencimento das mulheres na festa, destacando as estratégias de participação ao longo do tempo. Isso envolveu uma análise comparativa que abrangeu desde décadas passadas até a contemporaneidade, proporcionando uma visão panorâmica das transformações na participação feminina na festa de Nossa Senhora do Rosário.

A pesquisa também propôs resgatar fotografias e objetos utilizados pelo congado ou durante as festas religiosas na comunidade. Esses elementos materiais são considerados parte integrante do patrimônio cultural e contribuem para a reconstrução das memórias associadas à festa ao longo das décadas.

Ao relacionar a devoção a Nossa Senhora do Rosário e o congado com o empoderamento das mulheres quilombolas, a pesquisa busca entender como a religiosidade está entrelaçada com a construção identitária e o fortalecimento das mulheres na comunidade.

Por fim, no âmbito das práticas culturais, a pesquisa se propôs a identificar e destacar nomes que contribuíram para engrandecer e valorizar a tradição do povo negro na comunidade quilombola do Córrego do Meio. Reconhecer esses agentes culturais é fundamental para compreender a riqueza da herança cultural que permeia a história dessa comunidade.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de cunho exploratório, utilizando análise documental, história oral e pesquisa de campo como principais instrumentos de coleta e produção de dados. A revisão bibliográfica inicial abrangeu estudos dedicados à compreensão da formação dos quilombos de Minas Gerais, utilizando dados atualizados do IBGE para contextualizar o desenvolvimento e a regulamentação desses espaços na identidade nacional.

A análise documental visa aprofundar o entendimento sobre a cultura congadeira, recorrendo a pesquisas que abordam a devoção a Nossa Senhora do Rosário e questões patrimoniais relacionadas ao congado pelo IPHAN. Essa análise se torna crucial para enriquecer a compreensão das práticas culturais que envolvem a festa e sua relevância no contexto quilombola.

A pesquisa de campo, por sua vez, foi conduzida por meio de observações e entrevistas, utilizando a metodologia da história oral. Segundo Ferreira,

A história oral consiste nas histórias, memórias, identidades e cultura de um indivíduo, de um povo que são transmitidas de geração para geração, com o objetivo de registrar e preservar essas memórias ou informações de fonte primária que pode ser disponível ao público (Ferreira, 2023, p. 36).

A escolha pela abordagem qualitativa se justifica pela natureza intrínseca das questões a serem exploradas, que requerem uma imersão mais profunda nas experiências e memórias das mulheres quilombolas. A seleção dos sujeitos da pesquisa foi orientada pela relevância de suas participações nos processos investigados. O grupo de mulheres escolhidas para as entrevistas reflete a importância dessas lideranças na organização da festa e na preservação das tradições quilombolas. A relação prévia da pesquisadora com essas mulheres vai além do campo acadêmico, incluindo laços familiares e afetivos, o que confere à pesquisa uma perspectiva mais íntima e contextualizada.

Ao reconhecer a importância do protagonismo das mulheres quilombolas, a pesquisa busca contribuir para a construção de narrativas mais inclusivas e representativas da história da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. O resgate das memórias, práticas culturais e contribuições dessas mulheres é fundamental para valorizar e preservar a riqueza da herança cultural inscrita na história da comunidade. As tradições e as peculiaridades são protegidas por essas "guardiãs de memórias", que desempenham um papel fundamental na valorização das festas religiosas populares, como a dedicada à Nossa Senhora do Rosário.

Entre as hipóteses, destacou-se a que atribui às lideranças quilombolas femininas um papel relevante na manutenção da memória da festa de Nossa Senhora do Rosário e, conseqüentemente, na reprodução do sentimento de pertencimento social e identidade cultural da comunidade. Acreditou-se que as mulheres da comunidade atuam não apenas organizando e participando do congado, mas que, por meio da festa de Nossa Senhora, elas contribuem para agregar e reverberar as práticas do catolicismo, ao mesmo tempo em que incentivam e reforçam o sentimento de pertencimento dos moradores como quilombolas. Muitas perguntas foram feitas para confirmar ou refutar essas hipóteses. Serão as práticas festivas atuais as mesmas de antes? O que as mulheres faziam e continuam fazendo nos dias que antecedem a festa e nos dias da celebração? A indumentária usada atualmente no congado é a mesma da década de 70?

Essas mulheres, fundamentais na preservação das tradições do Quilombo Córrego do Meio, desempenham papéis significativos na organização e execução da festa dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Dona Maria do Nascimento, uma referência nas organizações religiosas da comunidade, recebe em sua casa o cortejo e a banda de congado durante a festa,

desempenhando um papel central nas celebrações. Dona Lúcia Celestino, figura-chave nas discussões sobre a festa na comunidade, traz consigo uma tradição cultural e devocional, sendo uma presença constante na organização do evento. Como rainha de compromisso em diversas ocasiões, ela contribui para a construção e transmissão das memórias festivas. Patricia Carmo, rainha nos últimos dois anos, além de seu papel na festa, destaca-se como militante social e feminista, participando ativamente da Associação da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. Dona Onília, congadeira e memória viva da comunidade, desempenha papéis variados, desde cozinheira até artesã na confecção da indumentária do congado.

Essas mulheres, verdadeiras "guardiãs de memórias", são cruciais para a valorização das festas religiosas, como a dedicada à Nossa Senhora do Rosário. A pesquisa trabalhou com a hipótese de que as lideranças femininas quilombolas desempenham um papel essencial na manutenção da memória da festa, contribuindo para o sentimento de pertencimento e identidade cultural na comunidade. Essas questões, embasadas pela curiosidade da pesquisadora, buscaram aprofundar a compreensão das vivências, da fé e da participação das mulheres na memória da festa dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

A necessidade de uma pesquisa focada nas mulheres quilombolas ampara-se na seguinte reflexão da antropóloga paulista Maria Neuza Mendes de Gusmão: "Este trabalho não pretendeu tomar por perspectiva a mulher. Foi o trabalho de campo que as descobriu e desvendou sua importância. Este é um trabalho que fala de mulheres" (Gusmão, 1996, p. 25). Esse processo de descoberta ocorreu gradualmente durante as visitas de campo que Gusmão fez ao Brejo dos Crioulos, quando, por meio da proximidade com a realidade vivida pelas mulheres quilombolas, a autora constatou a necessidade de ouvir essas mulheres em sua pesquisa sobre o Brejo dos Crioulos.

A interação, denominada por Souza (2013, p. 56) como geoetnografia, caracteriza-se pela vivência do pesquisador com o ambiente estudado. Esse envolvimento, que vai além do momento do trabalho de campo, é essencial para compreender as complexidades das realidades quilombolas. A pesquisa etnográfica, sendo um exercício de observação e escuta, exige que o pesquisador se desloque de sua própria cultura para se situar no fenômeno estudado.

O percurso da investigação, entre o planejamento e as escolhas, permitiu desvendar o cotidiano e as territorialidades das mulheres quilombolas. A metodologia adotada envolveu participação ativa, convivência, perguntas, conversas e observações detalhadas. É enriquecedor viver um tempo imerso na comunidade, estabelecendo um contato pessoal e íntimo, o que facilita uma entrada respeitosa e não invasiva.

A escolha das mulheres quilombolas como participantes da pesquisa foi realizada por meio de visitas às comunidades, diálogos informais e levantamento aleatório, considerando liderança, articulação política, trabalho e participação nas comunidades. O procedimento metodológico adotado baseou-se na pesquisa etnográfica, destacada por Souza (2013, p. 63) como uma abordagem que prioriza o contato direto do pesquisador com o tema estudado.

No que se refere à pesquisa bibliográfica, as dissertações de Costa (1999) e Costa (2015), juntamente com a tese de Salgado (2015), forneceram uma visão aprofundada do território quilombola de Brejo dos Crioulos. A leitura desses trabalhos, somada a uma busca extensiva por estudos relacionados, contribuiu para contextualizar as experiências das mulheres quilombolas e sua importância nos contextos sociais, políticos e culturais.

Diante da vasta gama de pesquisas disponíveis, optou-se por um levantamento de teses e dissertações, priorizando a leitura descritivo-analítica das realidades apresentadas, com foco nas mulheres quilombolas como sujeitas históricas e sociais. Esse processo permitiu identificar a evolução das discussões, os contextos abordados e o protagonismo das mulheres quilombolas frente às transformações políticas e sociais no país.

Compreende-se que a pesquisa bibliográfica não apenas fundamenta o entendimento sobre a temática, mas também revela a importância das mulheres quilombolas como protagonistas em diversas áreas do conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento sustentável, a educação étnico-racial, a saúde, a luta pelo reconhecimento territorial e outros aspectos fundamentais.

Na tabela a seguir, têm-se os dados das entrevistadas.

Tabela 1 – Entrevistas

<b>Entrevistada</b>	<b>Dona Onília</b>
Data de Nascimento	27 de maio de 1952
Participação no Congado	Desde criança, convidada pelo tio e mestre fundador
Tempo de Dedicção	15 anos
Transmissão do Conhecimento	Bisneto de 7 anos e genro também participam do Congado

Experiência Pessoal	Forte abraço ao receber a entrevista; mãe solo, criou 4 filhos com ensinamentos de persistência, devoção e humildade
Participação nas Atividades	Cozinha, confecção dos trajes, persistência no enfrentamento dos obstáculos
Destaque na Festa	Surpreendida com foto em um livro; vestiu trajes de congadeira com orgulho

<b>Entrevistada</b>	<b>Dona Maria (Madrinha Maria)</b>
Data de Nascimento	16 de janeiro de 1956
Atividades	Ministra da eucaristia, madrinha da bandeira, "criada" nas festas do Rosário
Tradições	Participação ativa em tradições como o hasteamento do mastro e alvorada da banda de congado
Visão Atual	Mudanças nas indumentárias, diversificação da festa com a participação de outros grupos culturais
Papel da Mulher	Participação ativa na roça, panha de café, sem divisão de gênero na cozinha
Reflexão Pessoal	Participação como rainha nos anos 2021 e 2022, destaque para desafio de representar a cultura africana
Reflexão Atual	Mudança na festa com a participação de outros grupos; participação ativa como rainha nos anos 2021 e 2022
Desafios	Enfrentamento de estereótipos; participação em eventos como palestrante para expor cultura e conhecimento popular

<b>Entrevistada</b>	<b>Patrícia</b>
Participação na Festa	Iniciou aos 12 anos, segurando a bandeira no grupo de congo José Lucio Rocha
Significado de Mulher	Significado familiar, social, fonte de vida

Conceito de Fé	Vem de dentro, espontânea, confiar em Deus
Entrevistada	Dona Lúcia Celestino
Data de Nascimento	31 de outubro de 1942
Participação na Festa	Participação ativa em diversas áreas, incluindo a função de rainha diversas vezes
Papel da Mulher	Enfatiza igualdade de gênero na cozinha; participação ativa dos filhos na preparação dos alimentos
Mudanças na Festa	Perda de essência com participação de "outsiders"; mudanças nas roupas e mistura de grupos
Contribuição	Atividade constante desde a juventude; ajuda na confecção de roupas; contribuições no café da alvorada
Reflexão Pessoal	Emoção na hora da coroação; respeito pela coroa e tradição de Nossa Senhora do Rosário como dos pobres e negros

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Ao se debruçar sobre o cotidiano das mulheres quilombolas, sua história e importância no contexto de sobrevivência do grupo social, a pesquisa busca descortinar sua realidade, compreender suas perspectivas sociais e econômicas e avaliar possíveis melhorias nas condições de vida. Reconhecendo que as mulheres quilombolas enfrentam vulnerabilidades devido à cor, etnia e gênero, a pesquisa busca ir além dessas questões e trazer à tona a importância dessas mulheres no cenário sociocultural (Leite, 2019).

A memória através da oralidade dessas mulheres se expressa em um contato de devoção aos santos nesse território, mediando diversas categorias de pensamento social. Distinguem-se, assim, duas formas de fé: pelo catolicismo popular ou tradicional. Contudo, ambas têm como finalidade a devoção ao sagrado.

Sobre a finalidade da devoção na Festa de Nossa Senhora do Rosário no Brasil, Vieira (2003) esclarece que, além de celebrar Nossa Senhora do Rosário, a festa também enaltece Santa Efigênia e São Benedito – santos negros que trazem representatividade e mostram a relação que o congado tem com a festa desde sua origem. A partir de uma breve busca sobre a

história desses santos, é possível perceber que Ifigênia, ou Efigênia, era filha dos reis da Núbia, uma região da Etiópia. Já São Benedito era da Itália, mas seus pais eram escravos, nascidos também na África. É clara a relação entre a realidade desses santos e a realidade dos congadeiros, sejam os de hoje ou os de 1853, com algumas ressalvas. A ligação com Nossa Senhora do Rosário é diferente, pois não se trata de identidade étnica; a relação é de devoção. De acordo com a história que se conta, foram os congadeiros que resgataram a santa de um rio ou de uma mata tocando seus tambores, depois de muitas outras tentativas frustradas por parte dos brancos de colocá-la em uma capela.

Figura 1 – Panfleto com a oração a Nossa Senhora do Rosário; Reinados em suas diferentes épocas.



Fonte: acervo pessoal da autora

Analisando as fotos acima, temos, nas imagens à esquerda, representações do ano de 2009. Neiva e seu filho Neiomir fizeram parte do reinado. Nesse mesmo ano, devido o contato amigável entre Neiva e sua família, ela havia relatado que Deus iria curá-la dos problemas de saúde, do diabetes descompensado, então por esse e outros motivos, ela e o filho resolveram ofertar esse sacrifício em nome da fé. Infelizmente, não consegui recuperar fotografias do reinado desse ano, contudo trago em minha memória afetiva o quão emocionante foi, pois

Neiva, mesmo com a visão comprometida devida à doença, caminhou durante toda a procissão no dia do festejo, mostrando que fé e gratidão andam juntas.

As fotografias ao centro, por sua vez, retratam a festa antes da certificação. A imagem acima é no reinado do ano de 1987 que teve os reis de compromisso Senhor José Ventura e dona Maria Ventura (ambos já falecidos). Nessa época, as rainhas vestiam trajes da cor rosa ou azul, em reverência à cor do vestido de Nossa Senhora<sup>3</sup>, e os reis sempre trajavam ternos. Já a imagem de baixo, que é de 2006, retrata a troca da capa. Nesse momento, o pároco da época retira a capa do rei “velho” e a transfere para o rei “novo”, e, mesmo após anos, observa-se que os trajes continuam seguindo a tradição de 1987, e dos anos anteriores que se seguiam à Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Nas imagens à direita, vemos os reis de compromisso 2018: a fotografia de cima é de Maria de Lourdes e Pedro. Nesse ano, a Comunidade já havia sido certificada como remanescente de quilombo e também já era perceptível algumas mudanças em torno da festa, como a grande presença de pesquisadores nos dias em preparação e também na festança, mudança nas indumentárias e até mesmo no rito. Contudo, nesse ano, esses reis, apesar de sua participação nos movimentos culturais para o quilombo, optaram por uma côrte como era antes da certificação, como as cores do vestido da rainha voltadas para o que remetia as roupas de Nossa Senhora. Na figura de baixo, vê-se os reis de compromisso no ano de 2022, Patrícia (uma das mulheres a qual entrevistei) e Antônio Júlio, que optaram por trajes afro, tanto deles quanto da côrte.

A pesquisa destaca como essa devoção negra proporciona uma expressão simbólica que ressignifica a estrutura de poder, representando culturas, reforçando laços de pertencimento étnico/racial e dimensionando a própria estrutura de poder.

A celebração festiva é permeada por diversas manifestações culturais e educativas, adquirindo uma nova dimensão ao ser abordada no âmbito da pesquisa, transformando-se em um espaço de análise acadêmica. Nos dias que antecedem o ápice da festividade, as comunidades de Quilombo Córrego do Meio e Airões se tornam territórios receptivos para visitantes e estudantes. Durante o cortejo, a presença de turistas se mistura com a dos habitantes locais, configurando um campo emblemático de fé, educação popular e cultura. Esses momentos sociais nas comunidades tradicionais são frequentemente observados por quem vem de fora, que se integra ao ponto de usar os trajes dos participantes do congado ou do reinado, tornando-se parte do contexto temporal e espacial.

---

<sup>3</sup> Quando me refiro a Nossa Senhora não especifico qual, pois na Igreja Católica todas Nossas Senhoras representam a mesma: Maria Mãe de Jesus Cristo, a Imaculada.

Essa dinâmica se repete quando o reinado vem de outro território, fazendo com que seus membros se estabeleçam na comunidade e a transformem em sua morada durante os preparativos e até o dia da celebração principal.

Sousa e Haizenreder (2013, p.107) colocam que

Independente da complexidade de uma festa religiosa, o homem religioso sente a necessidade de participar do tempo sagrado, pois é um acontecimento que foi originado há muito tempo e que, por meio do rito, torna-se presente naquele momento.

Em uma conversa informal, Dona Irene Rocha, filha do saudoso mestre fundador do congado de Airões, José Lúcio Rocha, compartilhou que sua avó estabeleceu as vestimentas do congado, que consistiam em calça branca, saia azul, capa azul e capacete branco, conhecidos como "componentes". Essas vestimentas eram uma referência às roupas da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Quanto ao traje do mestre nessa época, por volta da década de 1970, era composto por calça, blusa e camisa brancas, capa azul com três a sete fitas e saia azul plissada, meticulosamente costurada à mão por sua esposa. Na camisa, eram fixadas seis fitas, três de cada lado, nas cores azul, branca e amarela. Dona Irene ainda detalhou que a capa usada pelo mestre não podia ser amarrada, simbolizando a prisão enfrentada por seus antepassados que, agora libertos, não desejavam ser aprisionados novamente. O traje tinha o propósito de transmitir a ideia de liberdade, destacando que o mestre não era prisioneiro de ninguém. Adicionalmente, mestres não utilizavam capacetes como os demais membros; em vez disso, um casquete era colocado em suas cabeças. Irene enfatiza que, naquela época, os integrantes dos congos eram exclusivamente homens e crianças negras.

Figura 2 – Congado de Airões



Fonte: Acervo: Fundação Casa da Cultura Padre Antônio Mendes-Paula Cândido-MG.

Na figura, José Lúcio Rocha (primeiro à esquerda); Belarmino Fortunato Rocha (primeiro à direita); Raimundo Januário (centro)

Dançar ou “pular congo” vai além das questões ritualísticas e devocionais, compreendendo que esse espaço carrega uma série de gritos e protestos. Cada sílaba recitada pelos participantes é uma forma de demonstrar suas intenções e razões. Recorro à minha memória afetiva com a comunidade, lembrando dos versos que ouvi diversas vezes na voz de Dona Maria de Lurdes, que expressava um choro de lamentação e súplica pela tão sonhada liberdade e refúgio das torturas sofridas nas fazendas e senzalas. No mundo atual, essas lutas se manifestam, em alguns casos, através do patriarcado, da repressão racial e de maneira geral, da sociedade. Os espaços de manifestações culturais, na maioria das vezes, são locais de debate e resposta a algo. Bakhtin, em sua análise sobre o carnaval e a cultura popular no período renascentista, aponta que, ao contrário da festa oficial, o carnaval representava o triunfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, com a abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus (Bakhtin, 1987). Inspirados por Bakhtin, podemos pensar no congado como uma forma de libertação.

## 2.2. O quilombo Córrego do Meio: Povo em busca de reconhecimento

Dias, Paes e Vieira (2020) explicam que a análise do espaço, quando contextualizada na realidade social, ajuda a compreender como os processos sociais, especialmente a diáspora africana, influenciaram as transformações nos espaços urbanos e rurais. Eles afirmam que o Quilombo Córrego do Meio está localizado no município de Paula Cândido, uma cidade de aproximadamente dez mil habitantes, que inclui diversas comunidades rurais e alguns distritos. A economia e a cultura locais estão associadas a um estilo de vida mais interiorano, com destaque para as atividades de pecuária e cultivo de café, milho e feijão. A religião exerce uma forte influência na cultura local, sendo as Festas do Rosário o evento mais significativo, movimentando a economia e o turismo da cidade ao atrair comerciantes e chamar a atenção de pesquisadores e fotógrafos que acompanham a celebração.

Falar sobre reconhecimento é transcrever a luta coletiva de um movimento social que, por meio de uma organização interna de seus territórios, com intuitos mútuos, une-se em busca de direitos. No caso em estudo, a luta quilombola busca, através da Fundação Cultural Palmares, reforçar e validar a cultura ancestral, promovendo a inclusão em escala federal.

É imperativo realizar uma crítica e análise bibliográfica da situação na qual os cativos escravizados, infelizmente, eram submetidos, a troco de nada, como se fossem menos que seres humanos. O tráfico atlântico, movido pela economia, destacava grupos africanos, notadamente os bantos e sudaneses, arrancados brutalmente de suas terras. No Brasil, onde o catolicismo predominava, a dominação clerical buscava suprimir as expressões culturais, instruindo os escravizados a se submeterem à devoção aos santos católicos.

Nesse contexto, as estratégias de resistência ganhavam força, utilizando elementos como a devoção aos santos, os batuques e as danças como instrumentos de enfrentamento aos acorrentamentos culturais. Tais práticas, permeadas por uma forte presença religiosa e expressões culturais distintas, representavam uma resposta contundente à opressão e um anseio por liberdade. É neste panorama que Palmares, conforme ressaltado por Antônio Bispo dos Santos (2015), emerge como um símbolo emblemático de resistência. Nesse território, a relação intrínseca com o espaço e as celebrações festivas transcenderam a perspectiva dos colonizadores, transformando-se em uma ameaça aos valores por eles estabelecidos. Esta dinâmica de resistência e celebração, enraizada em práticas culturais profundas, serve como pano de fundo para compreendermos as entrevistas que se seguem, proporcionando um mergulho nas vivências, crenças e lutas das mulheres entrevistadas em suas manifestações culturais e devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Geograficamente, a Comunidade Quilombola do Córrego do Meio está localizada no distrito de Airões, município de Paula Cândido, na região da Zona da Mata de Minas Gerais. A estrutura visual da comunidade é organizada socialmente por uma dimensão familiar-parental. Marques (2016) destaca a subdivisão em agrupamentos de casas ou vilas, orientados e delimitados por Córregos, que recebem nomes das matriarcas falecidas da comunidade. Estes Córregos convergem na parte baixa da comunidade, formando o Córrego do Meio, que continua seu trajeto pela região.

Trata-se de uma comunidade permeada por saberes locais, cosmologias, modos de vida e dinâmicas culturais próprias, que se depara com uma parcela constante de expansão de atividades ligadas ao eucalipto em seus limites internos e externos. Seus moradores vivem em terras herdadas de seus antepassados, organizando-se por meio de laços de descendência e sucessão em que filhos e filhas herdam a propriedade da terra, não se limitando, como em alguns casos verificados (Marques, 2016, p.6)

Figura 3 – Comunidade Quilombola do Córrego do Meio - Dimensão familiar-parental



Fonte: Trabalho de Conclusão de curso de Aparecida Eli de Fatima Celestino (2019)

No entanto, ao longo dos anos, muitas tradições da comunidade foram se esvaindo, como o uso de plantas e ervas cultivadas no quintal, substituídas por técnicas farmacêuticas e medicamentos industrializados. Foi necessário um processo de ressignificação de valores e saberes para que os moradores se reconhecessem como pertencentes a um território quilombola. A Associação Quilombola, formada em 2014 por uma parceria entre a Universidade Federal de Viçosa, a Universidade Federal de Juiz de Fora, a Secretaria de Desenvolvimento Agrário e outros órgãos, desempenhou um papel crucial nesse processo. O empenho dos moradores, especialmente de figuras como Dona Denise, Dona Onília, Tia Joaquina, Mestre Boi e toda a comunidade, levou à certificação do Córrego do Meio como comunidade quilombola pela FCP em 2015.

Em 1988, era a concretização de um sonho. A Fundação Palmares tem como uma de suas missões a preservação e manutenção das comunidades remanescentes de quilombos.

Naquele janeiro de 2015, lembro-me perfeitamente como se fosse neste exato momento: nós, em uma composição da associação com doze membros, 80% deles mulheres, indo em direção à capital federal com entusiasmo, nossos saberes e tendo a devoção à Virgem Santíssima como intercessora para sermos titulados como remanescentes de quilombo. Já disse que nós, mulheres, somos devotas em qualquer situação? Bem, digo que somos, e somos as vozes que acompanharam os acordes da viola, ora era da sanfona do Seu Benedito (para os mais achegados, *Ti Bené*<sup>4</sup>) dentro daquele micro-ônibus da UFV. Era cantiga de roda, música de folia de reis, arriscávamos um repente, música de congado, era um verdadeiro caldeirão cultural.

Dona Maria de Lourdes (63 anos), minha mãe de leite, congadeira e sempre presente na banda de Congo José Lucio Rocha, mãe de três filhas, avó de cinco netas, lavradora e apanhadora de café nas lavouras da região de Airões, também estava presente. Lourdes, como é chamada por todos na comunidade, teve de enfrentar o preconceito da época, pois a sociedade não via com bons olhos mulheres que decidiam ocupar lugares em que até então só havia homens. E no congado não era diferente, pois não havia outras mulheres tocando. Dessa forma, ela precisou da permissão do marido para que os mestres da época, Raimundo Januário e Chico Botelho, a aceitassem na banda.

Dona de uma voz imponente, Lourdes, naquele dia, arriscava, em marcantes estrofes, um repente aquilombado para aquele momento importante. Transcrevo a letra abaixo, contudo, a sonoridade ficou em cada centímetro daquela rodovia da região Centro-Oeste:

---

<sup>4</sup> Como nasci e cresci tendo Ti Bené como vizinho nas estadas do quilombo, arrisco-me a dizer que é um homem de fé e festeiro. Criado nos trabalhos da roça, sempre ao lado de sua falecida esposa, Dona Joana, e seus filhos. Seu Bené, congadeiro .

*Meus quilombolas*

*Onde me chamar eu vou (2x)*

*Nessa terra em qualquer lugar*

*Eu vou com Nosso Senhor*

Patrícia, que na época era fiscal da Associação, em meio à sonolência e ao cansaço, acompanhava o ritmo. Ela, que tem orgulho em dizer que tem quatro filhos, todos ingressos no curso de Licenciatura em Educação do Campo pela UFV, é produtora rural, feirante, militante dos movimentos de mulheres rurais, agente da pastoral do batismo, esposa, doméstica e também já teve a honra de ser coroada no ano de 2022 como rainha de compromisso da festa de Nossa Senhora do Rosário da comunidade. Tudo isso vivido em seus 43 anos de muita labuta e peleja, mas sempre acompanhado de um singular sorriso.

A certificação marcou um ponto crucial, especialmente para as mulheres da comunidade. Desde então, o empoderamento feminino tornou-se mais evidente, abrindo portas para diferentes esferas, inclusive na política. A participação das mulheres na organização e realização de eventos, apesar de muitas vezes não ser percebida à primeira vista, é fundamental. A certificação proporcionou uma mudança significativa na festa de Nossa Senhora do Rosário, evidenciando o papel fundamental das mulheres na preservação da cultura e das tradições quilombolas.

A educação popular desempenhou um papel importante nesse processo, permitindo que os mais sábios compartilhassem conhecimentos sobre a comunidade, suas tradições e sua história. A transmissão do saber popular pela memória é essencial para a manutenção da cultura quilombola, e a certificação proporcionou uma oportunidade para revitalizar e preservar essas tradições.

Figura 4 – Visita a FCP em 2015 afim de levar documentos necessários para certificação.



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Na imagem podemos observar a presença das mulheres (Marcilene, Rosimari (eu), Delis (minha irmã), Patrícia, Aparecida, Claudia, Dona Maria de Lourdes, Natalia e Marta).

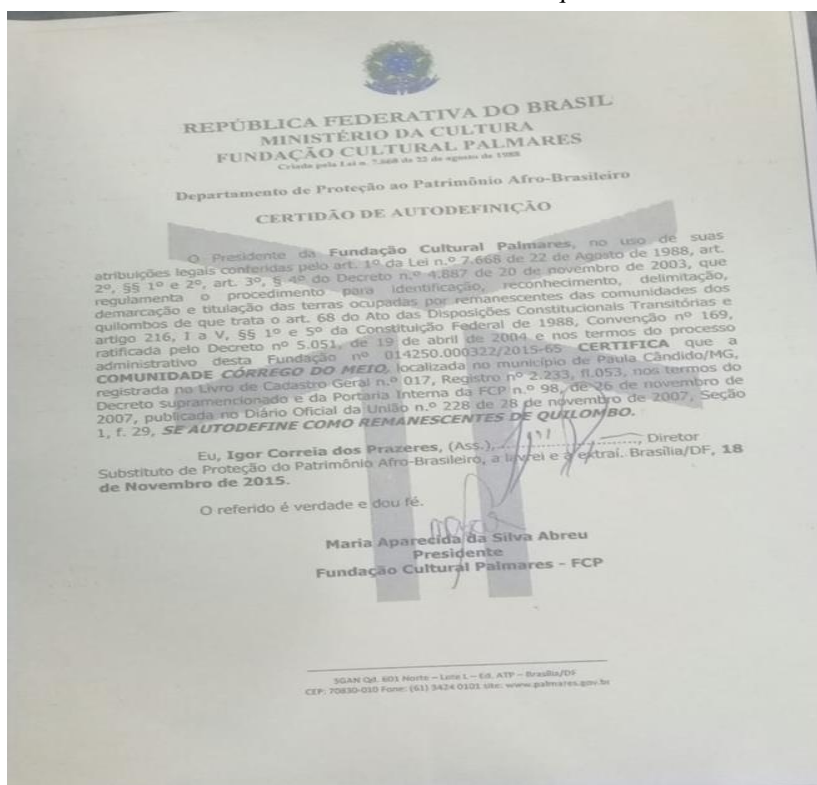
A festa de Nossa Senhora do Rosário tornou-se um ponto central de celebração e resistência cultural. A comunidade, ao celebrar a festa, reforça suas raízes, mantendo viva a espiritualidade, a música, a dança e a culinária quilombola. A festa é um momento de encontro, celebração e resistência, em que a comunidade se conecta com suas origens e reafirma sua identidade. Além disso, serve como uma oportunidade para mostrar a riqueza da cultura quilombola para pessoas de fora da comunidade, promovendo a valorização e o respeito pela diversidade cultural.

No entanto, é importante destacar que o reconhecimento e a certificação não resolveram todos os desafios enfrentados pela comunidade quilombola. Ainda há questões relacionadas à infraestrutura, acesso a serviços básicos, como saúde e educação, e a garantia de direitos territoriais. A luta continua e a comunidade, agora fortalecida pelo reconhecimento, busca enfrentar esses desafios com base em sua identidade e história.

O reconhecimento da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio é um exemplo de como o reconhecimento oficial pode fortalecer a identidade cultural, promover o empoderamento e contribuir para a preservação de tradições e memórias. A certificação pela Fundação Cultural Palmares representou um marco importante, permitindo que a comunidade se afirmasse como remanescente quilombola e buscasse seus direitos. No entanto, é crucial que

esse reconhecimento seja acompanhado de políticas efetivas que garantam o pleno exercício desses direitos e enfrentemos desafios ainda presentes. O caso do Córrego do Meio destaca a importância de valorizar e preservar a diversidade cultural, reconhecendo as contribuições das comunidades quilombolas para a construção da identidade brasileira.

Figura 5 – Certidão emitido no dia 18 de novembro de 2015 pela Fundação Cultural Palmares (FCP), reconhecendo Córrego do Meio como uma comunidade remanescente de quilombo.



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Ao reconhecer e valorizar a história e a cultura afro-brasileira no espaço urbano, essa abordagem contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, igualitária e consciente de sua diversidade.

Em Minas Gerais, estado que utilizou intensamente a mão de obra escrava nas minas de ouro e na produção agrícola, emerge uma rica história de comunidades quilombolas. A intensa exploração econômica desse tipo de trabalho situou Minas Gerais como o estado brasileiro com a maior população escrava durante grande parte do século XIX. A região abriga mais de mil comunidades quilombolas, certificadas pela Fundação Cultural Palmares, que resistem e persistem na valorização da cultura, na luta pela igualdade coletiva e na manutenção de seus territórios originais.

A história oral, como apresentada por Dias (2020), revela a complexidade das relações entre os quilombolas e os fazendeiros em Minas Gerais. A realidade da perda de terras ao longo dos anos, seja em troca de alimentos ou devido à impossibilidade de mantê-las produtivas, desenha uma mistura territorial marcada por desigualdades sociais. Essa problemática, evidenciada por Dona Denise Aparecida Rocha, reflete não apenas a história de São José do Barroso, mas ressoa em diversas comunidades quilombolas. A história oral vem, nessa pesquisa, com o intuito de valorizar as memórias e a identidade das mulheres.

Diante da exclusão social, as comunidades quilombolas muitas vezes encontraram na submissão aos fazendeiros uma maneira de manter a subsistência. A vivência de Dona Denise, compartilhada por meio da memória oral, destaca a complexidade das relações sociais estabelecidas durante o período pós-abolição. Crescendo em meio às trocas com os fazendeiros, ela se torna uma fonte crucial para a compreensão das dinâmicas sociais da comunidade, transmitindo "causos" que ecoam por gerações.

A região abriga mais de mil comunidades quilombolas, certificadas pela Fundação Cultural Palmares, que persistem na valorização de sua cultura, na luta pela igualdade coletiva e na manutenção de seus territórios originais. A riqueza dessas comunidades reside não apenas na preservação de tradições ancestrais, mas também na resistência que representam frente à exploração econômica intensa que caracterizou o período escravocrata em Minas Gerais. O processo de formação das comunidades quilombolas e a história do passado pela oralidade daqueles que vivenciaram ou ouviram de seus antepassados fazem parte dessa história do território.

A história oral, ferramenta indispensável para a compreensão das experiências dessas comunidades, revela as complexidades das relações estabelecidas entre quilombolas e fazendeiros. Dona Denise Aparecida Rocha, figura representativa e guardiã da cultura das benzedeiras, desenha um panorama complexo ao relatar a perda gradual de terras ao longo dos anos. Essa problemática não é exclusiva de São José do Barroso; é um eco que ressoa em diversas comunidades quilombolas (Dias, 2020).

No contexto pós-abolição, as comunidades quilombolas, como a de São José do Barroso, enfrentaram desafios significativos relacionados à exclusão social. O processo de perda de terras, muitas vezes em troca de alimentos, tornou-se um mecanismo complexo de sobrevivência. Dona Denise, compartilhando suas experiências por meio da memória oral, destaca como a comunidade, em busca da subsistência, muitas vezes se via obrigada a trabalhar nas fazendas dos antigos senhores (Dias, 2020).

Essa situação cria uma dinâmica peculiar, onde a subsistência da comunidade está atrelada à submissão aos fazendeiros, uma forma contemporânea de "escravidão moderna." A análise desse período revela não apenas as marcas do passado, mas também a persistência de estruturas sociais que perpetuam a desigualdade (Dias, 2020).

Minhas vivências como moradora, baseadas nas trocas entre os moradores e fazendeiros, oferecem uma perspectiva única sobre as mazelas deixadas pela exclusão social. A exclusão não se limita apenas à perda territorial, mas também permeia o sistema educacional, refletindo a falta de oportunidades e a perpetuação das desigualdades. Contudo, uma análise do sistema educacional popular e cultural por meio da memória das mulheres, por um pesquisador de dentro, como proposto pela autora, pode ser uma ferramenta poderosa para enfrentar o sistema que perpetua a segregação. Ao compreender as nuances dessa experiência, é possível propor soluções que visem à transformação social, buscando ir além das estruturas que historicamente invisibilizam essas comunidades e todo o saber ancestral.

A análise das comunidades quilombolas em Minas Gerais, ancorada nos relatos de Dona Denise Aparecida Rocha (esta que é minha mãe, hoje falecida) e nas reflexões sobre o sistema educacional, oferece uma visão abrangente das complexidades enfrentadas por essas comunidades ao longo do tempo. A resistência, expressa na preservação da cultura, na luta por igualdade e na manutenção do território, é uma constante que transcende as eras, ecoando nas narrativas contemporâneas.

Ao reconhecer e valorizar essas experiências, contribuimos para a preservação e promoção da rica herança cultural das comunidades quilombolas em Minas Gerais. Essa análise aprofundada permite uma compreensão mais rica da interseção entre fé, resistência e identidade, temas centrais que moldam a trajetória dessas comunidades únicas e resilientes.

As políticas públicas são um termo polissêmico, carente de uma definição única ou correta. Diferentes perspectivas resultam em aproximações distintas. Conforme destacado por Souza (2013, p. 24), "não existe uma única, nem melhor definição sobre o que seja [a política pública]". Outros autores, como Frey (2000) e Secchi (2015), optam pelos conceitos de *policy*, *polity* e *politics* para delinear políticas públicas. Enquanto o primeiro refere-se ao conteúdo das políticas, o segundo aborda instituições públicas e seus procedimentos, e o terceiro relaciona-se aos processos políticos.

Elas são também resultado de mobilizações populares, essenciais para efetivar direitos conquistados em áreas como saúde, educação, trabalho, assistência social, moradia, acessibilidade e saneamento básico. As políticas públicas desempenham um papel crucial no desenvolvimento de territórios e comunidades, garantindo acesso a direitos constitucionalmente

assegurados. Como evidenciado em campo, comunidades apontam intervenções prioritárias, como a distribuição de caixas d'água, construção de banheiros sanitários e ações do Programa Brasil Quilombola.

Em relação a emprego e renda, a falta de oportunidades, historicamente ligada à invisibilidade e estigmatização do grupo, impulsiona a migração sazonal para o trabalho no café. A estigmatização, conforme Goffman (2004), contribui para a desvalorização social. Iniciativas de apoio, como cursos de qualificação e projetos de cooperativas, enfrentam desafios logísticos e financeiros.

A ausência de políticas públicas específicas para as mulheres quilombolas, aliada à redução de recursos do Programa Brasil Quilombola, destaca a necessidade de abordagens locais alinhadas às demandas da população, garantindo respostas condizentes com a realidade social e os interesses locais. Projetos de geração de renda, como a cooperativa de beneficiamento do colorau, e iniciativas individuais de comercialização de produtos caseiros destacam-se como alternativas. Ações de apoio, antes mais frequentes, enfrentam dificuldades desde a pandemia.

Portanto, a compreensão das políticas públicas, sobretudo relacionadas às mulheres quilombolas, demanda uma abordagem sensível às suas realidades, incentivando a autonomia e participação ativa na construção de soluções. O reconhecimento do papel fundamental dessas mulheres na preservação da cultura e na busca por melhores condições de vida deve nortear futuras políticas e pesquisas (Aguiar, 2016).

A contextualização dessas diferentes realidades envolve considerar fatores essenciais na construção da identidade, como o histórico, linguístico e psicológico (Munanga, 2019b). A consciência histórica destaca-se como crucial, funcionando como o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo, proporcionando uma sensação de continuidade histórica.

A estrutura social racista, enraizada em todas as instâncias sociais, encontra expressão marcante na educação, permeada por um pensamento eurocêntrico presente no currículo, materiais pedagógicos e relações interpessoais (Silva; Silva; Cunha Junior, 2022). Os autores evidenciam a aversão dos estudantes negros às aulas que abordam o escravismo criminoso devido à inadequada e preconceituosa representação que inferioriza a população negra.

O estigma do escravizado como mera força braçal, desprovido de pensamento e incivilizado, perpetua-se nos livros didáticos, dificultando o processo de afirmação étnica e fortalecendo práticas racistas. Ao ampliar a discussão sobre a identidade negra, é fundamental explorar os desafios contemporâneos enfrentados por essa comunidade. O contexto político, social e econômico molda e redefine constantemente as dinâmicas identitárias (Silva; Silva;

Cunha Junior, 2022). A luta pela igualdade, representação e reconhecimento cultural são elementos centrais nesse processo em constante evolução.

Refletindo sobre a persistência da negritude na diáspora africana, é crucial destacar que, apesar de sua origem na cor da pele, a negritude vai além de uma categorização biológica (Munanga, 2019b). A identidade negra refere-se à história comum de todos os grupos rotulados como negros pelo mundo ocidental, grupos que foram vítimas de tentativas de desumanização e tiveram suas culturas depreciadas em seus sistemas de referência. No entanto, resiste, mantém viva sua cultura ancestral e está em processo de transformação para combater as formas de discriminação e as hierarquias de poder estabelecidas.

Para Munanga (2019b), a identidade negra é uma construção histórica que transcende fronteiras geográficas e culturais. É uma resposta coletiva à opressão, um movimento contínuo de reafirmação cultural e de resistência contra a marginalização. A luta por direitos, pelo reconhecimento cultural e pela igualdade é uma batalha que continua a moldar o futuro das comunidades negras e quilombolas. Ela desafia as noções tradicionais de identidade e coloca o protagonismo nas mãos daqueles que continuam a resistir e a lutar por um lugar de destaque na sociedade.

### **3. ALUMIÔ , ALUMIÔ A COROA DA RAINHA ALUMIÔ: NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, UMA RELAÇÃO COM AS MULHERES**

O culto ao sagrado no quilombo Córrego do Meio é tratado com grande respeito. Essa visão, que trago como moradora, foi confirmada na minha pesquisa e na relação que construí com as mulheres que entrevistei. A devoção aos santos católicos é retratada em imagens penduradas nas paredes e em altares em algum cantinho da casa, com diversas representações desses santos. A referência a Nossa Senhora é destacada no título deste capítulo: "Alumiô, Alumiô... a coroa da rainha alumiô", música que os congadeiros costumam cantar durante o festejo. A palavra "Alumiô" traz uma visão de luz, iluminando, clareando quem está ao seu redor. Em algumas músicas de cunho afro, é comum a repetição do "alumiô", o que nos leva a refletir sobre a religiosidade afro presente nas festas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário e no repertório dos congados. É importante lembrar que o congado é uma dança oriunda do povo negro, o povo de origem africana.

O patrimônio cultural imaterial se caracteriza por relações culturais espontâneas daqueles que trazem em suas vivências uma relação de identidade e salvaguarda, bem como uma riquíssima transmissão das memórias pela oralidade, seja individual ou coletiva. A percepção e a valorização dessas manifestações são notórias nas festas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário, que carregam em sua essência um festejo ritualístico do catolicismo.

As festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário na América Portuguesa eram realizadas pelas irmandades, associações religiosas formadas por leigos (pessoas da comunidade que não possuíam um título sacro) que se organizavam na construção de templos e realização de atividades religiosas como obras de piedade ou caridade. O surgimento dessas associações foi causado pela extensão do território e pelo investimento insuficiente da Coroa, o que tornava impossível a presença de sacerdotes na maioria das comunidades católicas, fazendo com que a população desses locais se organizasse para realizar seus ritos de devoção (Leite, 2019, p. 14).

A festa de Nossa Senhora do Rosário, no distrito de Airões, inclui diversas manifestações culturais, como o grupo de Maracatu, O Bloco, Corporação Monsenhor Lisbola, além de grupos de congado de regiões próximas. Essas participações firmam relações de coletividade para o bem comum, na devoção ao sagrado ou pelo apreço à cultura popular. A

semana que antecede o festejo é marcada por grande movimentação no distrito, assim como dentro do quilombo. No entanto, a festa tem início oficialmente após o levantamento do mastro, na noite de sábado, na Igreja Nossa Senhora das Dores. Logo após, os rituais tradicionais continuam, com cânticos de adoração, incluindo um pedido de licença para que possam iniciar mais uma Festa do Rosário, pois acredita-se que tudo é devido à intercessão da santa católica. A dinâmica organizativa da festa do Rosário se inicia bem cedo, com atividades de cunho cultural e religioso. Os “Mestres” das bandas de congado reúnem seus componentes para iniciarem a principal etapa do início festivo, tendo em vista que a banda de congo José Lúcio Rocha possui um papel muito importante na festa do Rosário. A participação não se restringe apenas ao dançar, mas também à organização da festa, que ocorre durante todo o ano.

Na década de 1920, como resultado da resistência desenvolvida pelos populares que, apesar de todos os percalços, mantinham suas manifestações culturais, da influência do movimento modernista e das ideias nacionalistas, começa-se a valorizar a cultura de raiz negra. Esta passa gradativamente a assumir um lugar reconhecido no espaço público, embora, de maneira geral, numa conotação caricatural ou marcada pelo exotismo (Soihet, 1998, p. 86).

Os mestres e mestras das bandas ou grupos de congados são senhores ou senhoras guardiãs de conhecimentos ancestrais e são também aquelas pessoas que estão à frente das bandas ou grupos de congados, responsáveis, na maioria das vezes, por compromissos relacionados ao grupo cultural. Em uma conversa informal com Dona Irene Rocha, filha do mestre José Lúcio Rocha (hoje falecido), questionei sobre como era a participação do mestre de congo e seus integrantes na década de 70, ou mesmo nos anos em que ela participava da festança. Segundo ela, durante a "embaixada", momento que marca o início do cortejo na festa dedicada à Nossa Senhora do Rosário, Dona Irene Rocha destaca que o mestre, acompanhado por membros específicos, erguia a espada, proferia uma oração e entoava um cântico transmitido pela santa. Este ritual ocorria antes da comissão de frente, composta por João Tito, Chico Tito, Jacinto Rocha, Raimundo Januário e Belarminio Fortunato da Rocha. Tradicionalmente, após a troca de coroas entre reis e rainhas de compromisso com seus príncipes e princesas, todos passavam sob as espadas, erguidas pelo mestre e outros componentes, na entrada da igreja.

A labuta na semana da festa é um convite para que no dia da festança tudo ocorra dentro do programado. Geralmente, quando o reinado não é composto por pessoas que residem no distrito, essas mesmas procuram, nos meses anteriores, se alocar ao entorno da igreja, pois é necessário ter “a casa dos reis”, onde geralmente eles acolhem a sua corte, servem o almoço

aos fiéis e simpatizantes da festa, mas principalmente é ali que se inicia o trajeto em caminhada com o congado até a igreja, no dia da festa.

No domingo, dia do festejo da festança, por volta das quatro horas da manhã, inicia-se a Alvorada, atualmente saindo do O Casebre Cultural e seguindo em cortejo pela comunidade do Distrito de Airões. Neste percurso, com muita alegria, seguem cantando cânticos de adoração à Virgem do Rosário e com o batuque do maracatu durante todo o cortejo. Após finalizar o cortejo, o congado retorna ao seu local de início para se organizarem para o café da manhã, servido pelos atuais reis e rainha de compromisso. Ao longo da pesquisa oral e em conversa com Dona Lúcia, questionei sobre o café e a promessa feita acerca da obrigação. Contudo, ela relatou que, devido a problemas de saúde em decorrência da idade, infelizmente, atualmente não consegue cumprir com proeza o ato que, por muitos anos, foi realizado pelos seus pais, hoje já falecidos. Após o café e trocas de saberes durante o banquete matinal, a festa também é um dos pontos que brevemente irei abordar, pois a comunidade e todo o distrito são reconhecidos pela sua força cultural e religiosa. É recorrente, durante festejos, reuniões das Associações e até mesmo no âmbito educacional e ambiental, se deparar com pesquisadores de diversas instituições de ensino, a fim de transcrever sobre o território. Preparados e vestidos com as indumentárias, o cortejo segue em direção à casa dos reis de compromisso (reis velhos e reis novos).

O cortejo é composto pelos reinados de compromissos (rei e rainha velhos e seus (as) criados (as), e rei novos e seus (as) criados (as)). Vestidos a caráter e formados por pares, dentre estes pares são agrupados uma pessoa do sexo masculino e outra do sexo feminino. Diante disso, o homem segura o guarda-chuva para a mulher, exceto os reis e rainhas que estão sendo escoltados pelos seguradores de guarda-chuvas. Assim, seguem puxando seus respectivos criados (as), desta forma sendo acompanhados pelas bandas de congados, maracatu e também, principalmente, pelas pessoas que se juntam para prestigiar este momento, saindo assim em procissão. Ao chegar com o cortejo no interior da igreja de Nossa Senhora das Dores, dá-se início ao ritual da missa festiva da troca de coroas. A troca das coroas é um momento muito importante e um marco da festa, pois remete à coroação da Virgem Santíssima. Neste momento, o sacerdote realiza a troca das capas e das coroas entre os reis e rainhas, novos e velhos. Em seguida, pega a capa e a transfere entre os reis novos e velhos. Sucessivamente, quando é feita esta troca, os novos passam a ser os reinados atuais de compromisso para os que vierem no próximo ano, e os reinados velhos se tornam uma experiência única vivida neste momento histórico ritualístico ao culto ao sagrado. Após este processo, os Reinados, juntamente com os grupos culturais e a comunidade, seguem em cortejo novamente para o local de início do

cortejo. Logo após, o café é servido na casa dos reis “Novos” e o jantar é servido na casa dos reis de compromisso “Velhos”.

Uma mulher de destaque na construção cultural da comunidade é Patrícia do Carmo, rainha de compromisso nos anos de 2021-2022. Além de sua participação ativa nas pastorais da comunidade, ela compartilhou, em conversas informais, que, no ano em que passaria a coroa, sua vida foi marcada por milagres, enfrentando incertezas decorrentes da pandemia da Covid-19. Mulheres como Patrícia do Carmo são exemplos do protagonismo das mulheres negras na perpetuação do sagrado e na preservação da memória e da história dentro das tradições populares.

Mariléa de Almeida, ao analisar o período de 1990 a 2020, destaca que, no contexto da disputa discursiva sobre o conceito de quilombo, as mulheres emergem como símbolos da luta quilombola, iniciando um processo denominado "devir quilomba". Esse fenômeno engloba a feminização do conceito, evidenciando a visibilidade contemporânea das mulheres quilombolas em suas experiências cotidianas, redes de afeto e comprometimento político com a cultura negra, a luta pela terra, antirracismo e antissexismo (Almeida, 2022).

Além disso, Nossa Senhora do Rosário parece ter inspirado a solidariedade da comunidade, especialmente no enfrentamento das dificuldades causadas pela pandemia. Patrícia do Carmo relata que, sem questionamentos, recebeu doações de alimentos e dinheiro, alguns destinados ao cuidado de porcos para a festividade. A utilização de plataformas digitais, como PIX e redes sociais, facilitou a divulgação e arrecadação de recursos, resultando em uma surpreendente quantidade de doações e milagres constatados após o evento. Excedentes alimentares foram destinados ao reinado velho da Festa do Rosário da Chácara, uma comunidade recentemente certificada como remanescente de quilombo.

Essas doações podem ser compreendidas à luz do conceito de Bem Viver. Alcântara e Sampaio (2017) destacam que o "Bem Viver" é um conceito em construção, caracterizado por sua natureza relativista, o que exige sua adaptação a cada contexto cultural e ambiental. O "Bem Viver" é compreendido como um paradigma que engloba um espaço-tempo comum, permitindo a coexistência de diferentes ontologias e contribuindo para a construção de uma interculturalidade que aponta alternativas ao desenvolvimento.

No ápice da celebração em homenagem à Virgem do Rosário, a devoção é evidente, envolvendo os fiéis que lotam a igreja e seus arredores. Durkheim (2008, p. 225) destaca a efervescência social durante festas religiosas, descrevendo uma transformação interior expressa por ornamentos e máscaras, que simbolizam uma nova identidade, traduzida por gritos, gestos e atitudes.

O entorno da igreja no dia da festa revela uma divisão espacial marcante. O altar, ornamentado com tecidos azuis em alusão à capa da Virgem Maria, representa a transcendência entre o divino e seus mistérios. O Espírito Santo, simbolizado por uma imagem de gesso, aparece acima da imagem de Jesus crucificado. Durante a celebração, o altar é utilizado como referência para a celebração eucarística, integrando elementos do rito católico e da cultura congadeira.

A mesa fixa no altar é destinada à celebração eucarística, onde se renovam os votos de sacrifícios a Jesus. Os símbolos do reinado, como coroas e bastões, são abençoados durante o ofertório, entrelaçando os ritos católicos com as vivências congadeiras. Os bancos à frente do altar acomodam o congado, a corporação musical e os fiéis, evidenciando a relevância social da festa.

A dimensão da festa é percebida nas relações sociais, fundamentadas em memórias afetivas e no contato direto com o meio, fortalecendo um sentimento de pertencimento. As relações sociais são compartilhadas e sustentadas por lembranças coletivas, reforçando a importância dos "quadrados sociais da memória".

A transmissão da memória cultural e devocional da festa do Rosário pelas mulheres do Quilombo Córrego do Meio é evidenciada na imagem de Dona Onília, que, aos setenta e dois anos, compartilha seu conhecimento cultural de congadeira com seu bisneto. Essa transmissão é considerada uma forma de educação popular, alinhada com a Lei nº 10.639/03, e destaca-se como parte de um projeto que resultará na criação de um livreto a ser distribuído na Escola Estadual José Maurílio Valente, reconhecida como Escola Quilombola pelo governo de Minas Gerais. Essa iniciativa visa preservar e compartilhar a memória da festa e da cultura afro-brasileira para as futuras gerações.

A população quilombola, caracterizada por suas especificidades culturais e territoriais, tem nas mulheres lideranças históricas. Atuando na promoção da saúde, assistência social e no debate político, essas mulheres constroem redes de solidariedade e apoio que ecoam nas comunidades quilombolas. Essa prática de coletividade reflete valores fundamentais para o bem viver, promovendo a vida em harmonia com o meio ambiente (Almeida, 2022; Brasil, 2007; Crisóstomo, 2022).

### **3.1. Festa do Rosário de Airões ou Festa do Rosário do Córrego do Meio**

Cresci ouvindo o povo das redondezas se referir à festa como “Festa do Rosário de Airões” ou “Festa do Rosário do Patrimônio”. Hoje, com a perspectiva de que ela acontece no

distrito de Airões e conta com a participação expressiva de grupos do Quilombo Córrego do Meio, justifico o título deste trabalho. De acordo com a pesquisa de campo, a festa tem grande participação de mulheres que são moradoras do quilombo desde a infância e viram o envolvimento de seus antecessores na preservação do evento. A tradição da Festa do Rosário traz uma característica significativa da cultura afro-brasileira, abrangendo oralidade, musicalidade e um resgate da culinária africana misturada com a culinária mineira.

A correria para os preparativos é intensa, mas não faltam serviços nem mãos para ajudar. A festa é organizada pelo povo e para o povo, de forma que, no grande dia da festividade, todos que chegam se sentem acolhidos. O início festivo geralmente ocorre por volta das quatro horas da manhã, com o “grito” do batuque do tambor e o ritmo das fitas coloridas, que embelezam as saias dos congadeiros. Essas saias se misturam com as vozes entoadas pelos componentes e pelos que acompanham o cortejo pelas ruas enfeitadas da comunidade. Para manter o ânimo do pessoal, os trabalhos começam com o “remelexo do queijo” durante o café da manhã, servido tradicionalmente pela família da dona Lúcia Celestino. De acordo com ela mesma durante a entrevista, o fator fé sempre orientou a realização da festa.

Falando em café da manhã, lembro-me da extensa mesa no terreiro da sala da casa da Dona Lúcia no dia da festa. A toalha com bordas tecidas à mão, que me parecia ser guardada para ocasiões especiais, me remeteu a uma toalha “grená” que minha mãe guardava no fundo do guarda-roupa, pois era uma lembrança de sua avó e precisava de muito zelo. Essas memórias ajudam a preservar algo que vai além da percepção imediata. Naquela farta mesa, a broa de fubá chamou minha atenção: diferente das que encontramos atualmente nas padarias e lanchonetes, não era tão amarelada, pois era feita com rapadura, e anteriormente com melado de cana-de-açúcar, como foi confirmado na entrevista com Dona Lúcia.

A corte presente no cortejo simboliza a “chegança” e as saudações ao povo para iniciar as festividades do dia. Após passarem por alguns pontos da comunidade, retornam para a “casa dos Reis”. Esses “pontos” de encontro têm uma referência para a festa, como Dona Maria mencionou durante a entrevista. A tradição da festa se mistura com o processo de modernização, mas nunca perde a essência de valorizar aqueles que contribuíram para que a festa chegasse aos 136 anos de fé e tradição.

Outro ponto significativo da festa é o almoço, que é dividido da seguinte forma: o Reinado Novo é responsável pela alimentação apenas da corte, enquanto o Reinado Velho cuida também do almoço e do café da tarde para todos que prestigiam o evento. Na cultura da Festa do Rosário da comunidade, o povo ajuda a arrecadar os alimentos (ofertas), preparar e distribuir

as refeições, sendo assim os convidados de honra da festa, numa significativa relação de acolhimento, partilha e agradecimento.

A cozinha, tradicionalmente vista como um espaço feminino, abre espaço para uma relação de coletividade, onde homens e mulheres desempenham a mesma função e objetivo: servir a Nossa Senhora do Rosário e seu povo. Todo o alimento utilizado para as refeições vem da caridade em doações, muitas por promessas ou pela necessidade de ajudar, resultando em uma farta mesa onde todos que chegam se alimentam.

O ponto alto da festa é a missa e a troca de coroa, geralmente programada para o final da tarde, por volta das três horas. Este momento emocionante mistura fé e devoção, o abstrato e o palpável. Ao som da banda de congado e da corporação musical, o sacerdote transfere a coroa e a capa do Reinado Velho para o Novo. Esse rito transcende as expectativas do festejo, e somente quem vivencia a cerimônia na acolhedora Igreja de Nossa Senhora das Dores pode sentir toda a manifestação imaterial ali presente. Os ecos dos tambores se misturam com o som dos trompetes, e o coro de fiéis e simpatizantes entoam: “Viva Nossa Senhora do Rosário!”. Em seguida, saem em procissão pelas ruas até a casa do reinado para finalizar a festa com o jantar.

Ressalto que minhas emoções como fiel de Nossa Senhora do Rosário e moradora da comunidade não poderiam estar ausentes desta dissertação. O pesquisador deve manter a neutralidade, mas parte das memórias, baseadas em uma pesquisa etnográfica, vem daquela que redigia e vivenciou parte das histórias trazidas pelas memórias, que chamo respeitosamente de “Marias de fé”.

Fim de festa? Apenas o recomeço! A festa nunca termina; logo após o término do evento, já se discutem nomes de possíveis reis para o próximo ano e o valor arrecadado nas doações. A tradição da festa dedicada à Nossa Senhora do Rosário, que acontece todo outubro no distrito de Airões, traz consigo um legado de 135 anos de resistência social e fé católica. A festa, que podemos afirmar que “nunca” se acaba, tem sua organização planejada para o próximo ano logo após o término. Atualmente, utilizam-se o Casebre ou a Casa dos Congos para reuniões e preparativos para a festa. A Banda de Congo José Lúcio Rocha é um dos principais representantes na organização da festa, articulando encontros durante o ano anterior para que as demandas sejam expostas e a festa seja maravilhosa.

Nas semanas que antecedem a festa, a comunidade realiza a novena em honra a Nossa Senhora do Rosário, sempre na Igreja Nossa Senhora das Dores, padroeira do distrito de Airões. Vale ressaltar que a celebração da festa de Nossa Senhora do Rosário acontece em Airões, e não no Quilombo Córrego do Meio, como alguns pesquisadores sugerem. A participação de moradores, a grande representação das mulheres e a Banda de Congo José Lúcio Rocha como

referência na programação e elaboração do festejo são fatores que podem levar à confusão de que a festa ocorre dentro do território quilombola. Em algumas ocasiões, o reinado saiu em cortejo de algumas casas da comunidade, como o Casebre e a casa de Dona Maria Nascimento e seu esposo, Sr. Paulo.

### **3.2. O festejo centenário: salve Maria! Viva Nossa Senhora do Rosário!**

A 130ª Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada na comunidade de Airões, distrito de Paula Cândido, MG, destacou-se como um evento de devoção e celebração. Os Reis de Compromisso, Pedro A. G. Catarino e Maria José de Souza (2018) e Pedro de A. Marques e Maria de Lourdes Mateus (2019), desempenharam papéis de grande importância. O tema central, "O Sim de Maria inspira o Laicato para a Missão em Defesa dos Pobres e Oprimidos", permeou toda a programação da novena e da festa. A novena, que teve início em 12 de outubro, coincidiu com a Festa de Nossa Senhora Aparecida, marcando um período de intensa devoção. As atividades incluíram celebrações eucarísticas, novenas e cortejos de Nossa Senhora do Rosário, envolvendo toda a comunidade. O compromisso com a tradição religiosa e cultural foi evidente em cada detalhe do evento, como apresentado na imagem a seguir:

Foram dias de trabalho coletivo intenso, desde a limpeza da igreja até a ornamentação das ruas, tudo realizado em um espírito de ajuda mútua. Segundo alguns reinados, seria impossível realizar a festa sem a colaboração do povo. Essa concepção nos leva a refletir sobre algumas falas que presenciei enquanto moradora da comunidade. A festa, impulsionada pela fé, é frequentemente comparada ao milagre da multiplicação dos pães, realizado por Jesus Cristo, já que os alimentos servidos, fruto de doação, se multiplicam em mesas fartas, onde todos que ali passam, sentindo-se à vontade, podem se deliciar.

Na véspera da festa, no sábado, o mastro com o estandarte da santa venerada é erguido pelos padrinhos do mastro, geralmente escolhidos pela igreja ou pelo reinado. A simbologia do apadrinhamento nos leva a uma análise sobre a participação dos padrinhos nos sacramentos do catolicismo, onde sua função é proteger e zelar pelos afilhados. A obrigação dos padrinhos do mastro segue a mesma linha, sendo eles responsáveis pela ornamentação do estandarte para o rito. Segundo Vieira (2003, p.79), a "representação simbólica do mastro é o sinal concreto da união entre o céu e a terra, os vivos e os mortos, corpo e alma, ligando os indivíduos aos antepassados."

Nesse momento, o batuque do congado mistura-se ao ritmo sincronizado do maracatu, acompanhado pela explosão dos fogos de artifício, simbolizando a elevação de Maria aos céus

e a reverência aos antepassados. Essa conexão entre fé e movimento corporal promove uma interação entre os membros do congado, do maracatu e os fiéis, bem como os turistas que prestigiam a festa, abrindo espaço para que admiradores da cultura coloquem as vestes do congado e se juntem à celebração.

Conforme Monteiro (2018), ao reafirmarem suas trajetórias e identidades negras, os detentores dos patrimônios culturais afro-brasileiros enfrentam o racismo e a discriminação na sociedade brasileira, demonstrando, ao mesmo tempo, como suas expressões culturais articulam tradição, mudança, continuidade e modernidade, contrariando previsões de extinção.

A fé, a memória e a tradição são os pilares que orientam os moradores na realização da festa. Seja por um milagre alcançado ou pelo vínculo afetivo com a celebração, muitos retribuem com "ofertas" como forma de agradecimento, possibilitando a realização do evento. Parte dessas doações é tradicionalmente leiloadas após a missa, um costume presente nas festas populares religiosas da comunidade. Durante muitos anos, esse leilão foi conduzido pelo senhor Jovelino Matias, morador da comunidade, que, aos noventa anos, ainda contribuía na organização da festa.

De acordo com Lopes, Caetano e Cardoso,

a população quilombola integra o grupo racial negro, majoritário no Brasil. Contudo, os quilombolas possuem especificidades por serem comunidades tradicionais caracterizadas pelo território e culturalmente diferenciadas. No país, as comunidades quilombolas “[...] ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007). [...] As mulheres quilombolas historicamente têm sido lideranças em seus territórios (Lopes; Caetano; Cardoso, 2022, p. 31).

Os autores ressaltam a relevância da população quilombola no contexto brasileiro, destacando suas particularidades como grupo racial majoritário. As comunidades quilombolas são notáveis por suas especificidades, como a forte ligação com o território e uma diversidade cultural rica. Elas utilizam seus territórios de forma sustentável, o que é vital para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica.

A relação íntima com o território é central para a identidade quilombola, uma vez que suas práticas e modos de vida são moldados pela tradição, transmitindo conhecimentos, inovações e práticas de geração em geração. Preservar esses elementos é essencial para a

manutenção da cultura quilombola, que se apresenta como uma expressão única da diversidade cultural brasileira.

No âmbito de gênero, o papel das mulheres quilombolas é destacado por seu histórico de liderança em suas comunidades. Além de atuarem na promoção da saúde e assistência social, elas participam ativamente dos debates políticos e propõem soluções para os desafios enfrentados por suas comunidades. Esse engajamento ressalta a importância das mulheres quilombolas como agentes de transformação e fortalecimento dos laços sociais.

As redes de solidariedade e apoio entre essas mulheres são fundamentais para dar voz às causas quilombolas junto ao poder público. Essas redes fornecem suporte mútuo, fortalecem a representatividade e visibilidade das questões quilombolas nas esferas decisórias. Mesmo diante de divergências, a busca pelo bem coletivo é o objetivo principal.

Conceição Evaristo (2018) argumenta que, ao escrever sobre suas próprias experiências, a mulher negra também narra a história de uma coletividade, já que suas vivências individuais se entrelaçam com as de outras mulheres negras. A relação entre essas mulheres e o coletivo é inseparável, pois elas compartilham marcadores sociais e experiências, apesar de ocuparem posições diferentes. A escrita, assim, não se limita ao individual, mas abrange e amplia as histórias do grupo.

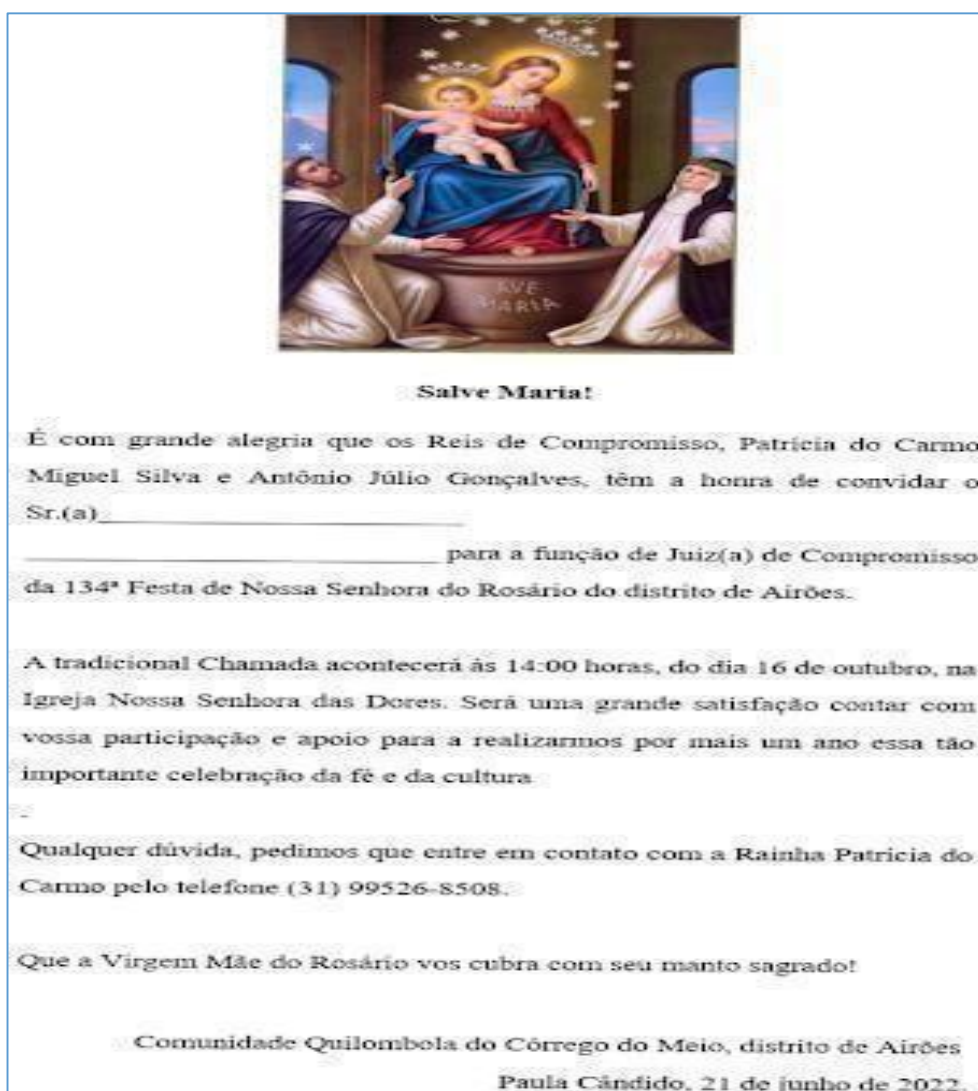
Os valores arrecadados nos lances do leilão são entregues ao reinado velho para custear as despesas da festa. Essa união por meio da fé e do culto ao sagrado é o que mantém a festa com prestígio popular, onde várias mãos se unem para o bem comum pela fé. Outro aspecto importante da festa é a "mesa de chamada", onde pessoas da comunidade ou de fora são convidadas, por meio de uma carta enviada pelos reis velhos, a fazer doações financeiras para ajudar nas despesas da celebração.

Durante a chamada, conforme o valor doado por cada participante, a Corporação Musical Monsenhor Lisboa emite uma sonoridade mais forte ou mais suave, indicando se o valor é alto ou não. Este momento é de grande relevância para o rito, pois simbolicamente remete ao período escravocrata, quando leilões eram realizados no mercado de escravos, com supervisão do reinado. Na carta abaixo, os reis de compromisso Patrícia Carmo e Antônio Júlio convidam o juiz de mesa para acompanhar a chamada, sendo este responsável por contabilizar e verificar o andamento do processo.

A imagem a seguir reproduz a carta elaborada pelo ex-secretário de Cultura de Paula Cândido, Thaynã Paes. Datada de 21 de junho de 2022, é um convite oficial para a participação na 134ª Festa de Nossa Senhora do Rosário, no distrito de Airões. Emitido pelos Reis de Compromisso, Patrícia do Carmo Miguel Silva e Antônio Júlio Gonçalves, o convite destaca a

tradicional chamada, agendada para as 14:00 horas do dia 16 de outubro, na Igreja Nossa Senhora das Dores. A carta expressa a alegria de convidar os destinatários para desempenhar a função de Juiz(a) de Compromisso e reforça a importância do apoio para a realização dessa significativa celebração da fé e da cultura na comunidade quilombola do Córrego do Meio. O convite é encerrado com a invocação à Virgem Mãe do Rosário e os detalhes de contato para esclarecimentos adicionais.

Figura 6 – Carta elaborada pelo ex-secretário de cultura de Paula Cândido, Thaynã Paes.



Fonte: acervo pessoal, 2023.

Traçando uma relação entre os santos e a festa, e as indulgências oferecidas em agradecimento pelas graças alcançadas, Zaluar (1982) afirma que quase todos os santos mais "poderosos", seja por serem padroeiros de localidades importantes ou por serem santos de

devoção generalizada no meio rural, eram objeto de promessas. Essas promessas tinham como finalidade obter a proteção generalizada do santo, que asseguraria o bem-estar de todos, especialmente das plantações, sendo tradicionalmente realizadas em função da organização de festas.

No domingo, dia da festa, a alvorada começa às 5h30 da manhã, com o cortejo pelas ruas do distrito e, atualmente, pelas estradas do quilombo Córrego do Meio. O congado, responsável por "puxar" o cortejo, acorda cedo para saudar a Virgem Santíssima, Rainha do Santo Rosário, ao som do batuque de tambores, reco-reco, sanfona e outros instrumentos. Esse momento é marcado por um café da manhã reforçado, geralmente oferecido por Dona Lúcia e sua família. O batuque ecoa com mais intensidade, simbolizando um pedido de licença para que a festa possa começar.

Com a certificação da comunidade, criou-se o ritual de seguir, durante a alvorada, pelas estradas do quilombo. Em um determinado ano, o cortejo se estendeu até a casa da falecida Dona Clementina, uma figura de grande importância para a comunidade. Em sua homenagem, a vila ao redor de sua antiga residência foi nomeada Vila Clementina. Após essa visita, o cortejo segue em direção à capelinha de Nossa Senhora do Rosário, nas proximidades da casa do mestre do congado, Antônio Matias Celestino, popularmente conhecido como Mestre Boi. A participação da banda de congo José Lúcio Rocha na festa reflete um legado transmitido por muitos outros mestres e integrantes que contribuíram para a valorização da cultura popular.

### **3.3. “Tão mudanu” a festa: festança pela cultura e pela fé**

A perpetuação dessa rica expressão cultural encontra sua manifestação mais significativa na secular festa de Nossa Senhora do Rosário de Airões, celebrada desde 1853, na qual o congado sempre desempenha um papel central, guiando os rumos das celebrações. Após a certificação, observaram-se transformações substanciais no distrito de Airões, marcadas pela construção de uma casa dedicada ao grupo de congo. Esse espaço tornou-se o epicentro administrativo, proporcionando um local propício para reuniões e encontros durante os festejos do Rosário. Paralelamente, emergiu o Casebre Cultural Ponto de Cultura e Memória, estabelecido na antiga residência do pai do líder Antônio, que já era utilizado há algum tempo para a realização de encontros e eventos menores do Congado.

Figura 7 – Casebre Cultura, situado no Quilombo do Córrego do Meio.



Fonte: cedido por Dona Maria, de seu acervo pessoal.

Na imagem pode –se observar pinturas da imagem de Nossa Senhora do Rosário, feitas a barro por visitantes que estiveram na comunidade durante a festa da santa do povo negro.

Essas mudanças, no entanto, refletem não apenas a estrutura física, mas também a diversificação e inclusão cultural. Anteriormente à certificação, o Congado era predominantemente composto por participantes negros, e a indumentária da rainha seguia com trajés diferentes do que se pode ver nos dias atuais, como vestido rosa e sandálias fechadas. A participação se restringia à banda de congo e à corporação musical, enquanto a missa seguia os rituais católicos convencionais. Após a certificação, houve uma notável evolução, com a composição do Congado passando a incluir tanto negros quanto brancos. A indumentária do reinado assumiu características afro-brasileiras, e a diversidade cultural expandiu-se com a participação de grupos de capoeira, maracatu, além do congado e da corporação musical. A missa, por sua vez, adotou uma abordagem mais congruente com as tradições do Congado. Essas metamorfoses revelam não apenas mudanças estruturais, mas uma celebração enriquecida pela pluralidade cultural que se tornou uma marca distintiva nos festejos do Rosário.

Figura 8 – Modificações na festa de Nossa Senhora do Rosário antes e depois da certificação.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 9 – Composição do Congado no dia da festa.



Fonte: cedido por Patrícia do Carmo, de seu acervo pessoal.

Ressalto participação de outros grupos de congado das cidades vizinhas no dia do festejo. A figura 9 retrata o momento após a coroação do reinado, em que percorrem as ruas do distrito em procissão até a casa dos reis novos para tomar o café.

Figura 10 – Participação do grupo de maracatu O BLOCO no dia do festejo.



Fonte: cedido por Patrícia do Carmo, de seu acervo pessoal.

Ao buscar compreender as transformações na festa de Nossa Senhora do Rosário de Airões, especificamente na comunidade quilombola Córrego do Meio, a pesquisadora, Dona Lúcia, expressa seu apreço pela festa tal como era no passado, enfatizando sua natureza mais voltada para a fé. No entanto, ela observa mudanças na cultura afro-brasileira, evidenciadas nas vestimentas tanto do reinado quanto do congado. Oliveira (2017) corrobora essa observação, destacando a influência do maracatu na congada, que atua como uma banda de apoio, introduzindo elementos da tradição afro-brasileira na festividade. Embora essa colaboração traga mais animação ao evento, enfrenta tensões na recepção pela comunidade, ilustrando a complexidade das transformações e ressignificações culturais.

Bueno, Frugoli e Ferreira (2015) destacam que o movimento turístico intensifica e acelera o processo de mercantilização generalizada, transformando diversas manifestações culturais em produtos turísticos, o que contribui para a significativa expansão dessas expressões culturais.

As mudanças no contexto da festa do Rosário geram questionamentos que, durante minhas vivências como moradora e agora pesquisadora, trouxeram a necessidade de explorar as narrativas de outros membros da comunidade sobre o significado da festa e dessas transformações. Nos últimos anos, tem-se percebido alterações no formato de organização e realização das festividades, causando inquietações, especialmente em relação às expressões culturais na comunidade. Um exemplo é a inserção de elementos que não eram presentes nas

décadas passadas, como mudanças nas indumentárias e a participação de outros grupos culturais. Esse é um convite para um olhar crítico e sensível às transformações, possibilitando novas falas sobre as diferentes perspectivas do ritual e seu papel religioso e cultural no distrito.

Em seguida, trago a programação da festa de Nossa Senhora do Rosário de Airões, que conta com grande participação dos moradores do quilombo Córrego do Meio. Esses moradores, embora já participassem do festejo antes mesmo do reconhecimento formal como comunidade quilombola, continuam envolvidos. A análise dessas festividades em diferentes épocas revela mudanças significativas.

Ao questionar a possível mudança na festa durante entrevistas de campo, conclui que, pela memória oral das entrevistadas, mesmo aquelas que deixaram subentendido, houve, sim, transformações. A interferência de agentes externos à comunidade na construção da programação e organização da festa do Rosário aponta para uma mudança notável, principalmente quando comparada às festividades organizadas pelo reinado com descendência familiar no distrito. Em 2018, isso se torna evidente, quando, em uma programação de “inclusão aos oprimidos”, foram introduzidos elementos da cultura afro-brasileira, além da participação em debates sobre o movimento da Educação do Campo e agrobiodiversidade. Embora tenha havido ganhos significativos com essas pautas, muitos moradores, como Dona Maria e Dona Lúcia, apontam que a festa, em sua forma tradicional, era mais voltada à fé católica, ao cristianismo, e não tanto à cultura, como ocorre atualmente.

Essa tensão entre a "festa de antigamente" e a "festa de hoje" abre uma discussão sobre o processo de modernização e as novas narrativas. Sabe-se que o mundo contemporâneo traz mudanças positivas e negativas, mas muitas vezes necessárias. A participação da Universidade Federal de Viçosa no evento, representada por pesquisadores e professores, contribui para uma reflexão sobre as relações sociais e culturais. Isso evidencia uma real conexão entre o campo e a universidade, entre o conhecimento popular e o acadêmico, sem dicotomias entre esses saberes.

Como ressalta Canclini (1994, p. 95), “nos debates sobre o patrimônio histórico, costuma-se ver como inimigos dos atuais processos de mudança o desenvolvimento urbano, a mercantilização, as indústrias culturais e o turismo”. Neste trabalho, consideraremos essas 'ameaças' como contextos que não só devemos aceitar, por serem as condições em que os bens históricos existem hoje, mas também porque contribuem para repensar o que devemos entender por patrimônio histórico e identidade nacional.

A origem da festa de Nossa Senhora do Rosário remonta ao século XIX, na região do então distrito de São José do Barroso. As fazendas locais, algumas escravistas, incluíam os

irmãos José e Antônio Ayrão, que construíram uma capela para a santa por volta de 1860. Com terras divididas por um córrego, a localidade ficou conhecida como "Córrego dos Ayrões", atualmente o distrito de Airões. Escravizados das fazendas participavam como congadeiros na festa de São José do Barroso, até que, em 1888, os habitantes locais começaram sua própria festa do Rosário. Após a abolição da escravidão, algumas personalidades doaram terras aos negros da região, resultando na atual comunidade quilombola Córrego do Meio e na celebração católica que continua até os dias de hoje.

A banda de congado de Airões, com seus 110 anos de história, contribuiu significativamente para a cultura local. A Casa da Cultura Padre Antonio Mendes, em Paula Cândido, tem se dedicado a pesquisar e documentar a história das festas de congado na região. Esses esforços, liderados pelo então secretário de cultura Thaynã Fernandes Araújo Paes, visam preservar e compartilhar o rico patrimônio cultural dessas celebrações.

A festa do Rosário é uma manifestação de fé e resistência, com o congado como uma de suas expressões. Com Nossa Senhora do Rosário como padroeira, a banda de congo incorpora elementos da cultura africana, como a dança das espadas e músicas que refletem o sofrimento dos escravizados. Esses reinados ou congados, como explica Fonseca (2010), são sistemas religiosos desenvolvidos dentro do catolicismo, envolvendo cerimônias festivas centradas em Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês. As celebrações dramatizam mitos e histórias, recriando a experiência dos negros desde a África até as Américas.

As festas do Rosário, nesse contexto, estão associadas ao chamado catolicismo negro, onde irmandades negras frequentemente realizam congadas. Esse fenômeno, entrelaçado às celebrações, é parte essencial da religiosidade e cultura afro-brasileira, preservando a memória histórica e as raízes regionais.

A pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário de Airões, além de destacar as transformações culturais, sublinha a importância de compreender a relação entre tradição, religião e identidade, proporcionando uma visão abrangente das complexidades culturais e sociais envolvidas nessas celebrações.

Figura 11 – Igreja de Nossa Senhora das Dores (Airões) e o grupo de congado no dia do festejo



Fonte: Museu Virtual de Paula Cândido.

Na comunidade mineira, a expressão "tocar a festa" refere-se às responsabilidades dos "festeiros", que organizam a celebração anual em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Os festeiros, compostos por um homem e uma mulher, não precisam ser casados e podem ter diversas relações, inclusive residirem em outras localidades. A devoção coletiva é destacada pelos fiéis, indicando que a comunidade como um todo é responsável pela realização da festa, caracterizando-a por uma "religiosidade coletiva" e solidariedade (Paiva, 2020).

Um elemento de destaque nas festividades é o banquete oferecido a Nossa Senhora do Rosário, simbolizando a abundância de comida e bebida. O uso da cachaça nas festas dedicadas à santa no Rio de Janeiro, segundo as narrativas, remonta à autorização da própria santa, que compreendeu as razões de um escravo para consumi-la como uma forma de esquecer as dores e sofrimentos da escravidão (Paiva, 2020).

O conceito de "trançado" surge como uma categoria de pensamento social observada durante a pesquisa etnográfica na Igreja do Rosário, no Rio de Janeiro. Diferente do sincretismo religioso, o trançado é percebido como uma lógica de união, entrelaçamento e mediação, refletindo memórias e práticas devocionais singulares e plurais. Um devoto descreve o conceito como algo semelhante aos cabelos trançados de uma jovem, em que partes distintas se unem para formar um todo interconectado (Paiva, 2020).

A pluralidade religiosa, conforme explorada por Sanchis (2018), sugere que as experiências individuais dos fiéis se tornaram mais autônomas em relação às instituições

religiosas. O conceito de trançado, ao surgir no campo de estudo, desafia as definições tradicionais de sincretismo religioso, oferecendo uma perspectiva mais rica e complexa para compreender as múltiplas práticas e crenças presentes nas culturas afro-brasileiras (Sanchis, 2018).

O trançado, enquanto categoria de pensamento, não busca substituir o conceito de sincretismo, mas enriquecer a compreensão das dinâmicas religiosas na Igreja do Rosário. Essa abordagem, fundamentada nas contribuições teóricas de Geertz (1989), Paiva (2016) e Sanchis (2018), propõe uma imersão profunda nas práticas e significados culturais, transcendendo observações superficiais. A observação participante, como defendida por Geertz, emerge como uma ferramenta essencial para captar não apenas as ações externas, mas também as motivações subjacentes que guiam as práticas religiosas.

A descrição densa, no contexto da pesquisa etnográfica, revela-se crucial para captar a riqueza simbólica e os múltiplos níveis de significado presentes nas interações sociais e rituais. Paiva (2020) destaca a importância de uma descrição que vá além da superfície visível, adentrando nas camadas mais profundas das práticas culturais. Sanchis (2018) enfatiza a necessidade de uma abordagem que não apenas documente, mas interprete os fenômenos religiosos, reconhecendo a polissemia inerente aos símbolos e rituais.

Ao aplicar esses princípios na análise da Igreja do Rosário, é possível compreender as complexidades da vida social e religiosa. Através do trançado conceitual, a pesquisa busca captar não apenas a coexistência de elementos religiosos diversos, mas também as interações dinâmicas entre esses elementos. Nesse processo, destaca-se a importância de reconhecer as categorias nativas, vivenciadas pelos membros da comunidade, em conjunto com as categorias analíticas propostas pela academia. Essa abordagem híbrida visa promover uma compreensão mais holística e contextualizada das práticas religiosas, contribuindo para um diálogo mais enriquecedor entre as perspectivas acadêmicas e as experiências vividas no contexto da Igreja do Rosário.

A paisagem carrega consigo tanto características físicas quanto humanísticas em sua estrutura. Ela envolve três elementos para entender a relação com a paisagem e os movimentos sociais: o meio ambiente, o conhecimento e os objetivos fabricados pelos homens. Na perspectiva paisagística, a relação do homem com a paisagem cultural é modificada de acordo com a história vivenciada por um grupo. Na busca pela preservação das tradições em torno do catolicismo, fundou-se uma capela no quilombo Córrego do Meio, dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Esse espaço de fé é fruto do protagonismo das massas populares, que sentiram a

necessidade de homenagear a Rainha Virgem do Rosário, padroeira do congado, uma prática da cultura afro-brasileira.

A paisagem, através dos monumentos culturais, estabelece uma interação por meio da afetividade, tecida pelas relações sociais firmadas na memória coletiva. Esse fazer coletivo é evidente na Banda de Congo José Lúcio Rocha, que valoriza a ecologia dos saberes e busca o reconhecimento dos saberes populares como um potencial transformador da sociedade, intervindo na realidade.

O discurso cotidiano, como aponta Scifoni (2006), "prioriza outros valores, como a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos sociais, constituindo o patrimônio como representação da diversidade cultural presente em uma sociedade nacional".

Figura 12 – Capelinha de Nossa Senhora do Rosário do Quilombo Córrego do Meio



Fonte: cedido por Dona Onília Calazans, de seu acervo pessoal.

#### 4. MEMÓRIAS E O PROTAGONISMO DE MULHERES NO QUILOMBO

As tradições e peculiaridades existentes encontram proteção nas "guardiãs" da memória, que desempenham um papel crucial na valorização da devoção durante as festas religiosas populares, especialmente na celebração de Nossa Senhora do Rosário. A fé das mulheres emerge como um pilar fundamental na estrutura familiar, contribuindo para a formação de valores cristãos entre os membros. O companheirismo e o amor, essenciais para a fraternidade, tornam-se fontes de força para alcançar graças. É comum que essas devotas façam promessas aos santos, seja por motivos de saúde física ou espiritual; no entanto, muitos também participam do reinado por apreço à cultura. Muitas dessas mulheres optam por participar do reinado e contribuir com alimentos para o cardápio festivo, expressando gratidão à Santa dos Negros pelas bênçãos recebidas.

Na perspectiva de Zaluar (1982), a relação entre fiéis e santos no catolicismo popular se destaca nas festas dedicadas aos santos, abordando também a concessão de indulgências pela Igreja como expressão de agradecimento. Zaluar discute as vestimentas aceitas pela Igreja, delineando uma festa "limpa", sem influências culturais externas.

Frequentemente, todo o evento começa muito antes do "dia da festa", com novenas, leilões e procissões diárias, consolidando a fé da comunidade. A discussão sobre festividades católicas também abrange a alimentação, como enfatizado pela autora, destacando a importância divina do ato de comer, momento de alegria e partilha. A comida nas festas católicas, muitas vezes doada por devotos que receberam graças, é oferecida como um gesto de gratidão ao santo. A relação com a comida nessas festividades remonta à imitação da Santa Ceia de Jesus Cristo, um momento de abundância que busca saciar tanto o corpo quanto a alma, fortalecendo os laços afetivos. A festa, antes restrita aos detentores de poder e posses, tornou-se uma celebração popular, transcendendo divisões sociais.

A pesquisa sobre questões sociais e religiosas implica também a análise das questões de gênero, destacando a figura central da Virgem Santíssima do Rosário. Como mãe de Jesus Cristo, ela é venerada pelo povo negro e pelos congadeiros. A história da Santa, segundo Silva, descreve seu aparecimento em uma "rocha de pedra", resistindo a várias tentativas de remoção por autoridades eclesiásticas e outros grupos, até ser finalmente levada com sucesso pelos moçambicanos. Nos estudos catequéticos, destaca-se que a devoção a Nossa Senhora tem mais de oito séculos, tendo sido revelada a São Domingos de Gusmão, fundador dos Dominicanos, no século XIII. Essa devoção, transmitida através do Santo Rosário, está associada a inúmeras graças alcançadas por fiéis em todo o mundo.

Evaristo (2018) sugere que a prática das contas do Rosário pode ter origem nas orações diárias dos mosteiros católicos, que originalmente rezavam os 150 salmos da Bíblia diariamente. Na Idade Média, quando a maioria das pessoas, incluindo religiosos, era analfabeta, os monges rezavam diariamente 150 Ave-Marias e 50 preces três vezes ao dia. Para manter a contagem, faziam nós em um cordão, algo semelhante a uma coroa de flores oferecida a Nossa Senhora.

Em uma conversa informal durante minha pesquisa para o trabalho de conclusão de curso na UFV, abordei dona Irene Rocha<sup>5</sup>, que revelou que a festa do Rosário, em tempos passados, tinha um propósito único: a fé. Seus avós batizaram seu pai em nome de Nossa Senhora do Rosário, prometendo que ele seria congo em agradecimento à santa protetora.

O reconhecimento da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio reflete a luta coletiva de um movimento social que busca garantir direitos por meio da valorização de sua cultura ancestral. A luta quilombola é uma manifestação organizada que cria identidades e é fonte de criatividade e inovação sociocultural. A organização da comunidade em territórios, observada por Marques (2016) na subdivisão em agrupamentos de casas orientados por córregos, é fundamental para a articulação de pleitos coletivos. A Fundação Cultural Palmares (FCP), criada em 1988, desempenha um papel crucial no reconhecimento e validação das comunidades quilombolas, emitindo certificações que garantem acesso aos programas sociais do Governo Federal e promovem uma política cultural inclusiva. A certificação da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio em 2015 representa um marco importante, fortalecendo sua identidade cultural e abrindo portas para o empoderamento feminino. A Associação Quilombola, por meio de parcerias entre universidades e órgãos governamentais, desempenhou um papel essencial nesse processo de certificação.

Contudo, apesar do reconhecimento, desafios persistem. A preservação das tradições e a transmissão dos saberes populares pela memória são fundamentais para a manutenção da cultura quilombola. A festa de Nossa Senhora do Rosário tornou-se um ponto central de celebração e resistência cultural, evidenciando o papel vital das mulheres na preservação dessas tradições. O reconhecimento oficial trouxe oportunidades para revitalizar e preservar essas práticas, mas ainda são necessárias políticas efetivas para garantir o pleno exercício dos direitos

---

<sup>5</sup> Irene do Carmo Rocha Custódio, ex-moradora e nativa do povoado de Airões, mulher negra, casada e mãe, residente atualmente no bairro Bom Jesus, na cidade de Viçosa-MG. Ela quem nos dá permissão para relatar algumas das obras culturais deixadas pelo falecido José Lúcio Rocha. Dona Irene destaca que a festa era significativamente diferente do que é hoje, com vestimentas concebidas para glorificar o nome da santa protetora.

e enfrentar desafios relacionados à infraestrutura, ao acesso a serviços básicos e aos direitos territoriais.

Assim, ao se analisar o território negro através da devoção feminina, observa-se as complexas interações entre fé, cultura, gênero e identidade. As mulheres, como guardiãs da memória e agentes ativas na devoção religiosa, desempenham um papel central na preservação e transmissão das tradições quilombolas. O reconhecimento oficial, embora significativo, é apenas o início de um processo mais amplo, que deve abordar os desafios contínuos enfrentados por essas comunidades. O caso da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio ilustra a importância de políticas inclusivas que valorizem e respeitem a diversidade cultural, reconhecendo as contribuições das comunidades quilombolas para a construção da identidade brasileira.

Dessa maneira, a investigação sobre a celebração de Nossa Senhora do Rosário pode ser interpretada como uma análise das raízes ancestrais da africanidade, fortalecendo a resistência do povo negro e quilombola. Esse estudo contribui significativamente para a noção de pertencimento comunitário, facilitando o resgate dessas práticas culturais. A recuperação da identidade, por meio de expressões culturais, destaca o pertencimento ancestral que moldou a cultura brasileira. A interconexão dos eixos de patrimônio, memória e identidade em um território quilombola emerge como uma prática de resistência, na qual a pesquisa acadêmica desempenha um papel crucial.

Além disso, a relevância dessa proposta de pesquisa transcende a desmitificação de concepções negativas ainda persistentes sobre festas populares protagonizadas pela população negra e quilombola, resultantes de preconceitos e racismo presentes na sociedade. Ao reafirmarem politicamente suas trajetórias e identidades negras, os detentores dos patrimônios culturais afro-brasileiros confrontam o racismo e a discriminação. Esta pesquisa também contribui para a visibilidade e emancipação do movimento feminino, que desempenha um papel vital na organização e participação das festas. A participação ativa das mulheres quilombolas nas esferas de decisão, anteriormente não plenamente reconhecida, reflete uma transformação revolucionária.

Em meio à dinâmica de participação, as mulheres quilombolas, historicamente engajadas no trabalho agrícola, passaram a desafiar estruturas opressoras e hegemônicas, adotando práticas agroecológicas e combatendo o sistema dominante. Esse empoderamento cultural, de gênero e intelectual inaugura uma ressignificação do papel das mulheres na comunidade. O papel tradicionalmente atribuído a elas, especialmente associado à casa e à família, é desafiado. Oliveira (2017) e Marques (2016) constataram em seus trabalhos a

fundamental participação das mulheres, embora nem sempre devidamente explorada. O movimento feminino quilombola revela uma força coletiva que busca igualdade racial em uma comunidade historicamente oprimida.

A pesquisa também evidencia lacunas na análise acadêmica da participação das mulheres nas festas do Rosário, destacando a necessidade de uma abordagem mais aprofundada desses aspectos essenciais da construção identitária da comunidade. Assim, o projeto emerge como uma análise crucial sobre o papel das mulheres nessas festividades, não apenas como espaços de resistência e fé, mas como guardiãs da memória e transmissoras de saberes tradicionais. O estudo examina os elementos de sociabilidade durante a construção das festividades, evidenciando a fluidez da festa e seu impacto na sociedade. Oliveira (2017) destaca, em sua dissertação, que a voz das mulheres é frequentemente considerada "menos" importante em determinados momentos, evidenciando a necessidade de reverter essa perspectiva e valorizar essas importantes contribuições.

Historicamente associada à maternidade e ao matrimônio, a condição da mulher na sociedade começou a se transformar significativamente com a industrialização, abrindo caminho para sua participação no mercado de trabalho e na reivindicação de direitos. Fischer (2006) discute essa evolução e suas implicações nas normas sociais estabelecidas, proporcionando uma compreensão mais profunda do papel das mulheres quilombolas nas festividades do Rosário. Assim, este projeto de pesquisa contribui para a visibilidade e o respeito à história e à participação das mulheres quilombolas, desempenhando um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção da igualdade de gênero e racial.

#### **4.1. Dona Onília Maria Calazans e Dona Maria**

Ao adentrar no domínio da pesquisa oral, encontramos profundas reflexões oriundas da terra natal, onde a Virgem do Rosário é venerada com fervor. Louvores ecoam, entoados por "Marias de fé", enquanto o som dos fogos de artifício se mistura ao ritmo dos tambores e reco-recos do congado. Nesse cenário, impregnado de memórias e emoções, a biointeração cria uma complexa rede de diálogos entre o conhecimento acadêmico e o saber popular. Essa jornada de busca, encontro e reconexão inicia-se com as narrativas de Dona Onília Maria Calazans e Dona Maria. Escolhidas para uma análise mais aprofundada das relações entre fé, memória e identidade, ambas carregam um legado cultural que transcende o tempo.

A partir das entrevistas realizadas, torna-se possível estabelecer um diálogo consistente entre os relatos dessas mulheres e o arcabouço teórico que fundamenta a

compreensão das dinâmicas culturais, sociais e identitárias nas celebrações da festa de Nossa Senhora do Rosário. Marques (2016) oferece uma visão detalhada da geografia singular da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, destacando sua estruturação em vilas delimitadas por córregos, cada uma reverenciando uma matriarca falecida. Essa peculiar subdivisão tece uma tapeçaria rica de significados que transcende o espaço físico e a estrutura social e afetiva do quilombo. A interconexão entre geografia e história emerge como elemento central para a compreensão da identidade dessa comunidade.

Com esse pressuposto, inicia-se a jornada de memórias e reflexões, começando pela participação de Dona Onília Maria Calazans. Com 15 anos dedicados ao congado, Dona Onília se revelou uma bisavó ativa, transmissora do conhecimento popular. Em sua casa, fui recebida com um forte abraço, fruto de uma amizade que remonta à minha falecida mãe. Ela destacou a escassez de participantes na banda de congo atualmente, embora seu bisneto Kevim, de 7 anos, e seu genro Giliard ainda mantenham a tradição. Sua entrevista revelou uma mulher que, com persistência, enfrentou desafios para manter vivo o legado cultural transmitido por gerações.

Segundo falas de Dona Onília:

*pra mim uma pessoa tem que mostrar sua cultura. Eu num tenho vergonha de dizer que pulo congo, se sou quilombola, eu mostro mesmo. Kevinho ficava me reparanu quando colocava a roupa do congo, aí um dia falei assim com Vivi: Veste esse minino que ele vai comigo pular. E aí ele num quer saber onde é a festa, só sei que tá sempre atrás de mim (Fala de Dona Onília em conversa com a pesquisadora).*

Seguindo a mesma linha de reflexão, Dona Maria, minha madrinha de batismo e ministra da eucaristia, compartilhou sua rica trajetória. Nascida em 16 de janeiro de 1956, é participante ativa das festas do Rosário desde a infância, com uma vida profundamente entrelaçada à devoção a Nossa Senhora do Rosário. Ela ressaltou seu papel como madrinha da bandeira no hasteamento do mastro e sua constante participação na festa. A banda de congo passar por sua casa na alvorada é uma tradição que remonta à época de sua sogra, Dona Chiquinha, parteira e figura respeitada, destacando a conexão entre fé e festividade.

Assim que me apresentei para a pesquisa sobre a Festa do Rosário, Dona Maria, mesmo com a casa cheia de visitas, prontamente me convidou a entrar. Organizou a mesa com quitutes preparados por ela, acompanhados por uma garrafa de café recém-coado, uma hospitalidade que reforçou nossa relação de proximidade.

Senta aí minha *fia*, *nois* tem muita coisa *pra* conversar, minha *fia*. Eu tenho muita fé em Nossa Senhora do Rosário, mal de mim se não fosse Ela. Tudo que peço, Ela me atende. Mas é uma pena esse pessoal de fora *tá mudanu* a festa né? *Num* concordo com isso não, acho que tem espaço *pra* tudo nesse mundo, mas o dia da festa é da santa né? (fala de Dona Maria em conversa com a pesquisadora)

Dona Onília e Dona Maria, representantes de diferentes gerações, forneceram valiosas perspectivas sobre as mudanças nas práticas festivas e nas tradições culturais ao longo do tempo. Dona Onília, com seus 15 anos de dedicação ao congado, simboliza a persistência na preservação das tradições, enquanto Dona Maria, nascida em 1956, testemunha as transformações e expressa preocupações sobre a possível perda da essência da festa.

Dona Onília compartilhou a surpresa ao ver sua foto em um livro, destacando como muitas famílias não costumam registrar esses momentos. Isso reforça a importância de documentar e preservar as tradições culturais, pois registros visuais e fotográficos são fundamentais na construção da memória coletiva.

Eu *num* sei em que festa foi essa... E pela foto foi há muito tempo porque eu *tava* nova. Quando a gente é chamado pra pular congo, não importa o lugar, eu *vô* (falas de Dona Onília em conversa com a pesquisadora).

Figura 13 – Dona Odília apresentando as indumentárias do congado.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Enquanto Dona Onília falou de sua experiência como bisavó ativa no congado, Dona Maria trouxe uma visão detalhada das práticas festivas de outrora. Ela enfatizou a simplicidade das vestimentas do reinado, com cores simbólicas ligadas à devoção a Nossa Senhora do Rosário. Em sua narrativa, emergiu a complexidade dos eventos festivos, conforme analisado por Clifford Geertz (1989), que aborda a tensão entre fé e cultura.

As mudanças nas indumentárias, de simples a mais elaboradas, refletem a preocupação de Dona Maria com a autenticidade da festa. Ela criticou a influência de pessoas de outras regiões e a mistura de culturas, ressaltando a importância da preservação da identidade cultural local.

Dona Onília e Dona Maria oferecem perspectivas complementares sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário. Enquanto Dona Onília representa a continuidade das tradições no presente, Dona Maria rememora as práticas antigas e expressa inquietações com as transformações que podem comprometer a autenticidade da festividade.

Antigamente era diferente? Era sim, mas também às vezes *nois* tem que deixar as coisas mudarem porque se não esses *meninu* que tão vindo aí não vão nem saber do passado deles. Por isso que ensino *pros* mais novo, assim eles aprende

e não deixa a cultura morrer. Foi assim que eu aprendi a dançar congo, com meu tio, o mestre José Lúcio Rocha. Eu não perdia um congado, *nois* tem que passar tudo pra essa geração, sim. A devoção a nossa Senhora do Rosário é o que nos mantém de pé *pra* continuar (fala de Dona Onília em conversa com a pesquisadora).

Figura 14 – Dona Maria, à direita.



Fonte: cedido por Dona Maria, de seu acervo pessoal.

Essas entrevistas revelam a complexidade das dinâmicas culturais e de gênero nas comunidades quilombolas do Córrego do Meio. Mulheres como Dona Onília e Dona Maria se destacam como agentes ativos na preservação das tradições, enfrentando desafios e resistindo às mudanças que ameaçam a identidade cultural.

Entrelaçadas com teorias de estudiosos como Gohn (2010) e Durkheim (1996), essas narrativas enriquecem a compreensão das interações entre fé, resistência e identidade nas celebrações de Nossa Senhora do Rosário. O diálogo entre as experiências vividas e o referencial teórico oferece uma análise aprofundada do papel das mulheres quilombolas nesse contexto, onde o sagrado e o profano, o antigo e o contemporâneo se entrelaçam.

Conectando agora às perspectivas de Patrícia e Dona Lúcia Celestino, avançamos para uma análise mais abrangente da dinâmica cultural na Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. Essas narrativas proporcionam uma visão contemporânea e profunda sobre o papel das mulheres nas celebrações de Nossa Senhora do Rosário, oferecendo novos insights sobre a interseção entre fé, resistência e identidade.

#### 4.2. Patrícia e Dona Lúcia Celestino

Neste contexto revelador das experiências na Associação da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, as entrevistas com Patrícia e Dona Lúcia Celestino oferecem uma visão profunda das interseções entre fé, cultura e resistência em torno da festa de Nossa Senhora do Rosário. Ao dialogar com o referencial teórico, exploraremos as narrativas dessas mulheres como expressões ricas e complexas de uma tapeçaria cultural única. O mergulho nessas vivências, à luz de conceitos como resistência cultural e memória coletiva, promete revelar as nuances das dinâmicas sociais, religiosas e identitárias nas comunidades quilombolas do Córrego do Meio. Contudo, nem sempre esses momentos são de consenso total, seja nas mudanças ou nas relações entre o sagrado e o cultural. Esse conflito interno, muitas vezes imperceptível aos olhos dos visitantes ou pesquisadores externos, é idealizado como uma convivência harmônica. No entanto, como membro ativo e participante desses espaços culturais e de ressignificação, observo que isso nem sempre ocorre.

Minha experiência como rainha nos anos de 2021 e 2022 atesta a ligação intrínseca entre fé e participação ativa na festa. A fé, como destaca Patrícia, foi o principal motivador para assumir esse papel. Contudo, sua participação em um ano voltado para as raízes africanas trouxe desafios, ilustrando as tensões presentes na interseção de diferentes elementos culturais e religiosos. Em determinado momento da entrevista, quando perguntei como se sentiu ao participar do coral junto ao Grupo de Mulheres do Ganga Zumba<sup>6</sup> nos dias que antecederam o festejo e também no grande dia, ela, com um olhar de tristeza e revolta, comentou:

*Cê num tem ideia do que eu ouvi dentro da igreja (nesse momento, abaixou a cabeça e ficou calada, dando um suspiro profundo)... Falaram que *nois ta**

---

<sup>6</sup> O Ganga foi fundado em 1988 por dezesseis adolescentes negras sob a tutela de duas mulheres adultas, enquanto um grupo de “dança manifesto”, com o objetivo de afirmar e divulgar a cultura negra do Bairro de Fátima, um quilombo urbano localizado na cidade de Ponte Nova, Minas Gerais.

misturando macumba com Nossa Senhora, que quilombo não tem nada a ver *cum* igreja (Patrícia em conversa com a pesquisadora).

Figura 15 – Patrícia como rainha no ano de 2022, juntamente com seu companheiro de reinado, Antônio Júlio.



Fonte: cedido por Patrícia do Carmo, de seu acervo pessoal.

A discriminação cultural enfrentada por Patrícia revela uma faceta sombria da sociedade, onde expressões culturais afro-brasileiras ainda são estigmatizadas. Sua fala sobre resistência negra e empoderamento conecta-se com os estudos de autores como bell hooks (1981), que analisam a importância do empoderamento na luta contra o racismo e o sexismo.

Sobre as formas comuns de opressão e racismo em nossa sociedade, Kilomba (2019) afirma que

uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem? (Kilomba, 2019, p. 12-13)

A experiência de discriminação cultural vivida por Patrícia não apenas expõe suas cicatrizes pessoais, mas também ilumina uma faceta persistente da sociedade, onde as expressões culturais afro-brasileiras continuam a ser estigmatizadas. Seu relato ecoa inúmeras

narrativas que evidenciam as complexidades do racismo e da marginalização presentes em diferentes estratos sociais. Ao discutir a resistência negra e a busca pelo empoderamento, Patrícia alinha-se com perspectivas teóricas como as propostas por bell hooks (1981).

O trabalho seminal de bell hooks, em obras como *"Ain't I a Woman?"* e *"Feminist Theory: From Margin to Center"*, oferece uma análise profunda sobre as interseções entre raça, gênero e classe. A autora destaca a importância crucial do empoderamento como ferramenta essencial na luta contra as estruturas opressivas de racismo e sexismo. Nesse contexto, a resistência negra não é apenas um ato de enfrentamento, mas também uma afirmação positiva de identidade, uma reivindicação de espaço e reconhecimento.

Ao conectar a experiência de Patrícia às ideias de bell hooks (1981), emerge uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais que perpetuam a discriminação cultural. O empoderamento, conforme discutido por hooks, não é apenas uma resposta individual, mas um catalisador para a mudança sistêmica, envolvendo a conscientização das estruturas de poder que perpetuam a marginalização e a busca por estratégias que capacitem indivíduos e comunidades a desafiar e transformar essas estruturas.

Assim, ao compartilhar sua narrativa, Patrícia revela não apenas sua resiliência pessoal, mas também contribui para um diálogo mais amplo sobre questões culturais e identitárias que permeiam a sociedade brasileira. Sua história destaca a necessidade urgente de reconhecimento, celebração e preservação das ricas tradições afro-brasileiras, ao mesmo tempo que desafia as narrativas discriminatórias que persistem, mostrando que o empoderamento é um caminho vital para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Figura 16 – Membros do congado carregando o andor com imagem de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: cedido por Patrícia do Carmo, de seu acervo pessoal.

Ao mergulhar nas memórias vivas da comunidade, Patrícia evidencia a importância da preservação histórica. Essa busca constante pelo passado ecoa as reflexões de Maurice Halbwachs (1990), que argumenta que a memória é construída socialmente e, portanto, compartilhada entre grupos que vivenciam eventos similares.

Quando questionada sobre as transmissões das memórias da festa de Nossa Senhora do Rosário, Patrícia ressalta que:

*Oia, eu gosto de ouvir coisas sobre o passado. Sempre tive curiosidade com os mais véio quando era pequena. Eu lembro bem de quando carregava bandeira, eu aprendia muito com o pessoal. Hoje em dia a mulecada num qué saber de nada dessa vida... Se bubiar, uma hora vai acabar tudo, porque não vai tê quem falar das coisa de hoje no futuro (falas de Patrícia em conversa com a pesquisadora).*

É importante destacar que, nesse momento da entrevista, seus filhos, Maxuel, Natanael e Samuel, estavam em casa, mas, durante as horas que se alternaram entre entrevistas e bate-papo informal, apenas a entrevistada e eu permanecemos na sala.

Figura 17 – Imagens do dia do festejo em que Patrícia foi rainha.



Fonte: cedido por Patrícia do Carmo, de seu acervo pessoal.

Dona Lúcia Celestino, por sua vez, personifica a tradição e a resistência ao longo das décadas. Seu testemunho sobre o milagre vivenciado durante a festa, com seu filho Luizinho, ilustra a profunda relação entre fé e vivências pessoais, conectando-se à ideia de Mircea Eliade (1959) sobre o sagrado e o profano.

*Cê num tem ideia o mal que passei com esses meninos quando era pequeno. Fiquei viúva com trinta anos e tinha que me virar pra sustentar eles. Vivia rodando pra onde tinha serviço. Luizinho quase morreu com uma febre... naquela época só rico tinha médico... Bati o joelhos no chão e roguei a nossa virgem do Rosário e prometi que ele ia vesti nodia da festa pra ela, como forma de cumprir a promessa. Eu assim fiz e ele vestiu como pagador de promessa... ele era criança e cê vê que hoje já é avô. Nois tem muitos anos de devoção a Nossa Senhora do Rosário e todo dia só aumenta a fé (falas de Dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).*

As transformações percebidas por Dona Lúcia desde 2017, mencionadas em sua entrevista, ecoam os debates contemporâneos sobre a preservação das tradições culturais em meio às influências externas. A mistura de indumentária africana na festa e a presença crescente de elementos não tradicionais levantam questões sobre autenticidade e preservação cultural, alinhando-se aos estudos de Hobsbawm e Ranger (1983) sobre a invenção das tradições.

A voz de Dona Lúcia ressoa ao afirmar que Nossa Senhora do Rosário é dos pobres e dos negros. Essa perspectiva conecta-se à teologia da libertação, que destaca a importância da religião na luta contra a opressão, conforme defendido por Gustavo Gutiérrez (1971).

*Ela é protetora dos negros, meus pais falavam... porque nois preto e pobre, minha fia, sofre muito. Mas meu pai contava que na época dele sofria mais ainda... tinha que trocar dia com fazendeiro por comida e o que plantava ficava quase tudo nas fazendas, era muita humilhação. Por isso que Nossa Senhora do Rosário protege nois e os congo. Pra Ela, nois coroa rainha... mal de nois se num fosse ela (falas de Dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).*

Figura 18 – Dona Lúcia em diferentes anos da festa do Rosário.



Fonte: cedido por Dona Lúcia, de seu acervo pessoal.

A tradição de contribuir no café da alvorada, descrita por Dona Lúcia, é um exemplo tangível da importância da participação coletiva na construção e manutenção das celebrações. Essa dimensão comunitária pode ser entendida à luz dos estudos de Durkheim (1912) sobre a coesão social gerada por rituais compartilhados.

As narrativas de Patrícia e Dona Lúcia se entrelaçam de maneira complexa com o referencial teórico, evidenciando a riqueza e diversidade das experiências nas festas de Nossa Senhora do Rosário. A fé, a cultura, a resistência e a comunidade emergem como elementos centrais, proporcionando uma compreensão mais profunda desses eventos culturais e religiosos. A tapeçaria cultural e espiritual presente nas narrativas de Patrícia e Dona Lúcia abre caminho para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, religiosas e identitárias vivenciadas nas comunidades quilombolas do Córrego do Meio. A imersão nessas experiências proporciona um diálogo significativo com as teorias e reflexões propostas por estudiosos da área.

As festas religiosas, minha *fia*, sempre foi com ajuda do povo, sabe? O povo pensa como fazer e o povo que faz. Cada ajuda é bem-vinda *pra* festa. Nossa Senhora do Rosário fica feliz. E *cê* acredita que as coisas multiplica, *num* falta nada no dia, todo mundo come e bebe a vontade, graças a Deus. O ser humano é bom, só basta ter vontade de ajudar o próximo (falas de Dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

Ao refletir sobre a trajetória de Patrícia, observamos como sua participação, desde a infância, na festa de Nossa Senhora do Rosário, especificamente no grupo de congo José Lúcio Rocha, se destaca como um fio condutor de sua conexão com a fé e a cultura. A relação com a religiosidade, conforme discutido por Clifford Geertz (1989), transcende a dimensão individual, permeando a comunidade quilombola e moldando identidades coletivas. A festa não é apenas um evento isolado; é um reflexo da cosmovisão que permeia a vida cotidiana dessas mulheres.

Figura 19 – Procissão do dia do festejo após a missa.



Fonte: cedido por Dona Lúcia, de seu acervo pessoal.

No âmbito da fé de Patrícia, emerge a importância da novena, da missa e da devoção a Nossa Senhora do Rosário. Esses elementos, como analisados por Roger Bastide (2013), tornam-se rituais fundamentais que transcendem o espaço sagrado da igreja, penetrando na

esfera da cultura e da identidade do grupo. A resistência e a afirmação da cultura negra nesses rituais de devoção desafiam estereótipos e ressignificam a herança cultural afro-brasileira.

O episódio em que Patrícia e um grupo de mulheres enfrentaram críticas ao representarem as raízes africanas na festa revela as tensões e desafios que cercam a expressão cultural afrodescendente em contextos religiosos. Os comentários negativos sobre a presença da "macumba na igreja" evidenciam estigmas históricos associados à cultura negra, ressoando com as análises de Kabengele Munanga (1988) sobre a construção de estereótipos raciais e a necessidade de romper com essas barreiras.

Quando questionada sobre as mudanças que a certificação da comunidade trouxe para seu cotidiano, Patrícia é direta:

Olha, *pra* mim só trouxe coisa boa [ risos]. Eu *num* paro mais não. O dia que não *tô trabaianu* em Viçosa, eu *tô* ou na horta de casa, ou *tô* movimentando pra aprender alguma coisa sobre a minha raiz, porque eu orgulho mesmo de falar que sou mãe de quatro filhos e que eu ainda corro atrás de conhecimento. Quando tinha o cursinho eu fazia mesmo [risos]. *Nois* não pode perder as oportunidades não, ainda mais que antigamente ao invés de estudar eu tinha é que trabalhar. Eu sou apaixonada em ouvir histórias do passado, por isso que sempre sou chamada *pra* falar sobre a comunidade eu vou mesmo. Tem um monte de pesquisadores que me procuram, sou quilombola e com muito orgulho da minha cor e da minha história (Falas de Patrícia em conversa com a pesquisadora).

O empoderamento de Patrícia, enraizado no reconhecimento do quilombo pela Fundação Cultural Palmares, sinaliza uma narrativa de resiliência e resistência. O engajamento em palestras em escolas, o retorno aos estudos e a participação ativa na comunidade destacam o papel das mulheres quilombolas não apenas nas tradições culturais, mas também como agentes de transformação e educação, ecoando as discussões de Lélia Gonzalez (1982) sobre a interseccionalidade de gênero, raça e classe.

A experiência de Dona Lúcia Celestino, com suas oito décadas de vivência, adiciona uma dimensão temporal à reflexão sobre resistência. Sua narrativa, permeada pelo trabalho na roça e pela dedicação à festa, ilustra uma vida profundamente entrelaçada com a devoção a Nossa Senhora do Rosário. A mudança percebida a partir de 2017, com a presença de "forasteiros" na festa, ressoa com as inquietações de Stuart Hall (1997), que explora a dinâmica da identidade cultural em meio a processos de globalização.

A defesa veemente de Dona Lúcia pela preservação da autenticidade da festa e a crítica à "mistura" cultural refletem a preocupação com a perda da essência e a diluição das tradições. Isso encapsula uma resistência à diluição cultural, reforçando a ideia de que, para ela, a festa do Rosário é um espaço sagrado.

Com o olhar fixo no que eu estava escrevendo no caderno de campo, ela não hesita em falar que não concorda com essas mudanças da festa, mesmo antes de a pergunta ser feita:

O povo *num ta tenu* noção do que é festa do Rosário, não... Tão fazendo tudo de qualquer maneira, *misturanu* maracatu com congado, quilombola... *Cê bobo*, nunca vi santo dançar maracatu, até as roupas algumas rainhas tá *mudanu* as cores... Ninguém me pergunta de como era, porque acha que *tão* sabendo tudo ( Falas de dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

A interconexão entre as experiências narradas e os fundamentos teóricos revela um panorama complexo e multifacetado. A festa de Nossa Senhora do Rosário emerge como um locus de resistência, celebração e afirmação identitária para as comunidades quilombolas, ao mesmo tempo em que enfrenta desafios e transformações. O diálogo entre as vozes das entrevistadas e as teorias propostas pelos estudiosos oferece uma plataforma para entender mais profundamente as dinâmicas culturais e religiosas vivenciadas por essas mulheres, lançando luz sobre a riqueza e complexidade de suas narrativas, especialmente das mulheres que foram fundamentais para a construção da festa e da memória da comunidade.

As narrativas de Patrícia e Dona Lúcia Celestino, membros atuantes na Associação da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, revelam uma intrincada tapeçaria de experiências culturais e de gênero que podem ser profundamente exploradas à luz do referencial teórico da pesquisa. Ao examinarmos esses relatos em diálogo, podemos desvelar nuances ainda mais sutis sobre as dinâmicas sociais presentes nessa comunidade específica.

Patrícia, integrante fundadora da associação, compartilha sua trajetória desde a juventude, quando iniciou sua participação na festa de Nossa Senhora do Rosário no grupo de congo José Lucio Rocha. Quando questionada sobre o significado de ser mulher, Patrícia ressalta aspectos familiares, sociais e como fonte de vida. Butler (1990), ao discutir a performatividade de gênero, propõe que a noção de mulher é construída através de práticas culturais repetidas. Patrícia, ao atribuir significados multifacetados à feminilidade, reflete essa complexidade identitária moldada por interações sociais.

Figura 20 – Imagem de Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A fé, conforme descrita por Patrícia, é um elemento intrínseco e espontâneo, transcendendo explicações racionais. Aqui, Fanon (1952) e hooks (1981) fornecem uma lente através da qual podemos interpretar a espiritualidade como uma forma de resistência e empoderamento, especialmente quando manifestada em eventos que destacam as raízes africanas, desafiando estereótipos prejudiciais.

A mudança percebida na festa ao longo do tempo, com a diversificação de grupos participantes, pode ser analisada à luz da teoria da identidade cultural de Stuart Hall (1997). A presença de diferentes grupos na celebração reflete não apenas uma dinâmica cultural em evolução, mas também a negociação constante de significados e práticas culturais dentro da comunidade.

O papel de Patrícia como rainha nos anos de 2021 e 2022, particularmente durante um ano voltado para as raízes africanas, ilustra uma forma de resistência cultural. A escolha de vestimentas coloridas e elementos que representam a herança africana pode ser interpretada como uma expressão de empoderamento em resposta à marginalização histórica da cultura negra. Este ponto conecta-se com as ideias de Bourdieu (2001) sobre resistência por meio da educação, já que a busca de Patrícia por conhecimento e seu retorno aos estudos representam uma forma de desafiar as normas tradicionais de gênero e empoderamento.

O relato de Patrícia também revela a complexidade das relações de gênero, especialmente em uma comunidade onde as mulheres estão na vanguarda das atividades na roça, na colheita de café e nos afazeres domésticos. O confronto constante com o patriarcado, mesmo sendo a única mulher em casa, destaca as dinâmicas de poder que permeiam a vida cotidiana e ressoa com as discussões de Bourdieu (2001) sobre as estruturas de poder arraigadas na sociedade.

O constante retorno às memórias vivas da comunidade, como mencionado por Patrícia, reflete uma busca pela compreensão do passado, uma prática que pode ser interpretada à luz das noções de memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990). O ato de recorrer às memórias compartilhadas da comunidade não apenas ajuda a preservar a história local, mas também fortalece os laços sociais por meio da construção compartilhada da narrativa histórica.

Uma vez que o sujeito está consciente de suas memórias individuais e coletivas, ele se apropria, alcança e fortalece sua identidade, a qual cria vínculos de pertencimento entre o sujeito e seus laços sociais, tornando - o apto a alcançar uma autonomia cidadã, pois as ressignificações das memórias (individuais e coletivas) despertam no sujeito o sentimento de dever de memória que assume novas configurações na sociedade contemporânea em que está inserido, ou seja o capacita na busca de novas oportunidades e novos direitos (Ciro, 2019, p.104).

A transição para a história de Dona Lúcia Celestino, nascida em 1942, destaca a importância da experiência intergeracional no entendimento da cultura e tradições locais. Seu testemunho de ter trabalhado nas fazendas até os 70 anos, sustentando oito filhos após ficar viúva aos 36 anos, evidencia não apenas sua resiliência, mas também a representação das mulheres como pilares fundamentais em estruturas familiares.

O relato de Dona Lúcia sobre o milagre envolvendo seu filho Luizinho, que posteriormente se tornou "rei de Promessa" na festa, é imbuído de significados simbólicos. Aqui, é possível aplicar conceitos de Geertz (1989) sobre a interpretação da cultura como um sistema de significados simbólicos, onde a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a celebração do milagre tornam-se manifestações profundas de significado cultural e espiritual.

A lamentação de Dona Lúcia sobre as mudanças na festa ao longo dos anos, incluindo a perda da essência e a mistura de elementos culturais, destaca a noção de hegemonia cultural

discutida por Gramsci (2000). A resistência de Dona Lúcia à influência externa e sua defesa da autenticidade cultural refletem a luta contra a imposição de valores e práticas que ameaçam a identidade cultural local.

Sua participação ativa na preparação da festa, envolvendo a confecção de roupas e a busca por doações, ressoa com as teorias de Putnam sobre capital social. A mobilização da comunidade, representada pela "chamada" para contribuições financeiras, destaca como a participação coletiva é essencial para a preservação e continuidade das tradições.

Figura 21 – Dona Onília confeccionando as roupas.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Dona Lúcia, ao enfatizar a tradição de contribuir no café da alvorada desde a época de seus pais, destaca uma transmissão intergeracional de práticas culturais. Esse fenômeno pode ser entendido à luz das teorias de Bourdieu (2001), que discute como o capital cultural é transmitido e mantido através das gerações.

A complexidade das emoções de Dona Lúcia durante a coroação, expressa através do brilho nos olhos e do choro engasgado, evoca uma resposta visceral às práticas culturais e simboliza uma conexão profunda com a tradição. Esse momento pode ser interpretado como

uma forma de experiência estética, em que a participação nas tradições culturais não é apenas um ato racional, mas também uma experiência emocional e sensorial.

Em conclusão, as narrativas de Patrícia e Dona Lúcia Celestino, quando interpretadas à luz do referencial teórico, oferecem uma visão mais profunda e interconectada das dinâmicas culturais e de gênero na comunidade quilombola do Córrego do Meio. A riqueza dessas experiências revela uma rede complexa de significados, resistência cultural e preservação das tradições, enfatizando a importância de uma abordagem interdisciplinar para a compreensão mais completa das comunidades locais.

### **4.3 Diálogos na cozinha: um encontro de saberes e tradições**

Dona Onília, com sua vivacidade e coração acolhedor, é uma testemunha viva da riqueza cultural que permeia as festas do Rosário na Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. Desde criança, convidada por seu tio, o mestre fundador, ela trilha uma jornada de 15 anos de dedicação ao Congado. Para Dona Onília, o Congado é mais que uma expressão cultural; tornou-se uma herança que ela passa adiante, envolvendo até seu bisneto de 7 anos e o genro nas atividades.

Quando questionada sobre sua experiência, Dona Onília compartilha sua trajetória como mãe solo, criando quatro filhos com ensinamentos de persistência, devoção e humildade. Sua participação nas atividades do Congado vai além da dança e música; ela se destaca na cozinha e na confecção dos trajes. Dona Onília é a personificação da perseverança diante das dificuldades, carregando o orgulho de vestir os trajes de congadeira e de contribuir para a preservação dessa tradição cultural.

Madrinha Maria, ou Dona Maria, como a chamo respeitosamente devido ao vínculo batismal, é uma mulher de fé e tradição. Nascida em 16 de janeiro de 1956, ela descreve suas atividades como ministra da eucaristia e madrinha da bandeira (estandarte de Nossa Senhora) durante as festas religiosas da comunidade. Sua ligação com as celebrações do Rosário remonta à sua criação nessas festas, onde aprendeu a importância de eventos como o hasteamento do mastro e a alvorada da banda de Congado. Sobre as mudanças ao longo do tempo, Dona Maria destaca a diversificação da festa com a participação de outros grupos culturais, mas ressalta que, apesar das mudanças nos trajes, o cerne da festa permanece enraizado na devoção e na celebração da cultura afro-brasileira.

Desde menina eu sempre participava das coisas de igreja, minha *fia*. [Abaixa a cabeça e coloca as mãos postas] Mal de mim se não fosse minha fé, eu tenho

muita fé, graças a Deus e nossa Senhora do Rosário. Por isso que *num* concordo com essa misturada que tão fazendo com a festa, *misturanu* maracatu e coisas de quilombola com igreja. Isso é coisa séria, o povo *tá achanu* que tudo é cultura hoje em dia (falas de dona Maria em conversa com a pesquisadora).

A cultura não é imutável em suas subdivisões, mas a identidade pessoal e coletiva é singular. As identidades culturais são pontos instáveis de identificação, moldadas pelos discursos da cultura e da história (Santos, 1996). Patrícia, que iniciou sua participação na festa aos 12 anos, oferece uma perspectiva única sobre o significado de ser mulher. Para ela, ser mulher transcende o âmbito familiar, alcançando dimensões sociais e sendo uma fonte de vida. Sua concepção de fé é profunda, espontânea e baseada na confiança em Deus. Sobre o papel da mulher, ela enfatiza sua participação ativa em atividades como a roça e a colheita de café, desafiando as divisões tradicionais de gênero.

Refletindo sobre as mudanças na festa, Patrícia destaca a crescente participação de outros grupos. Como rainha nos anos de 2021 e 2022, enfrentou desafios, especialmente em lidar com estereótipos, mas vê essas dificuldades como oportunidades de expor a cultura e o conhecimento popular, participando de eventos como palestrante.

Dona Lúcia Celestino, com seus 81 anos, é uma testemunha viva das transformações nas festas do Rosário. Desde jovem, participou de diversas funções, inclusive como rainha em várias ocasiões. Ela sempre ressaltou a igualdade de gênero na cozinha, com seus filhos envolvidos ativamente na preparação dos alimentos.

Desde que eu me lembro, minha *fia*, tem ajuda dos homens na cozinha, lá não tem distinção não... meus filhos mesmo ajudam há muito tempo. Os meninos (seus filhos, Silvano e Nenê) mesmo que mora no Rio, todo ano vem e ajuda na festa, na cozinha... E mexe na panela mesmo, carrega as latas pesadas, ajuda a picar os legumes que tiver lá. Graças a Deus sempre ensinei eles a ajudar, porque *nois* alcançamos muitas graças nessa vida (falas de Dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

Dona Lúcia expressa suas preocupações sobre a perda de essência com a participação crescente de membros de fora, como outros grupos culturais, como o maracatu e grupo de dança afro, e também com as mudanças nas indumentárias religiosas e na dinâmica de grupos.

Minha mãe sempre costurava as roupas *pra* festa, quando pediam ela. Alguns tecidos *nois* pedia na rua *pra* poder fazer, ou desmanchava roupas usadas. Mas era sempre as mesmas cores, rosa, azul, às vezes os vestidos das criadas era verde, mas nada do jeito que tá hoje, com essas roupas de quilombola, com esses turbantes na cabeça. Não *tô* dizendo, minha *fia*, que acho feio não, de modo algum, só que tem lugar *pra* tudo. Aqui, nossa festa é de tradição, do jeito que nossos pais ensinou.... *ocê* vê que agora até cantar música de quilombola eles estão dentro da igreja . Nossa Senhora do Rosário fica muito triste com isso, minha *fia*. Acho é que esse povo podia talvez festejar nas terras deles, já que fazem questão de mostrar a sua cultura. Bem, é isso que penso (falas de dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

Em suas reflexões pessoais, ela destaca a emoção da coroação e o respeito pela coroa e pela tradição de Nossa Senhora do Rosário como simbologia à coroação dos pobres e negros diante das injustiças e abusos sociais. O momento da coroação do reinado traz uma forte emoção no interior da igreja, uma sensação de choro engasgado e pulsar alado do coração. Ao som da banda de música da corporação Monsenhor Lisboa, o ecoar dos trompetes, da caixa e dos outros instrumentos traz uma sonoridade que nos faz crer ainda mais na força da fé e da devoção ao sagrado. Para Dona Lúcia, a emoção ultrapassa o cansaço durante esses breves dias de correria e trabalho intenso, pois, segundo ela, é um milagre que Nossa Senhora do Rosário lhe dá/deu

É difícil descrever, minha *fia* [abaixa a cabeça e dá um longo e pausado suspiro, acompanhado dos olhos lacrimejantes]. A gente não sabe se ri ou se chora naquele momento, é muita emoção *pra* uma pessoa. *ocê* não faz ideia de como é. É um momento que parece que Nossa Senhora *tá* ali, olhando *pra* gente. Tenho muito respeito pela coroa que já coloquei na cabeça, e temos que ter, porque não é um objeto qualquer, ela representa nossa fé em Maria. A base da festa é a fé, sempre foi e sempre será, por mais que tão *tentanu* mudar (falas de Dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

Ao unir essas narrativas, emerge um quadro fascinante de mulheres que não apenas participam ativamente das festas do Rosário, mas também desempenham papéis essenciais na preservação da cultura quilombola. A cozinha, além de ser o local de preparação dos alimentos, torna-se um espaço de encontro, de troca de saberes e de fortalecimento dos laços comunitários. O diálogo na cozinha transcende a mera culinária; é um intercâmbio de experiências, um ritual de conexão entre gerações.

Dona Onília, Dona Maria, Patrícia e Dona Lúcia compartilham não só receitas tradicionais, mas também histórias de vida, desafios superados e alegrias celebradas. A cozinha se torna um santuário onde as tradições são preservadas e reinventadas a cada geração. A cultura transformou o simples ato de comer em uma linguagem própria.

Essas mulheres, ao desempenharem papéis diversos nas festas do Rosário, redefinem o significado de ser mulher em suas comunidades. Elas rompem estereótipos, desafiam normas de gênero e se afirmam como líderes e guardiãs da cultura quilombola. O encontro na cozinha é um microcosmo de uma jornada maior de resistência cultural, devoção e construção de identidade.

Essa interação na cozinha não apenas preserva as tradições, mas também se estende além dos limites da culinária. É um espaço onde o passado e o presente se entrelaçam, onde as narrativas das matriarcas ecoam nas risadas das crianças que aprendem os segredos da cozinha quilombola. O conhecimento transmitido de geração em geração não é apenas sobre ingredientes e técnicas culinárias; trata-se de história, resistência e pertencimento.

Através da seleção dos alimentos, da forma de prepará-los e distribuí-los, um grupo expressa tudo aquilo que sabe e acredita. À medida que o ser humano, em seus aspectos sociais, se torna mais complexo, exigindo novas e mais sofisticadas formas de comunicação, isso se reflete automaticamente nas várias etapas da alimentação. O ‘como se prepara’, que é a cozinha, também expressa valores e crenças.

As entrevistadas, ao compartilharem suas experiências na cozinha, oferecem uma visão única para entender não apenas as festas do Rosário, mas também a complexidade e vitalidade de uma comunidade que persiste em preservar suas raízes. O diálogo na cozinha é, portanto, um ponto de partida para uma compreensão mais profunda da herança quilombola, uma herança que vai além das festas e tradições, ecoando nas histórias de vida dessas mulheres.

Figura 22 – Diálogos na cozinha.



Fonte: cedido por Patrícia do Carmo, de seu acervo pessoal.

Essas mulheres, por meio do diálogo na cozinha, moldam narrativas, desafiam estigmas e constroem pontes entre as gerações. O saber compartilhado na preparação dos alimentos é um testemunho vivo da continuidade da cultura quilombola. Cada receita é mais do que uma simples mistura de ingredientes; é uma história contada por mãos habilidosas, temperada com memórias ancestrais e servida com amor.

O diálogo na cozinha não se restringe ao presente, mas simboliza o legado que está sendo transmitido às futuras gerações. É um ato de resistência contra o esquecimento, uma celebração da riqueza cultural que transcende as adversidades. Ao reconhecer a cozinha como um local de encontro e troca de saberes, essa comunidade constrói um caminho para o futuro, onde as tradições continuam a prosperar e as vozes das matriarcas ressoam eternamente.

Naquela quinta-feira, ao procurar Dona Lúcia, tive a comprovação de minhas hipóteses sobre a participação efetiva das mulheres na cozinha durante os preparativos dos alimentos para o festejo. Segundo ela, os homens também participam desse espaço. Seus filhos cresceram seguindo essa tradição. Dona Lúcia conta que seu pai, o senhor Antônio Nonato (conhecido como “Antonim Pedro”), também cozinhava nas festas do Rosário.

Ele gostava de cozinha, minha *fia*. Lá, *nois* aprende muitas coisas da vida. É tanta comida que precisa ser feita no dia da festa que *num dá pra* recusar ajuda de ninguém (fala de dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

## 5. PROPOSTA DO PRODUTO FINAL

A proposta deste produto final é a criação de um livro que transcenda suas páginas, carregando as vivências e memórias das matriarcas que desempenharam um papel crucial na afirmação da identidade do Quilombo Córrego do Meio. Intitulado *Raízes Vivas: Memórias de Nossa Senhora do Rosário*, o livreto visa não apenas registrar, mas celebrar a riqueza cultural e histórica dessas mulheres — algumas já falecidas — que contribuíram significativamente para a construção da identidade quilombola em torno da festividade de Nossa Senhora do Rosário.

O livreto será projetado como uma ferramenta multifuncional, servindo tanto como veículo de transmissão de conhecimento quanto como instrumento educacional. Inicialmente, ele será utilizado nos espaços culturais de troca dentro da própria comunidade, oferecendo um meio tangível para preservar e compartilhar as narrativas enraizadas na tradição do Quilombo Córrego do Meio.

O passo seguinte será integrar esse material ao contexto educacional da Escola Estadual José Maurílio Valente, localizada no distrito de Airões, que, em 2017, foi reconhecida pelo governo de Minas Gerais como uma escola quilombola. Essa escola desempenha um papel único na formação de jovens descendentes do Quilombo Córrego do Meio. Ao incorporar o livreto nas atividades curriculares e extracurriculares, a escola oferecerá aos alunos uma oportunidade singular de se conectarem com suas raízes, entenderem a relevância da festa de Nossa Senhora do Rosário e fortalecerem sua identidade quilombola.

Mais do que apenas documentar histórias, o livreto tem como objetivo oferecer uma abordagem educacional que vá além dos padrões convencionais. A educação quilombola, baseada nas memórias das mulheres, terá um papel essencial na valorização e visibilidade dessas matriarcas. Ao incluir essas narrativas no currículo escolar, não estaremos apenas preservando a cultura, mas também promovendo um processo contínuo de ressignificação da identidade da comunidade.

No campo educacional, acredito que compreender a própria cultura é um passo fundamental para desenvolver estratégias eficazes de valorização. A escola não deve ser apenas um espaço de transmissão de informações, mas também um lugar onde se cultiva o pensamento crítico e se desafiam concepções culturais que muitas vezes são baseadas em estereótipos e falta de conhecimento.

Ao focar na cultura afro-brasileira por meio das memórias e contribuições dessas mulheres, o livreto torna-se um guia vivo para explorar as raízes culturais e reconhecer a importância da festividade de Nossa Senhora do Rosário. Em vez de apenas abordar a cultura

de forma teórica, essa proposta visa criar uma experiência educacional imersiva, permitindo que os alunos vivam e se conectem com sua própria história por meio dos legados de seus antepassados.

Neste contexto, a memória vai além de um simples registro do passado; é a junção de concepções transmitidas por aqueles que moldaram a identidade do quilombo. O livreto não apenas preservará essas memórias, mas as transformará em uma ferramenta ativa para a construção de um futuro enraizado nas tradições e valores do Quilombo Córrego do Meio.

Conteúdo do Livreto:

#### CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA:

Aprofundar a contextualização histórica é essencial para fornecer uma visão abrangente sobre a influência dos eventos históricos na Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. O objetivo é destacar as mudanças ao longo do tempo e como a festa de Nossa Senhora do Rosário tem sido uma âncora cultural em meio a essas transformações. Desde as origens da comunidade até os dias atuais, essa seção oferecerá uma análise detalhada da trajetória histórica, capturando os momentos cruciais que moldaram a identidade quilombola.

#### PERFIL DAS MATRIARCAS:

Enfatizar os perfis individuais das matriarcas é uma oportunidade para explorar suas histórias de vida, tradições transmitidas e desafios enfrentados ao longo das décadas. Além das entrevistas, serão incluídos depoimentos de familiares e membros da comunidade para enriquecer as narrativas. Essa seção será uma homenagem às mulheres que desempenharam papéis fundamentais na preservação das tradições, proporcionando uma visão única de suas vidas e contribuições para a comunidade.

#### FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES:

Uma seção dedicada a fotografias antigas oferecerá um olhar visual cativante sobre o passado da comunidade. Cada imagem será acompanhada de contextos históricos e relatos para proporcionar uma compreensão mais profunda dos eventos retratados. Além disso, ilustrações representativas de eventos significativos associados à festa de Nossa Senhora do Rosário trarão uma camada visual enriquecedora ao conteúdo.

#### ENTREVISTAS ATUAIS:

Manter o foco nas entrevistas recentes é crucial, mas também será incorporada a participação de membros mais experientes da comunidade. Essas perspectivas adicionais proporcionarão uma análise mais abrangente das mudanças ao longo das décadas, oferecendo uma visão mais completa das transformações sociais, culturais e religiosas na Comunidade Quilombola do Córrego do Meio.

Utilização do Livreto:

#### PROGRAMAS EDUCACIONAIS:

Desenvolver programas educacionais acessíveis para professores será uma estratégia para utilizar o livreto em sala de aula. Sugestões de atividades que enfatizem a preservação cultural e a identidade quilombola serão oferecidas, estimulando discussões que envolvam os estudantes na valorização da diversidade cultural e na compreensão da história local.

#### EVENTOS COMUNITÁRIOS:

Promover leituras públicas do livreto durante eventos comunitários será uma maneira eficaz de envolver os moradores. Sessões de perguntas e respostas durante esses eventos estimularão diálogos significativos sobre a história e a cultura locais, reforçando o papel do livreto como um instrumento de conexão entre as gerações.

#### DISTRIBUIÇÃO NAS ESCOLAS:

Garantir que cópias do livreto estejam disponíveis nas escolas locais, especialmente na Escola Estadual José Maurílio Valente, será uma medida estratégica. Isso permitirá que estudantes e educadores explorem as histórias em um ambiente educacional formal, contribuindo para uma compreensão mais profunda das tradições quilombolas.

#### PROMOÇÃO CULTURAL:

Utilizar o livreto como ferramenta de promoção cultural durante eventos, como a festa de Nossa Senhora do Rosário, será uma forma de aumentar sua visibilidade. A venda ou distribuição de cópias durante essas celebrações fortalecerá a preservação cultural e promoverá a conscientização sobre a rica história da comunidade.

#### CONSTRUÇÃO DE PONTES ENTRE GERAÇÕES:

Uma adição valiosa ao livreto será uma seção que destaque a importância de construir pontes entre gerações. Ao explorar as histórias de vida das matriarcas e aprofundar as

entrevistas com membros mais experientes, será possível evidenciar a relevância da transmissão intergeracional de conhecimentos e tradições para a continuidade da identidade quilombola. Essa abordagem visa não apenas documentar o passado, mas também fortalecer os laços entre jovens e idosos, garantindo que a riqueza cultural seja transmitida de uma geração para outra.

#### DESAFIOS E ASPIRAÇÕES FUTURAS:

Incluir uma reflexão sobre os desafios atuais enfrentados pela Comunidade Quilombola do Córrego do Meio e suas aspirações para o futuro trará uma dimensão contemporânea ao livreto. Questões como preservação ambiental, acesso a recursos educacionais e a garantia de direitos culturais serão abordadas, transformando o livreto em uma ferramenta para inspirar ações no presente e no futuro.

#### OFICINAS EDUCATIVAS:

A introdução de oficinas educativas que abordem temas presentes no livreto será uma estratégia eficaz para envolver diferentes faixas etárias da comunidade. Oficinas interativas que utilizem materiais visuais, histórias e discussões em grupo criarão oportunidades para uma aprendizagem mais profunda e participativa.

#### PROJETO DE ARQUIVO DIGITAL:

A criação de um arquivo digital será proposta para preservar, além do conteúdo do livreto, registros visuais, áudios e outros materiais relacionados à história e cultura da comunidade. Isso facilitará o acesso e permitirá uma preservação dinâmica e interativa do patrimônio quilombola.

#### PARCERIAS CULTURAIS:

Buscar parcerias com instituições culturais, museus ou centros de pesquisa ampliará o alcance do livreto. Essas colaborações poderão resultar em exposições itinerantes, palestras educativas e iniciativas de preservação cultural mais amplas, beneficiando tanto a comunidade local quanto um público mais abrangente.

## 6. O LIVRETO

### Raízes Vivas:

Memórias femininas sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário do Quilombo  
Córrego do Meio



Rosimari Cristina da Silva

## SOBRE A AUTORA

Filha de Denise Aparecida Rocha Silva e Arlindo Norberto da Silva, Rosimari Cristina da Silva nasceu em 1987 na cidade de Paula Cândido (MG) em um parto realizado em casa na comunidade rural do Córrego do Meio. Graduada em Educação do Campo na Universidade Federal de Viçosa (2020), é também especialista em Gestão Social: Políticas Públicas, Redes de Defesas de Direitos pela Universidade Norte do Paraná e mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa (2024). Atuou na formação da Associação da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio em 2014, respondendo com o presidente nos anos de 2019 e 2020.

## PREFÁCIO

Este livreto é parte integrante da pesquisa sobre o papel das mulheres quilombolas na preservação da festa de Nossa Senhora do Rosário, abordando a perspectiva cultural e devocional da população negra. Ele apresenta trechos da dissertação defendida na Universidade Federal de Viçosa, intitulada *O Protagonismo Feminino na Construção e Transmissão das Memórias da Festa de Nossa Senhora do Rosário no Quilombo Córrego do Meio (MG)*. Fundamentada em uma metodologia que combina História Oral e teorias multidisciplinares, a pesquisa destaca a contribuição essencial das mulheres na construção identitária e na transmissão intergeracional das tradições quilombolas.

A investigação começa com uma contextualização histórica, explorando as origens da festa e os desafios enfrentados pela comunidade ao longo do tempo. As narrativas revelam a festa não apenas como uma celebração religiosa, mas como um evento que molda a identidade quilombola e preserva tradições ancestrais.

O trabalho etnográfico realizado por meio da pesquisa oral cria um vínculo profundo com o território; o cotidiano dos entrevistados passa a ser, de certa forma, parte do cotidiano do pesquisador. O olhar atento e a escuta cuidadosa revelam detalhes essenciais para o estudo. Nas comunidades tradicionais, como o Quilombo Córrego do Meio, a oralidade é um acervo riquíssimo de histórias, apresentando fortes relações de pertencimento cultural. O passado coletivo vive na memória individual, como parte da vida de outros. A memória, nesse contexto, é um dinamismo que integra elementos tangíveis e intangíveis, contestando o inevitável e legitimando o passado por meio de fragmentos — sejam eles artefatos ou histórias contadas.

História e memória, embora conectadas, diferem em suas naturezas. A memória pessoal pode ser parcialmente compartilhada, mas é singular a cada indivíduo. Já o conhecimento histórico é produzido e compartilhado coletivamente, implicando em um entendimento coletivo. Como destaca Lowenthal, lembrar o passado é crucial para nossa identidade: saber quem fomos confirma quem somos. Nossa continuidade depende inteiramente da nossa memória; relembrar nos conecta às nossas versões anteriores, por mais que tenhamos mudado ao longo do tempo (Lowenthal, 1998).

No contexto do Quilombo Córrego do Meio, a relação intrínseca com o espaço e as celebrações festivas transcendeu a perspectiva dos colonizadores, transformando-se em uma forma de resistência cultural. Essa dinâmica de resistência e celebração, enraizada em práticas culturais profundas, serve como pano de fundo para as entrevistas apresentadas a seguir,

proporcionando uma imersão nas vivências, crenças e lutas das mulheres quilombolas, manifestadas através de sua devoção a Nossa Senhora do Rosário.

## INTRODUÇÃO

Geograficamente, a Comunidade Quilombola do Córrego do Meio está situada no distrito de Airões, município de Paula Cândido, na região da Zona da Mata de Minas Gerais. Sua estrutura social é organizada em torno de laços familiares e de parentesco. Marques (2016) destaca a subdivisão da comunidade em agrupamentos de casas ou vilas, orientadas e delimitadas por córregos, que recebem os nomes das matriarcas falecidas. Esses córregos convergem na parte baixa da comunidade, formando o Córrego do Meio, que continua seu trajeto pela região.

Trata-se de uma comunidade permeada por saberes locais, cosmologias, modos de vida e dinâmicas culturais próprias, que se depara com uma parcela constante de expansão de atividades ligadas ao eucalipto em seus limites internos e externos. Seus moradores vivem em terras herdadas de seus antepassados, organizando-se por meio de laços de descendência e sucessão em que filhos e filhas herdam a propriedade da terra, não se limitando, como em alguns casos verificados (Marques, 2015, p.6).

A partir das entrevistas realizadas, é possível estabelecer um diálogo consistente entre os relatos das mulheres quilombolas e o arcabouço teórico que fundamenta a compreensão das dinâmicas culturais, sociais e identitárias presentes na celebração da festa de Nossa Senhora do Rosário. Marques (2016) oferece uma visão detalhada da geografia singular da comunidade, destacando sua organização em vilas delimitadas por córregos que reverenciam matriarcas falecidas. Essa peculiar subdivisão vai além do espaço físico, permeando a estrutura social e afetiva do quilombo. A relação entre geografia e história se revela um elemento essencial na compreensão da identidade dessa comunidade.

A certificação da comunidade como remanescente quilombola marcou um ponto crucial, especialmente para as mulheres. A partir desse momento, o empoderamento feminino tornou-se mais evidente, abrindo novas oportunidades, inclusive na política. A participação das mulheres na organização e realização de eventos, muitas vezes invisibilizada, é fundamental. A certificação trouxe mudanças significativas para a festa de Nossa Senhora do Rosário, destacando o papel essencial das mulheres na preservação da cultura e das tradições quilombolas.

O reconhecimento oficial da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio pela Fundação Cultural Palmares representou um marco importante, permitindo que a comunidade se afirmasse como remanescente quilombola e buscasse seus direitos. No entanto, é fundamental que esse reconhecimento seja acompanhado de políticas públicas eficazes que garantam o pleno exercício desses direitos e enfrentem os desafios ainda existentes. O caso do Córrego do Meio destaca a importância de valorizar e preservar a diversidade cultural, reconhecendo as contribuições das comunidades quilombolas para a construção da identidade brasileira.

Ao pesquisar questões sociais e religiosas, também analisamos questões de gênero. Entre todas as mulheres mencionadas, destaca-se a figura da Virgem Santíssima do Rosário, que, de acordo com a fé católica, é venerada como a mãe de Jesus Cristo, sendo um símbolo central de devoção. Ao reconhecer a importância do protagonismo das mulheres quilombolas, a pesquisa contribui para a construção de narrativas mais inclusivas e representativas da história da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. O resgate das memórias, práticas culturais e contribuições dessas mulheres é fundamental para valorizar e preservar a riqueza da herança cultural inscrita na história dessas comunidades.

Neste livreto, apresentamos as histórias e depoimentos de algumas dessas mulheres que desempenharam e continuam a desempenhar papéis fundamentais na salvaguarda da festa e na promoção cultural e educacional da comunidade.

### **“MARIAS PELA FÉ, PELA INCLUSÃO SOCIAL E PELA CULTURA”: biografias e memórias de mulheres com protagonismo relevantes no quilombo Córrego do Meio**

É importante registrar que minha relação com cada uma dessas mulheres, enquanto moradora e pesquisadora, vai muito além do campo acadêmico. Por isso, sinto o privilégio de ter convivido e de continuar convivendo com mulheres tão sábias, potentes e únicas. Para mim, como pesquisadora quilombola, transcrever suas histórias com apreço e responsabilidade reforça meus laços afetivos com elas – sejam mães, primas, mães de leite, madrinhas de batismo, tias do coração, ou simplesmente familiares que carregam um legado que vai além do conhecimento acadêmico. São mulheres que resistiram ao sistema opressor, ao racismo, à fome e ao patriarcado, mantendo sempre sua essência empoderada e sua devoção firme. As tradições e peculiaridades da comunidade encontram proteção nas "guardiãs" da memória, que desempenham um papel crucial na preservação e valorização da fé e das festas religiosas populares, especialmente na celebração de Nossa Senhora do Rosário.

A fé das mulheres emerge como um pilar fundamental na estrutura familiar, transmitindo valores cristãos e fortalecendo a comunidade. O companheirismo e o amor, essenciais para a fraternidade, tornam-se fontes de força para alcançar graças. É comum para essas devotas recorrerem a promessas aos santos, seja por motivos de saúde física ou espiritual, mas também participarem do reinado por apreço à cultura. Muitas delas optam por contribuir com alimentos para o cardápio festivo, como forma de gratidão à Santa dos Negros pelas bênçãos recebidas.

Começo este livreto contando a história de Denise Aparecida da Silva, minha mãe, que já não está mais entre nós. Quando esses escritos ainda eram apenas um sonho, comentei com ela sobre a possibilidade de citá-la como uma das mulheres com grande participação ativa na comunidade. Antes de seu falecimento, ela iniciou uma conversa informal sobre a história da formação do Córrego do Meio e da festa de Nossa Senhora do Rosário. Como filha, faço questão de registrar, ainda que brevemente, quem foi Dona Denise e seu papel fundamental na educação popular e na fé da comunidade.

Minha mãe foi uma mulher atemporal, lutando incansavelmente pela inclusão social e pelo acesso à saúde e à educação – uma das razões que me motivou a ingressar no programa de pesquisa. Seu sorriso cativante estava sempre presente quando era solicitada por pesquisadores acadêmicos para falar sobre a história da comunidade. Com orgulho, afirmava sua descendência da família Rocha e sua filiação ao congadeiro falecido Belarminio Rocha, uma das primeiras famílias a residir na comunidade após a abolição. Artesã e cozinheira de renome, era referência por seus pratos e doces típicos. Mesmo com apenas o ensino fundamental, Dona Denise possuía uma sabedoria ímpar, sendo uma educadora natural, tanto na educação formal quanto na não formal.

Ela também era uma conhecedora profunda da cultura negra, atuando como conselheira cultural pela prefeitura de Paula Cândido, feirante, agente acolhedora da Pastoral do Batismo, e até como a Palhaça Tomate em eventos comunitários. Dona Denise cozinhou inúmeras vezes para a festa de Nossa Senhora do Rosário e era uma contadora de histórias cativante, sempre envolvida em uma boa prosa. Mulher de fé, preparava-se para ser rainha de compromisso da festa. E, acima de tudo, foi a melhor mãe do mundo.

Figura 1 – Dona Denise e suas três filhas (Rosimari, Rosiane e Délis) em minha formatura na UFV (2020) e em encontros de pastorais.



Fonte: Acervo pessoal da autora

**Dona Maria do Nascimento** é uma referência nas organizações religiosas da comunidade, desempenhando um papel central nas celebrações da festa de Nossa Senhora do Rosário. Em sua casa, ela recebe o cortejo e a banda de congado, uma tradição que reforça sua importância na manutenção dessa festividade. Conhecida como madrinha Maria, minha madrinha de batismo, ela compartilhou comigo sua rica trajetória. Nascida em 16 de janeiro de 1956, ministra da eucaristia e participante ativa nas festas desde a infância, sua vida é profundamente entrelaçada com a devoção à Nossa Senhora do Rosário.

Dona Maria destacou seu papel como madrinha da bandeira no hasteamento do mastro e sua presença constante nas celebrações. A tradição da banda de congo passar por sua casa durante a alvorada, uma prática que remonta à época de sua sogra, dona Chiquinha, a parteira da comunidade, revela a forte conexão entre fé e festividade, que ela mantém viva até hoje.

Quando me apresentei como pesquisadora e expliquei que a havia escolhido para ouvir sobre a Festa do Rosário, Dona Maria me acolheu com prontidão. Apesar de a casa estar cheia de visitas, ela me convidou para entrar e rapidamente começou a organizar a mesa, repleta de guloseimas e quitutes feitos por ela mesma. Ofereceu também uma garrafa de café recém-passado, como ela fez questão de mencionar, mostrando seu carinho e hospitalidade.

Senta aí minha *fia*, *nois* tem muita coisa *pra* conversar, minha *fia*. Eu tenho muita fé em Nossa Senhora do Rosário, mal de mim se não fosse Ela. Tudo que peço, Ela me atende. Mas é uma pena esse pessoal de fora *tá mudanu* a festa né? *Num* concordo com isso não, acho que tem espaço *pra* tudo nesse mundo, mas o dia da festa é da santa né? (fala de Dona Maria em conversa com a pesquisadora)

Figura 2 – Dona Maria, à direita.



Fonte: cedido por Dona Maria, de seu acervo pessoal.

Dona Lúcia Celestino é uma figura-chave nas discussões sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário na comunidade, sendo uma presença constante na organização do evento e uma guardiã das tradições culturais e devocionais. Rainha de compromisso em diversas ocasiões, ela desempenha um papel fundamental na construção e transmissão das memórias festivas. Sua ligação com a festa é fortalecida por sua tradição familiar, que a impulsiona a manter viva essa celebração. Em várias edições, compartilhou o reinado com seus filhos, o que reforça a transmissão intergeracional dessa devoção.

Mulher de fé e de mãos abençoadas na preparação de quitutes tradicionais da cozinha mineira, Dona Lúcia é reconhecida por sua sabedoria e habilidade. Sua trajetória de vida personifica a tradição e a resistência da cultura quilombola ao longo das décadas. Seu

testemunho sobre um milagre vivenciado durante a festa, relacionado a seu filho Luizinho, revela a profunda conexão entre fé e experiências pessoais, ecoando a concepção de Mircea Eliade (1959) sobre o sagrado e o profano, onde a devoção emerge como uma força transformadora na vida comunitária.

*Cê num* tem ideia o mal que passei com esses meninos quando era pequeno. Fiquei viúva com trinta anos e tinha que me virar *pra* sustentar eles. Vivia rodando *pra* onde tinha serviço. Luizinho quase morreu com uma febre... naquela época só rico tinha médico... Bati o joelhos no chão e roguei a nossa virgem do Rosário e prometi que ele ia vesti nodia da festa pra ela, como forma de cumprir a promessa. Eu assim fiz e ele vestiu como pagador de promessa... ele era criança e *cê* vê que hoje já é avô. *Nois* tem muitos anos de devoção a Nossa Senhora do Rosário e todo dia só aumenta a fé (falas de Dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

As transformações percebidas por Dona Lúcia desde 2017, mencionadas em sua entrevista, ecoam os debates contemporâneos sobre a preservação das tradições culturais em meio às influências externas. A integração de elementos da indumentária africana na festa e a presença crescente de elementos não tradicionais levantam questões sobre autenticidade e preservação cultural. Esses pontos se alinham aos estudos de Hobsbawm e Ranger (1983) sobre a invenção das tradições. A voz de Dona Lúcia ressoa ao afirmar que Nossa Senhora do Rosário é "dos pobres, dos negros." Essa perspectiva conecta-se à teologia da libertação, que destaca a importância da religião na luta contra a opressão, conforme defendido por Gustavo Gutiérrez (1971).

Ela é protetora dos negros, meus pais falavam... porque *nois* preto e pobre, minha *fia*, sofre muito. Mas meu pai contava que na época dele sofria mais ainda... tinha que trocar dia com fazendeiro por comida e o que plantava ficava quase tudo nas fazendas, era muita humilhação. Por isso que Nossa Senhora do Rosário protege *nois* e *os congo*. *Pra* Ela, *nois* coroa rainha... mal de *nois* se *num* fosse ela (falas de Dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

A experiência de Dona Lúcia Celestino, com suas oito décadas de vivência, adiciona uma dimensão temporal à reflexão sobre resistência. Sua narrativa, permeada pelo trabalho na roça e pela dedicação à festa, ilustra uma vida profundamente entrelaçada com a devoção a Nossa

Senhora do Rosário. A defesa veemente de Dona Lúcia pela preservação da autenticidade da festa e sua crítica à "mistura" cultural refletem uma preocupação com a perda da essência das tradições, encapsulando uma resistência à diluição cultural. Para ela, a festa do Rosário é um espaço sagrado, o que se afirma em suas palavras: “Cultura é cultura, fé é fé, *num* dá pra misturar não porque com Deus não se brinca, minha *fia*.”

Com o olhar fixo no que eu estava escrevendo no caderno de campo, ela não hesita em falar que não concorda com essas mudanças da festa, mesmo antes de a pergunta ser feita:

O povo *num ta tenu* noção do que é festa do Rosário, não... Tão fazendo tudo de qualquer maneira, *misturanu* maracatu com congado, quilombola... *Cê* bobo, nunca vi santo dançar maracatu, até as roupas algumas rainhas tá *mudanu* as cores... Ninguém me pergunta de como era, porque acha que *tão* sabendo tudo (Falas de dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

A interconexão entre as experiências narradas e os fundamentos teóricos revela um panorama complexo e multifacetado. A festa de Nossa Senhora do Rosário emerge como um locus de resistência, celebração e afirmação identitária para as comunidades quilombolas, ao mesmo tempo em que enfrenta desafios e transformações. O diálogo entre as vozes das entrevistadas e as teorias propostas pelos estudiosos oferece uma plataforma para entender mais profundamente as dinâmicas culturais e religiosas vivenciadas por essas mulheres, lançando luz sobre a riqueza e complexidade de suas narrativas, especialmente das mulheres que foram fundamentais para a construção da festa e da memória da comunidade.

Figura 3 – Dona Lúcia em diferentes anos da festa do Rosário.



Fonte: cedido por Dona Lúcia, de seu acervo pessoal.

Em suas reflexões pessoais, Dona Lúcia destaca a emoção da coroação e o respeito pela coroa e pela tradição de Nossa Senhora do Rosário como simbolismo da coroação dos pobres e negros diante das injustiças e abusos sociais. O momento da coroação do reinado traz uma forte emoção no interior da igreja, uma sensação de "choro engasgado e pulsar alado do coração". Ao som da banda de música da Corporação Monsenhor Lisboa, o ecoar dos trompetes, da caixa e de outros instrumentos traz uma sonoridade que nos faz crer ainda mais na força da fé e da devoção ao sagrado. Para Dona Lúcia, a emoção ultrapassa o cansaço durante esses breves dias de correria e trabalho intenso, pois, segundo ela, é um milagre que Nossa Senhora do Rosário lhe dá.

É difícil descrever, minha *fia* [abaixa a cabeça e dá um longo e pausado suspiro, acompanhado dos olhos lacrimejantes]. A gente não sabe se ri ou se chora naquele momento, é muita emoção *pra* uma pessoa. *Ocê* não faz ideia de como é. É um momento que parece que Nossa Senhora *tá* ali, olhando pra gente. Tenho muito respeito pela coroa que já coloquei na cabeça, e temos que ter, porque não é um objeto qualquer, ela representa nossa fé em Maria. A base

da festa é a fé, sempre foi e sempre será, por mais que tão *tentanu* mudar (falas de Dona Lúcia em conversa com a pesquisadora).

**Patrícia Carmo**, rainha nos últimos dois anos, além de seu papel na festa, destaca-se como militante social e feminista, participando ativamente da Associação da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. Nesse contexto, as entrevistas com Patrícia e Dona Lúcia Celestino oferecem uma visão profunda das interseções entre fé, cultura e resistência em torno da festa de Nossa Senhora do Rosário. Ao dialogar com o referencial teórico — que vai desde a performatividade de gênero proposta por Butler (1990) até a teoria da identidade cultural de Stuart Hall (1997) —, exploramos as narrativas dessas mulheres como expressões ricas e complexas de uma tapeçaria cultural única.

O mergulho nessas vivências, à luz de conceitos como resistência cultural e memória coletiva, revela as nuances das dinâmicas sociais, religiosas e identitárias nas comunidades quilombolas do Córrego do Meio. No entanto, nem sempre há consenso sobre as mudanças ou sobre as relações com o sagrado e o cultural. Esses conflitos internos muitas vezes não são perceptíveis aos olhos dos visitantes ou pesquisadores externos, que frequentemente idealizam a vida comunitária como harmônica. Contudo, como membro ativa desses espaços culturais e de resignificação, observo que essa harmonia nem sempre ocorre.

A experiência de Patrícia como rainha nos anos de 2021 e 2022 atesta a ligação intrínseca entre fé e participação ativa na festa. A fé, como ela destaca, foi o principal motivador para assumir esse papel. No entanto, sua participação em um ano voltado para as raízes africanas trouxe desafios, ilustrando as tensões presentes na interseção de diferentes elementos culturais e religiosos. Em um momento específico da entrevista, quando pergunto a ela como se sentiu ao participar do coral junto ao Grupo de Mulheres do Ganga Zumba<sup>7</sup> nos dias que antecederam o festejo e também no grande dia, ela, com um olhar de revolta e tristeza comenta:

*Cê num tem ideia do que eu ouvi dentro da igreja (nesse momento, abaixou a cabeça e ficou calada, dando um suspiro profundo)... Falaram que *nois ta**

---

<sup>7</sup> O Ganga foi fundado em 1988 por dezesseis adolescentes negras sob a tutela de duas mulheres adultas, enquanto um grupo de “dança manifesto”, com o objetivo de afirmar e divulgar a cultura negra do Bairro de Fátima, um quilombo urbano localizado na cidade de Ponte Nova, Zona da Mata mineira. Há mais de três décadas está absolutamente engajado na ampliação dos espaços de participação social, cultural e política da população negra e quilombola da região. É pioneiro por restituir o orgulho e pertencimento étnico-racial à comunidade negra interiorana por meio de uma prática político-pedagógica essencialmente artística e antirracista (Zeferino, 2022, p.12 e 13).

misturando macumba com Nossa Senhora, que quilombo não tem nada a ver *cum* igreja (Patrícia em conversa com a pesquisadora).

Sobre as comumente formas de opressão e racismo em nossa sociedade, Kilomba (2019) afirma que:

uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem? (Kilomba, 2019, p. 12-13)

A experiência de discriminação cultural vivida por Patrícia não apenas expõe suas cicatrizes pessoais, mas também ilumina uma faceta persistente da sociedade, onde as expressões culturais afro-brasileiras continuam a ser estigmatizadas. Seu relato ecoa inúmeras narrativas que evidenciam as complexidades do racismo e da marginalização presentes em diferentes estratos sociais. Ao discutir a resistência negra e a busca pelo empoderamento, Patrícia alinha-se com perspectivas teóricas como as propostas por bell hooks (1981).

Ao conectar a experiência de Patrícia às ideias de bell hooks (1981), emerge uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais que perpetuam a discriminação cultural. O empoderamento, conforme discutido por hooks, não é apenas uma resposta individual, mas um catalisador para a mudança sistêmica, envolvendo a conscientização das estruturas de poder que perpetuam a marginalização e a busca por estratégias que capacitem indivíduos e comunidades a desafiar e transformar essas estruturas.

Assim, ao compartilhar sua narrativa, Patrícia revela não apenas sua resiliência pessoal, mas também contribui para um diálogo mais amplo sobre questões culturais e identitárias que permeiam a sociedade brasileira. Sua história destaca a necessidade urgente de reconhecimento, celebração e preservação das ricas tradições afro-brasileiras, ao mesmo tempo que desafia as narrativas discriminatórias que persistem, mostrando que o empoderamento é um caminho vital para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Ao mergulhar nas memórias vivas da comunidade, Patrícia evidencia a importância da preservação histórica.

*Oia*, eu gosto de ouvir coisas sobre o passado. Sempre tive curiosidade com os mais *vêio* quando era pequena. Eu lembro bem de quando carregava bandeira, eu aprendia muito com o pessoal. Hoje em dia a *mulecada num qué* saber de nada dessa vida... Se *bubiar*, uma hora vai acabar tudo, *porque* não vai *tê* quem falar das coisa de hoje no futuro (falas de Patrícia em conversa com a pesquisadora).

Figura 4 – Patrícia como rainha no ano de 2022, juntamente com seu companheiro de reinado, Antônio Júlio.



Fonte: cedido por Patrícia do Carmo, de seu acervo pessoal.

**Dona Onília Calazans**, congadeira e memória viva da comunidade, desempenha diversos papéis, desde cozinheira até artesã na confecção da indumentária do congado. Com 15 anos de dedicação ao congado, Dona Onília revelou que sua bisavó foi "pega no laço" em uma época marcada pela escravidão e pelos maus-tratos à população negra e aos descendentes indígenas. Esse termo, "pega no laço", é recorrente ao se referir aos antepassados, mas, sob uma perspectiva historiográfica, está relacionado ao tráfico humano.

Ao procurá-la para ouvir seus relatos sobre a vivência na comunidade e na banda de congado, fui recebida com um forte abraço, resultado de uma antiga amizade com minha falecida mãe e toda a minha família. Dona Onília compartilhou suas experiências, destacando a defasagem de participantes na Banda de Congo José Lúcio Rocha nos dias atuais, embora seu bisneto Kevim, de 7 anos, e seu genro, Giliard, ainda mantenham viva a tradição. A entrevista revelou uma mulher que enfrentou muitos obstáculos com persistência e dedicação ao congado, um legado cultural que se estende por gerações. Segundo Dona Onília:

*pra* mim uma pessoa tem que mostrar sua cultura. Eu *num* tenho vergonha de dizer que pulo congo, se sou quilombola, eu mostro mesmo. Kevinho ficava me *reparanu* quando colocava a roupa do congo, aí um dia falei assim com Vivi: Veste esse *minino* que ele vai comigo pular. E aí ele *num* quer saber onde é a festa, só sei que tá sempre atrás de mim (em conversa com a pesquisadora).

Dona Onília compartilhou a surpresa ao ver sua foto em um livro, destacando como muitas famílias não costumam registrar esses momentos. Isso reforça a importância de documentar e preservar as tradições culturais, pois registros visuais e fotográficos são fundamentais na construção da memória coletiva.

Eu *num* sei em que festa foi essa... E pela foto foi há muito tempo porque eu *tava* nova. Quando a gente é chamado pra pular congo, não importa o lugar, eu *vô* (falas de Dona Onília em conversa com a pesquisadora).

Figura 5 – Dona Onília e sua participação ativa na preparação da festa.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essas mulheres, verdadeiras "guardiãs" de memórias, são cruciais para a valorização das festas religiosas, como a dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Conclui-se, portanto, que a festa de Nossa Senhora do Rosário é muito mais do que uma celebração religiosa. Ela é um palco onde a fé se entrelaça com a cultura, a memória e a resistência, moldando a identidade de uma comunidade quilombola que persiste em manter vivas suas tradições ancestrais. A devoção feminina, destacada ao longo deste estudo, revelou-se como um fio condutor para futuras investigações sobre as mulheres do Córrego do Meio, abrangendo suas culturas e espiritualidades. Assim, perpetua-se um legado que transcende o tempo em que esta pesquisa foi realizada.

Ao encerrar este estudo sobre as memórias dessas mulheres, é crucial destacar que, embora tenha alcançado uma compreensão significativa da festa de Nossa Senhora do Rosário na Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, esta pesquisa não esgota as inúmeras camadas e nuances desse fenômeno cultural. Pelo contrário, abre portas para futuras investigações, reflexões e diálogos, convidando outros pesquisadores a explorar, ampliar e aprofundar-se nas riquezas desse território negro, respeitando sempre as vozes e as experiências das comunidades quilombolas.

O contexto adicional sobre as vivências contemporâneas, como a participação ativa das mulheres na festa e a resistência cultural evidenciada por meio de eventos como o "Rap da Felicidade" na sala de aula, amplia a narrativa temporal. A interseção entre as experiências atuais e a preservação cultural, conforme abordado por Hobsbawm e Ranger (1983), destaca a relevância de compreender as tradições quilombolas não apenas como registros históricos, mas como práticas vivas que continuam a evoluir.

As discussões recentes também lançam uma análise sobre a educação como ferramenta de resistência cultural, como evidenciado pelas experiências de Patrícia em sua atuação como rainha nos anos de 2021 e 2022. A ligação entre educação, resistência cultural e a festa de Nossa Senhora do Rosário ecoa as discussões de Bourdieu (2001) sobre a resistência por meio da educação, adicionando uma dimensão prática e contemporânea ao entendimento da perpetuação cultural.

No âmbito educacional, acredito firmemente que compreender a origem da própria cultura é um passo fundamental para traçar estratégias eficazes de valorização. O campo educacional não deve ser apenas um local para transmitir informações, mas um espaço onde se cultiva o pensamento crítico e se desafiam noções simplistas de cultura, muitas vezes baseadas em estereótipos e desconhecimento. No que diz respeito à Lei 10.639/03, as interações neste estudo também apontam para a importância de integrar o ensino sobre História e Cultura Afro-

Brasileira de forma mais ampla e abrangente. A compreensão do racismo estrutural e sua negação sistemática conecta-se diretamente à necessidade de uma educação que promova a consciência crítica e contribua para a transformação da ordem social. Essa discussão transcende o âmbito da comunidade quilombola, estendendo-se para o debate nacional sobre políticas educacionais inclusivas e antirracistas.

Este contexto não apenas enriquece a compreensão da festa de Nossa Senhora do Rosário na Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, mas também amplia as reflexões para questões contemporâneas de justiça social, resistência cultural e educação. O diálogo entre os dados coletados destaca a relevância contínua dessas questões e aponta para futuras direções de pesquisa e aprofundamento nas complexidades do território negro do Córrego do Meio. Considerando esse mosaico de experiências, a festa de Nossa Senhora do Rosário na Comunidade Quilombola do Córrego do Meio revela-se não apenas como uma celebração local, mas como um reflexo vivo da riqueza cultural e das lutas diárias dessas comunidades. As vozes das mulheres, que ecoam através das narrativas e dos cânticos da festa, transcendem os limites temporais, projetando-se no presente e apontando para o futuro. Essa herança cultural, tecida com fios de fé, resistência e comunidade, representa uma fonte inesgotável de inspiração e sabedoria para as gerações vindouras.

## REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação :episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogá, Rio de Janeiro ,2019.

LOWENTHAL,David. Como conhecemos o passado . Trad.Lúcia Haddad, Revisão técnica Marina Maluf. Proj.História São Paulo,17novembro 1998. P.8

MARQUES, Pedro de Aguiar .Os processos do processo: (re)apropriações e (re)significações dos direitos pela comunidade quilombola de Córrego do Meio/MG. Universidade Federal de Viçosa , 2016.

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso . Grupo Afro Ganga Zumba :dança e canto de mulheres quilombolas como educação antirracistas na zona da mata mineira. UFSC- Florianópolis,2022.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta jornada de investigação sobre o território negro da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, guiada pelas lentes da devoção feminina, torna-se possível vislumbrar a complexidade e a riqueza das experiências compartilhadas por Dona Onília Maria Calazans, Dona Maria Nascimento, Patrícia Carmo e Dona Lúcia Celestino. Cada uma dessas mulheres emerge como guardiã de um legado cultural que transcende o tempo, moldando a identidade e a memória da comunidade quilombola.

A pesquisa, embasada em uma metodologia de História Oral, permitiu a construção de uma teia intrincada de narrativas autênticas e profundas. A escolha de focar a devoção feminina revelou-se essencial para desvelar aspectos frequentemente negligenciados da festa de Nossa Senhora do Rosário. A interconexão entre fé, memória e identidade emergiu como o fio condutor que uniu as experiências das entrevistadas às fundamentações teóricas, proporcionando uma compreensão mais holística da vida e das tradições no quilombo Córrego do Meio.

As mulheres, aqui citadas como narradoras primordiais desta pesquisa, destacaram a importância da Virgem do Rosário no tecido cultural e espiritual da comunidade. A relação entre geografia e história, delineada por Marques (2016), mostrou-se essencial na compreensão da identidade quilombola, enraizada nas vilas que reverenciam suas matriarcas falecidas. A filosofia ubuntu de Moraes (2019) ampliou a dimensão temporal, apontando para um futuro moldado pelas heranças do passado, enquanto a perspectiva de Durkheim (1996) conferiu à festa um significado simbólico que transcende o aspecto religioso.

A atuação das mulheres na festa de Nossa Senhora do Rosário, analisada à luz de Gohn (2010), reforçou a dinâmica singular das quilombolas como agentes ativas e dinâmicas, desafiando estigmas históricos. A pesquisa teve como objetivo trazer à tona as falas dessas mulheres, transcendendo as narrativas tradicionais centradas predominantemente nos homens, conforme destacado por Oliveira (2017), abrindo espaço para uma compreensão mais inclusiva da história e memória quilombolas.

O conceito de patrimônio cultural, conforme definido pelo IPHAN, desempenhou um papel crucial na valorização das tradições quilombolas como portadoras de identidade e memória. A abordagem de Halbwachs (1990), que compreende a memória como um processo de reconstrução em constante diálogo com o presente, instigou a análise das memórias associadas à festa não como registros estáticos, mas como narrativas vivas, em constante mudança e inserção de novas oralidades.

A transição para as experiências de Patrícia e Dona Lúcia Celestino proporcionou uma compreensão mais profunda das dinâmicas culturais e de gênero. Patrícia, ao articular sua visão multifacetada sobre o significado de ser mulher, e Dona Lúcia, ao personificar tradição e resistência ao longo das décadas, trouxeram nuances às teorias sobre o papel da mulher para além dos estereótipos. A análise das vivências de Patrícia, à luz de Butler (1990), Fanon (1952) e Hooks (1981), evidenciou a complexidade da dicotomia entre fé e cultura, ressaltando a resistência cultural e o empoderamento que emergem da expressão das raízes africanas na festa. Sua experiência como rainha nos anos de 2021 e 2022 ilustrou uma forma de resistência cultural diante das críticas e estigmas históricos associados à cultura negra, ecoando as discussões de Bourdieu (2001) sobre resistência por meio da educação.

Dona Lúcia Celestino, com suas oito décadas de vivência, adicionou uma dimensão temporal à reflexão, destacando a importância da experiência intergeracional. Seu testemunho, permeado pelo trabalho na roça e pela dedicação à festa, revelou uma vida profundamente entrelaçada com a devoção à Nossa Senhora do Rosário. As mudanças percebidas desde 2017 levantaram questões sobre autenticidade e preservação cultural, alinhando-se aos estudos de Hobsbawm e Ranger (1983) sobre a invenção das tradições.

As vozes de Patrícia e Dona Lúcia entrelaçaram-se de maneira complexa com o referencial teórico, evidenciando a riqueza e a diversidade das experiências nas festas de Nossa Senhora do Rosário. Fé, cultura, resistência e comunidade emergiram como elementos centrais, juntamente com a valorização da memória e dos saberes das mulheres inseridas nesse contexto.

Em síntese, esta dissertação não apenas documentou as práticas festivas e a participação das mulheres na festa de Nossa Senhora do Rosário, mas também buscou compreender o significado mais profundo dessas práticas, considerando os elementos históricos, sociais e culturais que convergem para a construção da identidade e da memória da Comunidade Quilombola do Córrego do Meio. O diálogo entre a história oral e o referencial teórico possibilitou uma análise crítica mais abrangente.

Conclui-se, portanto, que a festa de Nossa Senhora do Rosário é muito mais do que uma celebração religiosa. Ela é um palco onde a fé se entrelaça com a cultura, a memória e a resistência, moldando a identidade de uma comunidade quilombola que persiste em manter vivas suas tradições ancestrais. A devoção feminina, destacada ao longo deste estudo, revelou-se um ponto de partida para futuras investigações sobre a cultura e a espiritualidade do Córrego do Meio, perpetuando um legado que transcende a época em que esta pesquisa foi realizada.

Portanto, ao concluir este estudo sobre as memórias das mulheres, é essencial reconhecer que, embora esta pesquisa tenha alcançado uma compreensão significativa da festa

de Nossa Senhora do Rosário na Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, ela não esgota as inúmeras camadas e nuances desse fenômeno cultural. Pelo contrário, abre portas para futuras investigações, reflexões e diálogos, convidando outros pesquisadores a explorar, ampliar e aprofundar-se nas riquezas desse território negro, sempre respeitando as vozes e experiências das comunidades quilombolas.

Que este trabalho possa ser um elo na corrente da preservação e valorização das tradições quilombolas, reconhecendo a importância da devoção feminina na construção e transmissão dessas memórias, perpetuando a riqueza cultural que pulsa no coração do Córrego do Meio. Que as histórias aqui compartilhadas ressoem não apenas como registros acadêmicos, mas como testemunhos vivos de uma comunidade resiliente, cuja trajetória se entrelaça com as estrelas do Rosário e os ecos ancestrais que permeiam as noites escuras e estreladas do Córrego do Meio.

Ao estender esta jornada de investigação, e considerando as experiências adicionais discutidas, é possível perceber uma expansão das nuances e complexidades que envolvem a identidade e memória dessa comunidade. As contribuições recentes, especialmente nas interações sobre a Lei 10.639/03, a resistência quilombola e as vivências das mulheres, adicionam camadas importantes à compreensão do panorama cultural e social até então discutido.

O diálogo sobre a Lei 10.639/03 enriquece a discussão ao destacar a importância de políticas públicas específicas. O entendimento dessa legislação como um mecanismo de combate ao racismo estrutural (Cunha Junior et al., 2022) ressalta sua relevância na promoção da justiça social. Essa perspectiva se conecta diretamente com as reflexões sobre a preservação cultural e a valorização das tradições quilombolas.

Além disso, as redes de solidariedade e apoio construídas pelas mulheres quilombolas, conforme apontado por Crisóstomo, Melo e Terso (2022), oferecem um novo olhar sobre a atuação feminina na comunidade. Isso se harmoniza com a ênfase previamente dada à devoção feminina na festa de Nossa Senhora do Rosário, revelando as mulheres não apenas como guardiãs culturais, mas também como forças ativas na promoção da saúde, assistência social e engajamento político.

O contexto adicional sobre as vivências contemporâneas, como a resistência cultural evidenciada em eventos como o "Rap da Felicidade" na sala de aula, amplia a narrativa temporal. A interseção entre as experiências atuais e a preservação cultural, conforme abordado por Hobsbawm e Ranger (1983), destaca a importância de compreender as tradições

quilombolas não apenas como registros históricos, mas como práticas vivas em constante evolução.

As discussões também apontam a educação como uma ferramenta de resistência cultural, exemplificada pelas experiências de Patrícia como rainha em 2021 e 2022. A conexão entre educação, resistência e a festa de Nossa Senhora do Rosário ecoa as reflexões de Bourdieu (2001), agregando uma dimensão prática e contemporânea ao entendimento da perpetuação cultural.

A relevância da Lei 10.639/03 é evidenciada nas interações deste chat, destacando a importância de integrar o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira de maneira abrangente. O reconhecimento do racismo estrutural e a negação sistemática do mesmo, conforme discutido anteriormente, estão diretamente ligados à necessidade de uma educação que promova a consciência crítica e contribua para a transformação social. Essa discussão transcende o contexto quilombola, alcançando o debate nacional sobre políticas educacionais inclusivas e antirracistas.

Esse panorama não apenas enriquece a compreensão da festa de Nossa Senhora do Rosário, mas também expande as reflexões para temas contemporâneos de justiça social, resistência cultural e educação. O diálogo entre os dados coletados ressalta a relevância contínua dessas questões e aponta para futuras direções de pesquisa e aprofundamento nas complexidades do território negro do Córrego do Meio.

Assim, ao considerar este mosaico de experiências, a festa de Nossa Senhora do Rosário revela-se não apenas uma celebração local, mas um reflexo vivo da riqueza cultural e das lutas diárias dessas comunidades. As vozes das mulheres, ecoando nas narrativas e cânticos da festa, transcendem os limites temporais, projetando-se no presente e no futuro. Essa herança cultural, tecida com fios de fé, resistência e comunidade, representa uma fonte inesgotável de inspiração e sabedoria para as gerações futuras.

A ampliação das reflexões, abrangendo questões de justiça social, resistência cultural e educação, sublinha a importância de reconhecer o papel central das comunidades quilombolas na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A festa de Nossa Senhora do Rosário não é apenas um evento isolado, mas um capítulo vibrante em uma narrativa maior de fé, memória, resistência e preservação da identidade. Como ponto de convergência entre passado, presente e futuro, ela se torna um farol que ilumina os caminhos em direção a um futuro em que a diversidade cultural é celebrada e verdadeiramente valorizada.

Ao concluir esta dissertação, é inevitável reconhecer que a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola do Córrego do Meio transcende o escopo acadêmico. Ela se torna um

convite para uma compreensão mais profunda e um engajamento com as narrativas vivas dessas comunidades. Que este trabalho seja não apenas um registro, mas um catalisador para ações significativas em prol da justiça, da igualdade e da preservação das riquezas culturais que permeiam o território negro do Córrego do Meio. Que as lições aqui aprendidas ecoem não apenas nas salas de aula, mas também nas políticas públicas e nos corações de todos aqueles que têm o poder de moldar o futuro. Que possamos seguir adiante, guiados pela luz da compreensão e empatia, rumo a um mundo onde todas as vozes são ouvidas, todas as culturas são respeitadas e todos os corações batem em uníssono na sinfonia da humanidade.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 83-102.
- ACANTARA, Liliane Cristine Schlemer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?**. UFPR, 2017.
- ACOSTA, Alberto. **O bem viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução Tadeu Breda. Brasil: Editora Elefante, 2016.
- AGUIAR, W. B. **“Não tínhamos conhecimento nenhum”**: a voz ativa e política das mulheres quilombolas da comunidade de Buriti do Meio – Norte de Minas Gerais. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2016.
- ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Bem viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?** Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, Sistema Eletrônico de Revistas SER/UFPR, v. 40, p. 1-16, abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/48566>. Acesso em: 11 set. 2024.
- ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas**. São Paulo: Elefante, 2022.
- ALVES, Castro. O Navio Negreiro. In: ALVES, Castro. **Espumas flutuantes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 45-67.
- ARAÚJO, Emanuel. **Para nunca esquecer: negras memórias, memórias de negros**. Ministério da Cultura – Fundação Cultural Palmares, 2001.
- ARAUJO, Patricia Vargas Lopes de. **Folganças populares: festejos de Entrudo e Carnaval em Minas Gerais no século XIX**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Iara Diniz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.
- BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 fev. 2007. Seção 1, p. 3.

BUENO, Marielys Siqueira; FRUGOLI, Ricardo; FERREIRA, Zenir Aparecida Dalla Costa de Melo. Festa, cultura e turismo: relações possíveis. In: **Congresso da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em turismo**, 12., 2015, João Pessoa. Anais... São Paulo: ANPTUR, 2015. p. 1-15

BUENO, Marielys Siqueira; FRUGOLI, Ricardo; FERREIRA, Zenir Aparecida Dalla Costa de Melo. **Festa, cultura e turismo: relações possíveis**. In: Seminário anual da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em turismo, 12., 2015, Rio de Janeiro. Anais XII, 2015. p. 2.

BURDICK, John. **Blessed Anastácia: Women, race, and popular christianity in Brazil**. New York: Routledge, 1998.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN**, Brasília, n. 23, 1994. p. 95-111.

CELESTINO, Aparecida Eli Fátima. **Empoderamento no processo de certificação da comunidade quilombola Córrego do Meio**. CONAQ, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 13 set. 2022.

CIRO, Carlos. **O dever de memória e a construção da identidade: a apropriação das memórias individuais e coletivas como fatores de autonomia cidadã**. São Paulo: Editora XYZ, 2019.

COSTA, J. B. A. **Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo de penúria dos morenos: identidade através de rito em Brejo dos Crioulos (MG)**. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, Brasília, 1999.

COSTA, P. H. M. A. **Entre os documentos e as retomadas: movimentos da luta pelo território em Brejo dos Crioulos (MG)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

COTRIM, Gilberto. **História Global – Brasil e Geral**. São Paulo: Saraiva, 2005.

CRISÓSTOMO, Marcelo Moura. **Reminiscências dos Quilombos: Territórios da memória em uma comunidade negra rural**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

DIAS, Tailane de Oliveira. **Comunidade Quilombola Córrego do Meio: histórias, memórias e ensinamentos**. Paula Cândido, 2020.

DIAS, Tailane de Oliveira; PAES, Thauã F.A.; VIEIRA, Lorena de O. **Aspectos culturais e históricos de Paula Cândido**. Acervo Casa da Cultura Padre Antônio Mendes, 2020.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália)**. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. **The Sacred and the Profane**. Trad. Willard R. Trask. New York: Harcourt, Brace and Company, 1959.

EVARISTO, C. A escrituragem e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrituragem: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Maria Luiza Igino. **A fé que dança e (em)canta: análise das experiências religiosas de congadeiros nas minas de Minas**. 2018.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

FERREIRA, Teresinha de Jesus. **Memórias, histórias e saberes de benzedoras(os), rezadoras(os), raizeiras(os) e ialorixás de Viçosa e Ponte Nova – MG**. Universidade Federal de Viçosa, 2023.

FISCHER, Izaura Rufino. **O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 143 p.

FREY, Klaus. **Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil**. Planejamento e Políticas Públicas, n. 21, jun. 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos Científicos, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Mathias Lambert. São Paulo: Sabotagem, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: BARRETO, Luiz Claudio; RODRIGUES, Marcos (Org.). **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. p. 223- 244.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 1, 3, 4 (seleção organizada por Carlos Nelson Coutinho).

GUSMÃO, N. M. M. **Terras de pretos, terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1996.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: Perspectivas.** Petrópolis: Vozes, 1971.  
HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices.** London: Sage, 1997.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOOKS, bell. **Ain't I a woman? Black women and feminism.** Cambridge: South End Press, 1981.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KLANICZAY, Gábor. Legends as Life-Strategies for Aspirant Saints. In: **The Uses of supernatural power: the transformations of Popular Religion in Medieval and Early Modern Europe.** Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 95-110.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Tradução de Heloíse Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LE GOFF, Jacques. Introdução. In: **São Luís - Biografia.** Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-30.

LEITE, Flaviane Lúcia Pereira. **Linguagens do vestuário: as transformações na indumentária da festa de Nossa Senhora do Rosário de Paula Cândido – MG.** Viçosa, 2019.

LIMA, Raquel dos Santos. **“É como se fosse Santa Rita”:** processos de simbolização e transformações rituais na devoção à santa dos impossíveis. UFRJ, 2014.

LOPES, Ivonete da Silva; CAETANO, Lindem Berg Ribeiro; CARDOSO, Jéssica Suzana Magalhães. **Comunicação quilombola, resistência e proximidade na redução das desconexões no enfrentamento à pandemia.** 2022.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** Tradução de Lúcia Haddad. Revisão técnica de Marina Maluf. Projeto História, São Paulo, n. 17, p. 21, nov. 1998.

MARQUES, Pedro de Aguiar. **Os processos do processo: (re)apropriações e (re)significações dos direitos pela comunidade quilombola de Córrego do Meio/MG.** 2016. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

MENEZES, Renata de Castro. **A Dinâmica do Sagrado: rituais, sociabilidades e santidade num convento do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

MONTEIRO, E. Branco quer aprender dança de preto: Valorização e reconhecimento no registro do patrimônio imaterial afro-brasileiro. In: ABREU, M. et al. (org.). **Cultura negra: novos desafios para os historiadores.** v. 1. Niterói: Eduff, 2018.

MONTEIRO, Livia Nascimento. **Escravidão e liberdade nas festas do Rosário.** 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

MORAES, Carolina. **Ubuntu: filosofia, ancestralidade e diáspora.** São Paulo: Pallas Editora, 2019.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos.** Revista Brasileira de Educação, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – Nova Edição: Usos e sentidos.** Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do Quilombo na África.** Revista USP, n. 28, p. 56-63, dez./fev. 1995/1996.

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista.** Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

OLIVEIRA, Leandro M. de. **Ô Virgem do Rosário, nós viemo te buscá: O ciclo ritual do congo na festa da santa em Airões.** 2017. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

PAIVA, Andréa Lúcia da Silva. **Trançado: memória e devoção aos Santos de Cor nas festividades a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.** Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, v. 22, p. e020027-e020027, 2020.

PAIVA, Andréa. Os trançados religiosos no Rio de Janeiro sob o olhar de uma cultura negra: patrimônio, memória e devoção. In: GOMES, Edlaine; OLIVEIRA, Paola (Orgs.). **Olhares sobre o patrimônio religioso Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Mar de Ideia, Navegação Cultural, 2016. p. 241-271.

PAIVA, Tawani M. de Sousa. **Travessia: as experiências de educandas e educadoras/es no cursinho popular quilombola – córrego do pereira.** In: SOARES, Adriana [et al.]. Metodologia da pesquisa científica [recurso eletrônico]. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

PIO, Aldemiro Gomes. **Simbologias e momentos que remetem a identidade e cultura africana presentes na Banda de Congo José Lucio Rocha do Quilombo Córrego do Meio.** Monografia – Departamento de Geografia. 2016.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. **Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir.** Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”, 2015. Disponível em:

<http://www.uniesp.edu.br/fnsa/revista>. Acesso em: 13 set. 2022.

PRESTES, Cléa Rosane dos Santos. **Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras**. 2011. Tese (Doutorado) – PUC Rio. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/tesesabertas>. Acesso em: 13 set. 2022.

QUEIROZ, Giane Reno Cardoso. **A festa de Nossa Senhora Do Rosário, religiosidade na Comunidade Quilombola Córrego do Meio, Paula Cândido – MG**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SALGADO, H. C. **Brejos dos Crioulos no Sertão Norte Mineiro: desordem e rearranjos em territórios relacionais**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Uberlândia: 2015.

SANCHIS, Pierre. **Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombo: modos e significado**. Brasília, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Novos estud. - CEBRAP*, n. 79, São Paulo, nov. 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reinventar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos em Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Sphan. **Nasce a academia**. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional*, n. 24, 1996, p. 70.

SCIFONI, Simone. **Os diferentes significados do patrimônio natural**. *Diálogos: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Estadual de Maringá*, v. 10, n. 3, 2006, p. 59.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. **Feminismo negro e suas práticas no campo da cultura**. *Revista da ABPN*, n. 1, v. 1, mar./jun., 2010.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

SILVA, Daniel Albergaria. **Festas de guardas, ternos e nações: A coroação de reis congos e a devoção à Nossa Senhora do Rosário**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SILVA, Meryelle Macedo da; SILVA, Rafael Ferreira da; CUNHA JUNIOR, Henrique. **Percursos urbanos como método de reconhecimento do patrimônio cultural negro: urban routes as a method of recognizing black cultural heritage**. *Revista Cocar*, v. 16, n. 34, 2022.

- SILVA, Samuel Morais. **Baobando em uma formação de raiz africana com professoras(es) e núcleo gestor da educação básica na cidade de Crato-CE**. 2018. 239 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SOUSA, P. M.; HAIZENREDER, M. E. **História, memória e religiosidade na festa do Divino Espírito Santo em Natividade - TO**. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 11, n. 22, p. 101-116, jan./abr. 2013. Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil. p. 107.
- SOUSA, Patricia Rodrigues de. **O “como se prepara”, que é a cozinha, também expressa valores e crenças**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 72.
- SOUTO, Amanda Moura. **“HOJE TEVE ALEGRIA NO ROSÁRIO DE MARIA”**: uma descrição densa da festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo, Viçosa-MG. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2019.
- SOUZA, A. F. G. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. p. 55-68. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0005>.
- SOUZA, Celina. **Políticas públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, n. 16, p. 20-45, 2006.
- TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.
- TRAVAGLIA, Lúcia Goulart. **Banda de Congo José Lúcio Rocha e Bloco: fortalecimento da cultura afro-brasileira**. NEABI-UFOP-MARINA/MG, 2015. Anais do III Seminário Pensando África e suas diásporas - parte 2. Universidade Federal de Viçosa, 2017.
- VALERI, Valeri. **Rito**. Enciclopédia Einaudi, v. 30, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.
- VIEIRA, Camila Camargo. **No giro do Rosário: dança e memória corporal na comunidade dos Arturos**. 2003. 168 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. p. 79- 133.
- WATSON, C. W. **“Born a Lady, became a Princess, died a Saint”**: the reaction to the death of Diana, Princess of Wales. Anthropology Today, v. 13, n. 6, p. 3-7, 1997.
- ZALUAR, Alba. Os santos e suas festas. In: ANTROPÓLOGOS, UNICAMP. **Antropologia**.

Campinas: Cortez Editora e Tempo e Presença, 1982.

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso. **Grupo Afro Ganga Zumba: dança e canto de mulheres quilombolas como educação antirracistas na zona da mata mineira**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

## **APÊNDICE A – Perguntas das entrevistas**

### **Perguntas gerais**

1. Como é vivenciada a fé em relação à devoção a Nossa Senhora do Rosário na comunidade?
2. Qual a contribuição e quais mulheres participaram ativamente do processo de reconhecimento da comunidade Córrego do Meio como Quilombo?
3. Como é realizada a confecção das indumentárias do congado e do reinado? Existe diferença em relação à festa de Nossa Senhora do Rosário antes da certificação e pós certificação?
4. Quais são os espaços mais ocupados pelas mulheres na organização da festa de Nossa Senhora do Rosário?
5. Sobre o alimento a ser servido no dia da festa, como é elaborado o cardápio? Quais são as pessoas responsáveis pelo preparo e de onde vem esse alimento?
6. O que significa a festa para você?
7. Qual foi o motivo de ser rainha de compromisso? Qual a sensação ao colocar a coroa durante a coroação? (Direcionada a mulheres que já foram rainhas na festa)

### **Perguntas para as mulheres dos movimentos sociais**

1. Quais órgãos vinculados à cultura popular contribuem na organização da festa do Rosário?
2. Qual o significado de ser uma mulher quilombola para você?
3. Sobre a construção da capela de Nossa Senhora na comunidade, como foi o processo? Quem participou?
4. Com relação ao convívio nos espaços de articulação coletiva na construção da festa e da retomada da comunidade como quilombola, você sente ou já sentiu algum preconceito por ser mulher?

### **Perguntas para as mulheres que não fazem parte do movimento social**

2. Qual é a sua concepção das mudanças em torno da festa?
3. Qual relação você percebe entre o congado e a igreja? Na sua opinião, é mais popular ou religioso?